

EDITORIAL

Esta edição da RBSH traz um texto inédito escrito por um dos mestres da Sexologia brasileira, Paulo Roberto Bastos Canella, que morreu em 2013 deixando um legado importante, principalmente no que se refere ao aprofundamento do estudo da sexualidade dentro da área médica. Seu perfil amável, carismático e agregador, contribuiu para a formação e fortalecimento da ideia de multidisciplinaridade da ação em sexualidade, um dos principais pilares da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana. Pluralidade que se expressa neste exemplar da Revista, que reúne artigos de educadores, psicólogos, médicos e pensadores, que abordam desde a sexualidade do adolescente em contextos diversos, passando por um estudo qualitativo sobre o amor, até uma reflexão das expressões da diversidade sexual, tanto no que se refere ao panorama histórico-conceitual quanto na análise do falocentrismo na expressão do vocabulário gay. A Revista traz ainda um interessante artigo que, após levantamento de campo, revelou que os praticantes de BDSM não se identificam com o enquadramento patologizante, e sim como uma subcultura. A fim de manter a redação original, o texto de Canella “A transexualidade em Machado de Assis” está na sessão Tópicos.

Para comentar sobre a importância de Paulo Canella para a SBRASH, convidamos o ginecologista Jorge José Serapião, companheiro de caminhada e amigo de Paulo Canella, para relembrar fatos importantes de sua trajetória, registrando assim a sua memória.

Ana Cristina Canosa Gonçalves

Editora

EDITORIAL HOMENAGEM

Em 11 de abril de 2013, tive a honra de recepcionar Paulo Canella no momento em que lhe estava sendo outorgada a Medalha Arnaldo Moraes, durante a abertura do 31º Congresso de GO da SGORJ. Três dias depois ele nos deixou.

Estudamos na mesma escola: Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ele formou-se em 1961 e desde estudante dedicou-se à Obstetrícia e Ginecologia.

Em 1962, Canella foi nomeado assistente voluntário no Instituto de Ginecologia (IG) da UFRJ, dois anos depois tornou-se auxiliar de ensino.

Em 1963, fiz parte da primeira turma de residentes do Instituto, já então sob a tutela do professor Victor Rodrigues e então reencontrei Canella como meu preceptor na enfermaria de Clarice do Amaral.

Em 1971 fez livre-docência, tornando-se professor titular de Ginecologia da UFRJ.

Chefiou a Divisão de Reprodução Humana do IG – UFRJ, foi vice-diretor do Instituto e chefe do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia da Faculdade de Medicina da UFRJ.

Com um amigo em comum, Jean Claude Nahun, trilhamos caminhos diferentes com um mesmo objetivo: saber mais sobre sexualidade humana.

Em 1996 fez o curso de pós-graduação em Filosofia Contemporânea na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Nessa época voltamos a nos encontrar como professores do mestrado em Sexologia da Universidade Gama Filho, depois de um concurso de livre-docência em sexualidade humana, no qual concorri e tive o prazer de tê-lo na Banca Examinadora, onde mais uma vez demonstrou uma fidelidade que só os verdadeiros amigos sabem avaliar.

Com o encerramento do mestrado em Sexologia da UGF ele continuou suas atividades como chefe do Ambulatório de Sexologia do Instituto de Ginecologia e eu, ligado à disciplina Sexualidade Humana para o curso de graduação da FM da UFRJ. Depois de alguns anos, juntamos essas atividades em um encontro fraternal que tínhamos às terças feiras no Instituto de Ginecologia com um grupo de colegas que se ligou nós, todos admirando a forma elegante e sedutora com que Canella nos chefiava.

Na vida associativa Canella foi Presidente da Sociedade de Ginecologia e Obstetrícia do Estado do Rio de Janeiro (SGORJ) quando lançou a campanha do tijolo com vistas à aquisição de uma sede própria para a Sociedade. Foi secretário executivo da Federação das Sociedades Brasileiras de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO) e membro de suas Comissões Especializadas.

Foi presidente da Sociedade Brasileira de Estudos da Sexualidade Humana (SBRASH) e membro de sua diretoria por diversas gestões. Era autor prolífico de diversas publicações técnicas e livros, tendo centenas de trabalhos e capítulos de livros publicados desde 1965, no Brasil no exterior, o que o fez membro da Academia Brasileira de Escritores Médicos.

Em literatura escreveu “Compadre Bastos” (livro de contos, publicado pela Editora Roca) que mereceu publicação em Portugal (Humanidades), “Usos e gastos” (poesia), “Mirabolancias” (contos) e em companhia de Franklin Cunha e Luiz Olyntho Telles da Silva o livro de contos mínimos denominado “A porta”. Organizamos, (com a colaboração de vários outros colegas do Instituto de Ginecologia) um livro sobre sexualidade humana voltado para a formação de profissionais de saúde.

Hávamos nos encontrado há um pouco mais que de 50 anos. Brigávamos sempre, mas quando nos entendíamos era um entendimento produtivo. Escrevemos artigos e livros juntos, demos aulas e operamos juntos. Tivemos admiradores e desafetos comuns. Dividimos algumas vezes um prato de rabada com agrião em algum boteco pé sujo.

Sinto saudade, devo confessar.

Ele tinha coisa invejável: um profundo conhecimento sobre as divindades gregas. Falava delas com tal familiaridade que ninguém mais duvidaria que os deuses gregos se relacionassem socialmente com ele e com muitos outros mortais.

Íntimo de Eros e Psique, circulava com desembaraço no Olimpo, ocasionalmente criticando a indústria farmacêutica da época, que estava fazendo propaganda enganosa de afrodisíacos.

Com ele conheci Diotima, que, no Banquete, falando a Sócrates, encerrou uma discussão sobre a imortalidade que poderia muito bem ser referida a Canella.

Que deveremos pensar de um homem ao qual tivesse sido dado contemplar a beleza pura, simples, sem mistura, a beleza não revestida de carne, de cores e de várias outras coisas mortais e sem valor – mas a Beleza Divina?

Achas que não teria valor à vida daquele que elevasse seu olhar para ela e a contemplasse, e com ela vivesse em comunicação? Não te parece que vendo assim adequadamente o belo, esse homem seria o único a poder criar, não sombras de virtude, mas a verdadeira virtude, uma vez que se encontra em contato com a verdade? Ora, para aquele que em si cria e alimenta a verdadeira virtude é que vão os favores e o amor dos deuses – e, se é dado ao homem tornar-se imortal, ninguém mais do que esse o consegue!

Até mais, meu caro amigo Paulo Canella!

Jorge José Serapião

EDUCAÇÃO SEXUAL DE ADOLESCENTES: EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE

Renata Becker Jucá¹; Almerindo Boff²; Daniela Teixeira Borges³; Fernanda Zanco dos Santos⁴; Lissiê Lunardi Sbroglio⁵; Luíza Augustin Müller⁶

SEX EDUCATION FOR ADOLESCENTS: AN EXTENSION PROJECT EXPERIENCE

Resumo: O projeto de extensão “Educação sexual: formando redes de socialização”, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), surgiu da necessidade de estudo e discussão do tema e, principalmente, pela demanda de pedidos de intervenção para orientação aos estudantes e professores em escolas locais. Por meio de questionário aplicado nas turmas atendidas pelo projeto durante os anos de 2011 a 2013, foram levantados dados referentes a comportamento e conhecimentos dos alunos sobre questões relacionadas à sexualidade, como puberdade, mudanças corporais, menarca, semenarca, masturbação, ereção, orgasmo, iniciação sexual e prazer nas relações. A experiência vivida ao longo da execução do projeto mostra o impacto positivo do envolvimento da universidade na educação sexual de adolescentes na comunidade, ao propiciar, também aos acadêmicos, a vivência desse trabalho como parte da formação universitária.

Palavras-chave: sexualidade; educação sexual; saúde sexual; relações comunidade-instituição

Abstract: The extension project “Sexual Education: forming networks of socialization” of the University of Santa Cruz do Sul (UNISC), arose from the need of study and discussion of the topic, and especially by the demand of requests for intervention in local schools, orientation for students and teachers. Through questionnaire in classes served by the project in the years 2011 to 2013, data on students’ behavior and knowledge about issues related to sexuality such as puberty, body changes, menarche, semenarche, masturbation, erection, orgasm, initiation were raised and pleasure in sexual relations. The experience over the project shows the positive impact of university involvement in the sex education of adolescents in the community, by providing also the academics, the experience of this work as part of university educations.

Keywords: sexuality; sex education; sexual health; community-institutional relationships

1. Médica ginecologista, docente na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), coordenadora do projeto de extensão “Educação sexual: formando redes de socialização” Email: rbjuca@gmail.com.

2. Médico psiquiatra, docente na UNISC, integrante do projeto de extensão “Educação sexual: formando redes de socialização”.

3. Médica de família e comunidade, docente na UNISC, integrante do projeto de extensão “Educação sexual: formando redes de socialização”.

4. Acadêmica do curso de Medicina da Universidade de Santa Cruz do Sul.

5. Acadêmica do curso de Medicina da Universidade de Santa Cruz do Sul.

6. Acadêmica do curso de Medicina da Universidade de Santa Cruz do Sul.

Introdução

A preocupação com o desenvolvimento da educação sexual de crianças e adolescentes nas escolas vem crescendo mundialmente. Acompanha essa preocupação a ocorrência de gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, comportamento de risco e violência relacionada à sexualidade na adolescência.

Já no início da década de 1970, representantes de 20 países da América Latina e do Caribe reuniram-se para discutir o trabalho desenvolvido pelo United Nations Population Fund⁷ e pela Swedish Authority for Development⁸, enfocando suas possíveis implicações para a região. Essas discussões culminaram na criação, em 1974, do Sex Education Regional Committee for Latin America and the Caribbean (CRESALC), com sede em Bogotá (CASTELO, 2013). Em 1990, diversas entidades internacionais reuniram-se em Jontiem (na Tailândia) para a Conferência Mundial de Educação para Todos, durante a qual estabeleceu-se o marco mundial para o planejamento das políticas educacionais nacionais. No Brasil, em 1997, a implementação dessas políticas educacionais foi determinada pelo estabelecimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Estes constituem um conjunto de documentos que apresentam as propostas de estruturação curricular, contemplando entre elas a instituição da orientação sexual como um tema transversal, a fim de proporcionar conhecimentos para uma vivência sexual saudável (JACOMELI, 2007).

Segundo os PCNs, a sexualidade deve ser apresentada em todas as disciplinas transversalmente, conforme interesse e dúvidas do

aluno. Dessa forma, se reconhece a necessidade de desenvolver habilidades para falar no assunto, e a participação da escola tem sido exigida de forma marcante pela sociedade. No entanto, os professores devem estar capacitados e informados para esclarecer sobre a sexualidade, e esse trabalho deve ser feito de modo contínuo e permanente, por meio de contextos pedagógicos adequados, didáticas, reflexões e debate de ideias para formar uma educação preventiva, como lembram Moizés e Bueno (2010). Entretanto, ainda se observam muitas dificuldades na implementação do tema educação sexual nas escolas e o despreparo dos professores para abordar a sexualidade.

Algumas dessas dificuldades estão relacionadas a temores que, se assuntos referentes à sexualidade forem expostos, estudados e discutidos abertamente, os estudantes poderão ter despertada curiosidade indevida, desencadeando prematuramente estímulo para a prática sexual. Por outro lado, sabe-se que a falta de conhecimentos sobre sexualidade pode gerar precocidade da iniciação sexual, além de consequências como doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), violência relacionada a comportamentos sexuais e gravidez na adolescência, a qual pode levar ao abandono escolar, prejuízo no futuro profissional, além do sofrimento individual e de alterações no ambiente familiar (GRANT, 1988). Essas ocorrências têm despertado preocupação entre os profissionais, como pode ser verificado em estudos, realizados no Brasil, que procuram estimar a magnitude dos problemas relacionados à gravidez e à violência na adolescência em suas comunidades (MACIEL, 2012; SOARES, LOPES, NJAINE, 2013).

Nesse contexto, pensou-se em realizar um projeto de extensão, concebido como processo

7. O United Nations Population Fund é um órgão subsidiário da Assembleia Geral das Nações que desempenha um papel único dentro do sistema das Nações Unidas: tratar de questões de população e desenvolvimento, com ênfase na saúde reprodutiva e igualdade de gênero.

8. A Agência Sueca para o Desenvolvimento Internacional (sueco: Styrelsen för Internationellt Utvecklingssamarbete, Sida) é uma agência governamental do Ministério dos Negócios Estrangeiros sueco. É responsável pela organização da maior parte da ajuda oficial ao desenvolvimento de países em desenvolvimento.

educativo, cultural e científico que articulasse o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabilizasse a relação transformadora entre a universidade e a sociedade. A extensão permite estabelecer a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, tendo como consequência a produção de conhecimento, resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade (NOGUEIRA, 2000).

O projeto de extensão “Educação sexual: formando redes de socialização”, desenvolvido na Universidade de Santa Cruz do Sul desde 2011, surgiu da necessidade de estudo e discussão de temas voltados à sexualidade humana, buscando a compreensão da realidade vivida no meio socioeducacional, a troca de saberes e propostas de ações, auxiliando, desta forma, docentes do Ensino Superior, da Educação Básica e acadêmicos em sua prática pedagógica e no estudo de temas ligados à sexualidade.

O projeto objetivou ir além de atender pedidos de intervenções pontuais meramente paliativas na transmissão de conhecimentos nas escolas, buscando medidas que possibilitem o diálogo, a compreensão e a escuta de maneira continuada, formando redes de apoio e discussão dentro da universidade, das escolas e da comunidade.

Dessa forma, o trabalho de educação sexual na escola, desenvolvido pelo grupo de bolsistas do projeto de extensão, foi proposto para a promoção da saúde dos adolescentes. Além disso, teve como objetivo proporcionar maior conhecimento e fornecer orientações embasadas cientificamente sobre o tema, buscando motivar esses adolescentes à autopercepção sobre a sua sexualidade, ampliando os conhecimentos a respeito dos cuidados preventivos.

O presente artigo versa acerca do trabalho realizado por este projeto, que busca aproximar-se dos adolescentes por ele beneficiados no esforço

de compreender quem são estes sujeitos, bem como a maneira como os mesmos vivenciam o aprendizado da sexualidade. Ao mesmo tempo em que se propôs a atividade de orientação em educação sexual, foi aplicado um questionário com objetivo de levantar dados referentes aos conhecimentos e ao comportamento dos alunos sobre questões relacionadas à sexualidade, como parte da proposta pedagógica. Estruturou-se, assim, um projeto objetivando abarcar três frentes avaliadas como essenciais para a construção de um trabalho efetivo na saúde sexual: professores, seus alunos de escolas da região e acadêmicos da Unisc (BOFF, 2013).

Metodologia

Procedimentos

O projeto de extensão “Educação sexual: formando redes de socialização” foi previamente aprovado pela pró-reitoria de extensão da Universidade, atendendo aos critérios da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde.

O projeto foi desenvolvido por professores universitários e bolsistas selecionados entre vários cursos como enfermagem, psicologia, biologia, medicina, visando a formação de uma equipe multidisciplinar com o intuito de formação acadêmica inter e transdisciplinar. Os acadêmicos participaram de um curso de formação e treinamento em sexualidade humana e capacitação pedagógica para o desenvolvimento das ações nas escolas.

Antes do início das atividades na escola, pais e professores foram convidados a participar de uma reunião de esclarecimento e informação a respeito da importância de trabalhar o tema da sexualidade com os adolescentes, bem como das atividades a serem desenvolvidas pelo projeto. Para as ações na escola, os acadêmicos realizaram, em cada turma, seis a oito encontros, variando conforme a demanda por explicações, durante o período de aula, acompanhados algumas

vezes pela professora da disciplina. Foram utilizadas metodologias ativas e participativas para a exposição dos temas propostos.

Participantes

O projeto de educação sexual desenvolveu atividades em escolas de Ensino Fundamental de Santa Cruz do Sul, RS, no período de 2011 a 2013. As atividades foram realizadas com 136 alunos das turmas de 5ª, 6ª e 8ª série, em três escolas: duas estaduais (76%) e uma particular (24%); com adolescentes entre 11 e 17 anos (média de idade de 13 anos). A maioria desses estudantes era do sexo masculino (51,5%). Do total de alunos, 47% cursavam a oitava série, 38% cursavam a quinta série e o restante cursava a sexta série.

Instrumentos

As atividades com todas as turmas tiveram uma estrutura predefinida, referentes aos assuntos fisiologia da puberdade, anatomia e fisiologia da resposta sexual, gravidez e métodos anticoncepcionais, DSTs, namoro e relacionamentos, e diversidade sexual. Durante os encontros com as turmas, as bolsistas utilizaram metodologias ativas para a exposição dos temas propostos, com a realização de dinâmicas variadas a fim de que houvesse maior interação com os alunos, possibilitando a formação de um vínculo para que seus questionamentos fossem esclarecidos.

No primeiro encontro, para verificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre os aspectos que envolvem a Sexualidade (puberdade, iniciação sexual, orgasmo, entre outros), foi aplicado um questionário contendo 36 questões fechadas, elaboradas pelo grupo do projeto de extensão (Questionário 1). No encontro subsequente, que assumiu o tema Anatomia, foi solicitado aos alunos que, em duplas, desenhassem a genitália externa masculina e feminina, no início do encontro, a fim de verificar o quanto os adolescentes tinham conhecimento sobre o seu próprio corpo e o do sexo oposto. Após, foram mostrados imagens

das genitálias masculina e feminina, explicando as mudanças que ocorrem com o decorrer da puberdade, bem com as ilustrações das características sexuais secundárias, como, por exemplo, o crescimento das mamas nas meninas, aparecimento de pelos axilares, alteração da voz nos meninos.

O encontro seguinte foi destinado a esclarecimentos sobre relação sexual, gravidez e métodos anticoncepcionais, e também a responder às dúvidas dos alunos sobre esses assuntos, dentre as quais citamos: “Com quantos anos é aconselhável perder a virgindade?”; “No começo do namoro é normal fazer sexo?” e “Com quanto tempo de namoro é aconselhável fazer sexo?”; “Quando se perde a virgindade sangra muito?; A dor é psicológica?”; “É melhor ir no ginecologista antes ou depois da primeira vez?”; “Quais são os tipos de camisinha?”; “Sempre tem que tomar anticoncepcional depois de ter relações sexuais?”; “Pode tomar pílula do dia seguinte uma semana depois? Vai fazer o mesmo efeito?”; “Se masturbar em excesso causa algum problema? Quais?”; entre outras questões.

Em outro dia de atividades, foi realizada uma dinâmica com o intuito de ressaltar a importância do uso do preservativo para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). A dinâmica consistiu em distribuição aleatória de papéis para os alunos contendo um sinal de positivo, outros com um círculo e outros apenas o papel em branco. Após, os alunos foram estimulados a estabelecer alguma forma de contato entre eles, como um abraço ou aperto de mão. A seguir, foi solicitado aos alunos que olhassem o que havia em seus papéis e foi explicado o significado de cada símbolo, sendo o sinal de positivo, portador do vírus da imunodeficiência humana (HIV), o círculo, indicando o uso de preservativo e o papel em branco apontando a ausência do uso do preservativo e, desta forma, a contaminação com o HIV após o contato com os portadores do vírus. Ao serem informados sobre isso, foi possível observar

a reação de espanto de cada um deles: foram questionados a respeito do que estavam sentindo/pensando naquele momento. O sentimento de revolta sentido pelos que foram “contaminados”; a culpa do que tinha contaminado os outros, e a sensação de alívio dos que tinham o sinal de ter usado o preservativo foi notada de forma marcante. Essa foi uma forma de sensibilização para despertar sentimentos e provocar consciência para desenvolver a prevenção. Ao final da dinâmica, foi frisada a importância de usar preservativo para prevenção de DSTs, pois não é possível saber quem está e quem não está infectado, a não ser que a pessoa relate. Além disso, foi explicado que aquela era apenas uma dinâmica, e que o contato daquela forma como haviam estabelecido não transmitia o vírus. Foi frisado que para a transmissão ocorrer era necessário contato sexual sem o uso de preservativo ou através de sangue. Foi oportunizado conhecimento da diferença entre os preservativos masculinos, além da atividade prática de colocação do preservativo masculino em moldes anatômicos.

O próximo assunto discutido foi diversidade sexual, com esclarecimentos sobre a diferença entre sexo e gênero. Após, conversou-se sobre atitudes e atividades que são social e culturalmente atribuídas ao sexo masculino ou ao sexo feminino. Também propiciado o diálogo sobre as diferentes orientações sexuais, ressaltando-se a importância de respeitar as escolhas e orientação afetiva e sexual de cada indivíduo, advertindo-se sobre o preconceito e a homofobia.

No último encontro, foi realizada a dinâmica de “Mitos e verdades”, com frases relacionadas aos assuntos trabalhados nos encontros anteriores, objetivando verificar a efetividade da atividade do projeto, além de frisar aspectos relevantes para uma vivência sexual saudável, esclarecendo eventuais dúvidas. Nesse dia também foi aplicado o questionário final destinado a uma avaliação dos alunos acerca da atividade realizada pelas acadêmicas, respondido sem necessidade de

identificação, e continha cinco questões, duas fechadas e três abertas (Questionário 2).

Os dados dos questionários aplicados durante as atividades na escola foram analisados, alguns dos quais são discutidos a seguir.

Resultados e discussão

Dados do Questionário 1

Em relação aos dados sócio-demográficos, quanto à idade dos pais, a média foi de 44 anos, variando entre 30 e 78 anos; a média de idade das mães foi de 40 anos, variando entre 29 e 60 anos. Dos estudantes entrevistados, 53,7% afirmaram morar com pais e irmãos, 21,3% moravam com pai ou mãe, e 14% com outros familiares. Com base nesses dados, observa-se que um número significativo não vive em uma família nuclear tradicional formada por pai, mãe e irmãos.

Conforme o estudo de Pratta e Santos (2007), a família tem um papel fundamental na constituição dos indivíduos, sendo importante na organização da personalidade e no comportamento individual. Com o decorrer dos anos, houve uma mudança significativa da instituição familiar “família tradicional”, o que foi também observado no presente estudo.

Atualmente, além das preocupações gerais dos pais com a questão da adolescência dos filhos, existem dois grandes problemas que vêm afligindo os adultos: a iniciação sexual cada vez mais precoce e a ameaça da drogadição. Estudos de avaliação da situação familiar no processo da adolescência ainda são escassos, principalmente no que se refere à exploração de temas complexos, como sexualidade e consumo de drogas (PRATTA, SANTOS, 2007).

Quando questionados sobre se falavam ou não de sexo, 60% afirmaram que falavam, e a pessoa mais procurada para tratar sobre esse assunto era um amigo (36%), seguido da mãe e do namorado ou namorada (11,8% e 4,4% respectivamente). Percebe-se que 40% dos adolescentes afirmaram

não falar sobre sexo, o que sugere imaturidade ou permanência desses na fase infantil ou, ainda, a compreensão desse assunto como um tabu dentro da estrutura familiar.

Em concordância com esses dados, Borges, Nichiata e Schor (2006), ao analisar com quem os adolescentes conversavam com maior frequência sobre sexo, encontraram os amigos em primeiro lugar, com variação da segunda e terceira posição entre homens e mulheres. Para os primeiros, a segunda posição era com pais e mães e a terceira com ninguém; já para as mulheres, eram outros familiares e pais e mães, respectivamente. Muitas vezes os adolescentes optam pela reclusão do ambiente familiar e elegem buscar informações em outros meios. Em decorrência disso, é fundamental que a família preste atenção ao seu filho e estabeleça diálogo, relações de respeito e afeto, possibilitando aos jovens o exercício da confiança em seus pais.

Segundo Gomes et al (2002), com grande frequência o adolescente recebe informações sobre saúde e sexualidade de amigos ou de pessoas pouco preparadas para essa função, sendo que os assuntos abordados na maioria das vezes são DSTs e AIDS. Porém, a sexualidade envolve questões que transcendem o biológico, e os adolescentes acabam não entendendo as mudanças também psicossociais pelas quais passam.

Conforme Vonk, Bonan e Silva (2013) e Romero et al (2007), os adolescentes obtêm suas informações sobre sexualidade com mães e/ou pais, ao contrário dos resultados encontrados no questionário aplicado. Segundo Grossman et al (2013), o diálogo sobre sexualidade entre os adolescentes e seus pais é capaz de postergar a primeira relação sexual.

De acordo com Rodrigues (2000),

a hora de transar, que parece ser um tanto quanto especial na vida dos adolescentes, torna obrigatório que pais e filhos tomem algumas providências. Essas providências são fruto de uma época em

que a conduta sexual das pessoas, sejam elas crianças, adolescentes ou adultos, deve passar por transformações desde a sua concepção até a sua operacionalização, resgatando valores como o respeito próprio. [...] O sexo deve ser encarado como um produto final do encontro de intimidade entre duas pessoas, e não como produto de uma atitude, às vezes precipitada, inconsequente, beirando a promiscuidade, fruto do acaso, da desinformação e do proibido que vira modismo.

A mídia, por sua vez, propaga a erotização do adolescente, estimulando a precocidade da iniciação sexual e sua banalização, tornando-se necessário falar adequadamente sobre temas como sexualidade e sexo para a população, visando a saúde sexual. A ausência de informações e de domínio das práticas contraceptivas, por exemplo, podem resultar em gravidez não desejada (MOIZÉS, BUENO, 2010).

Diante de tais problemas, Gomes et al (2002) refere que a escola é apontada pelos jovens como o local mais adequado de preparação para a vida em sociedade, sendo que é responsabilidade do sistema escolar promover a educação integral da criança e do adolescente, além de discutir a sexualidade de maneira voltada à educação sexual. O apelo na mídia não tem sido suficiente para que os adolescentes adotem o sexo seguro, e a ausência de uma educação sexual mais aprofundada é provavelmente um dos motivos para essa falta de adesão.

Ao serem questionados se sabiam ou não sobre assuntos referentes à sexualidade, os resultados variaram de acordo com a Tabela 1. Com relação a isso, pode-se observar que quase metade dos alunos questionados não sabia o que é puberdade, assim como grande parcela dos alunos não sabia sobre as mudanças corporais características dessa fase. Vários estudos abordam a questão do conhecimento dos adolescentes sobre os assuntos relacionados à sexualidade, como DSTs, métodos contraceptivos, mudanças

que acontecem no corpo, entre outros (ROMERO et al, 2007; THEOBALD et al, 2012).

Resultados que também evidenciaram a falta de conhecimento sobre a puberdade e suas mudanças foram encontradas por Camargo e Ferrari (2009), em que, quando questionados sobre a localização do clitóris, 77,9% dos alunos não souberam responder; e no mesmo estudo apenas 28,2% responderam corretamente o período do mês em que a mulher pode engravidar; sendo que ambas as respostas foram anteriores às oficinas de prevenção realizadas em associação ao estudo. Quando a pergunta foi sobre masturbação, 61,8% dos alunos responderam que sabiam o que era masturbação. Dados semelhantes foram encontrados por Maia (1998), em que, em um questionário aplicado apenas em adolescentes do sexo feminino, somente 58% demonstraram saber o que é masturbação. Chama a atenção que grande percentagem (42%) de adolescentes femininas não sabem o que é masturbação, o que aponta para um desconhecimento importante para desenvolvimento de atividade sexual.

Interessante notar que os adolescentes não possuem conhecimentos sobre o corpo e suas transformações, no entanto, referem saber sobre comportamento e atividade sexual. Isso é próprio desta faixa etária, para a qual interessa saber o que fazer com os estímulos sexuais percebidos, como a masturbação, embora não apresentem entendimento sobre como as mudanças corporais sexuais acontecem na puberdade, conforme pode ser visto na Tabela 1.

Quando interrogados sobre a prática sexual, apenas 15 (11%) afirmaram já ter tido relação sexual, variando a idade da iniciação sexual entre os 11 e 15 anos, com média de 13,4 anos. Alguns estudos, realizados no decorrer dos anos, apontaram a tendência à ocorrência da iniciação sexual mais cedo e também sugeriram que é comum haver diferença na idade de início da prática sexual entre homens e mulheres. De acordo com Borges e Schor (2005), no ano de 1984, a idade de iniciação

sexual entre homens e mulheres de 16 a 19 anos foi de 15,3 anos para os homens e de 16 anos para as mulheres. Em um trabalho publicado em 1998, esses números decaíram para 14,5 e 15,2, respectivamente. Na pesquisa realizada por Borges e Schor (2005), a primeira relação sexual ocorreu em média aos 15,3 anos de idade, tendo como amostra uma população de 406 jovens entre 15-19 anos. Através dos dados obtidos pelo questionário aplicado neste projeto de educação sexual, a média da idade da primeira relação sexual foi mais cedo (13,4 anos), e uma das razões para isso pode ser o fato de a amostra utilizada pertencer à faixa etária de 11 a 17 anos.

Outro estudo que demonstrou a tendência à precocidade da iniciação sexual pela relação sexual foi o de Romero et al (2007), o qual constatou que, em estudos nos anos 1990, a média de idade da primeira relação sexual do sexo feminino era de 16 anos, e que 70% das adolescentes com 19 anos tiveram pelo menos uma relação sexual. Em 2000, no Brasil, a média de idade da primeira relação sexual em meninas foi de 15 anos.

O estudo brasileiro de Paiva et al (2008) também analisou a idade da iniciação sexual no ano de 2005 e constatou que a média de iniciação sexual foi de 14,9 anos, em uma amostra de jovens de 16 a 19 anos. Além disso, esse trabalho também realizou um comparativo com a média de idade da primeira relação sexual em 1998, demonstrando que essa média vinha mantendo-se estável entre jovens dessa faixa etária. Com relação ao gênero, Borges e Schor (2005), ao analisar a média de idade de iniciação sexual, não encontraram diferença estatisticamente significativa entre os gêneros.

Segundo a análise realizada pelo projeto de extensão, a média da idade da iniciação sexual entre os meninos foi de 13,09 anos e entre as meninas foi de 14,25 anos. Os dados analisados, assim como os referentes ao trabalho de Gubert e Madureira (2008), mostram que a idade de iniciação sexual masculina apresenta-se inferior à média nacional, que é de 15 anos. Em relação ao gênero,

percebeu-se que a proporção de adolescentes do sexo masculino que já tiveram relações é maior em relação ao sexo feminino. Isso pode estar relacionado, segundo Gubert e Madureira (2008), a aspectos ligados ao gênero, presentes na constituição da masculinidade, que estimulam o homem ao início precoce da vida sexual.

Quanto ao prazer na relação sexual relacionado ao gênero, os resultados variaram conforme a Tabela 2. Percebeu-se que houve dificuldade na compreensão da expressão: “prazer nas relações”. Verifica-se que apesar de apenas 15 jovens terem tido relação sexual, 22 responderam a essa questão, a qual era direcionada exclusivamente aos alunos que já haviam iniciado a vida sexual. Com isso, algumas hipóteses podem ser feitas, entre elas, a de que os estudantes nessa faixa etária ainda não possuem o conhecimento necessário para respondê-la. Pode também tratar-se de uma limitação decorrente da construção do questionário, que não discriminou entre prazer genital e não genital, presentes nos relacionamentos afetivo e ou sexual.

Relacionando a idade com a menarca e a semenarca, os dados obtidos constam na Tabela 3. Observa-se que a maioria dos alunos já tiveram menarca ou semenarca, sendo que a faixa de idade entre 13 e 14 anos foi a de maior ocorrência para ambos os sexos. A média de idade de menarca foi de 13,4 anos e de semenarca de 13,5 anos (Tabela 3)

b) Avaliação da atividade na escola

Com base no questionário aplicado no último dia de atividades na escola, foi possível fazer uma avaliação acerca da intervenção do projeto de extensão junto aos adolescentes, tomando por base os depoimentos de uma parte das turmas. Para a primeira pergunta (Conseguimos responder suas dúvidas?), 83,88% dos alunos responderam sim, 3,22% responderam não e 12,90%, mais ou menos. Consideramos o resultado muito positivo, já que a grande maioria dos adolescentes conseguiu

esclarecer suas dúvidas a respeito dos assuntos que envolvem a sexualidade, demonstrando benefício com a realização da atividade.

Com relação aos temas de maior interesse, 32,25% responderam que todos os temas foram interessantes; 32,25% argumentaram que sexo, gravidez e métodos contraceptivos foram os assuntos que despertaram maior interesse; 19,35%, 9,7% e 6,45% declararam ser masturbação, fisiologia e anatomia masculina e feminina, e mitos e verdades os temas mais interessantes, respectivamente. Sabe-se que os temas que mais despertam interesse são os relacionados à atividade sexual. Uma hipótese que pode explicar isso consiste no fato de os adolescentes nessa faixa etária estarem passando por um momento de muitas dúvidas quanto à atividade sexual, em que escutam opiniões diversas de colegas e também se informam por meio da mídia. Por esse motivo, necessitam de uma pessoa, pais ou escola, que lhes esclareça como é realizado o sexo, os cuidados necessários nessa relação e as consequências possíveis, como gravidez, no caso de não ser usado método contraceptivo. Pode-se inferir, também, que o tema fisiologia e anatomia masculina apresentou menor curiosidade por ser parte do currículo da sétima série nas aulas de ciência, e os alunos já terem visto.

Em relação a se restaram dúvidas, 93,55% afirmaram que não, enquanto 6,45% alegaram restar dúvidas, dentre elas: “Por que a mídia é tão machista?”; “É normal atrasar a menstruação?”; “É possível engravidar com sexo oral?”. Embora no decorrer das atividades na escola, as acadêmicas do projeto tenham trabalhado acerca desses assuntos, é possível perceber que alguns aspectos não foram fixados pelos alunos, o que aponta para a importância de uma atividade continuada, especialmente pelos professores que estão presentes durante os períodos escolares.

Quanto à classificação da atividade em “boa”, “média” e “ruim”, a maioria (90,32%) respondeu que foi “boa” e 9,68%, “média”. Isso

nos indicou uma manifestação de agrado e aprovação por parte dos adolescentes. Observa-se frequentemente que, quando alunos são convidados para uma atividade de aprendizado extraclasse, muitos não comparecem, por uma possível falta de interesse ou comprometimento. Entretanto, embora tenha sido uma atividade realizada durante o período de aula, e não extraclasse, os alunos poderiam ou não optar por participar dos encontros. Contudo, todos os adolescentes participaram e demonstraram interesse nas atividades e em esclarecer suas dúvidas. Além disso, percebemos muito interesse em que o projeto continuasse.

Com a última questão, sobre elogios, críticas e sugestões, foi possível perceber a demonstração de aceitação e relevância das atividades realizadas, ratificando as respostas da questão anterior. Destacam-se os seguintes comentários: “Gostei bastante dos encontros, pois consegui tirar dúvidas que às vezes eu não tinha coragem de perguntar aos meus pais. [...]”; “é um ótimo projeto, pois os adolescentes precisam ficar sabendo como é o seu corpo e os riscos que correm.”; “Foi ótimo escutar vocês conversando com nós sobre aqueles assuntos complicados de se dialogar.”; “Acho que todos aprenderam muito mais sobre sexualidade. E acho que ninguém teve vergonha de perguntar ou de falar alguma coisa. Foi divertido, engraçado e bem conveniente. Tenho certeza que o que eu aprendi vou levar para vida toda.”; “Muito legal o trabalho de vocês, fiquei mais informado sobre esse assunto, quem sai ganhando somos nós, pois quando tivermos nossa primeira relação sexual saberemos os riscos que corremos e nos protegeremos.”

Conforme a experiência vivenciada nos encontros, percebeu-se a importância de ter um espaço para a discussão de sexualidade que forneça informações seguras, propondo discutir e refletir sobre o assunto com maior liberdade, o que muitas vezes não acontece no convívio com pais ou professores. Com a realização do questionário foi possível avaliar a metodologia e relevância deste

trabalho, demonstrando que os alunos tiveram interesse em conversar sobre sexualidade e que o julgamento deles sobre a atividade foi positivo. Outrossim, percebeu-se que restaram dúvidas, e isso sugere mais uma vez a necessidade de mais tempo e continuidade deste trabalho na escola, bem como de maior envolvimento dos professores.

Considerações finais

Ao analisarmos a realização desse projeto de extensão lidando com essa faixa etária, percebe-se a importância do trabalho, uma vez que a adolescência é uma etapa da vida na qual a personalidade está em fase final de estruturação e a sexualidade faz parte desse processo, principalmente como um elemento estruturador da identidade do adolescente, conforme Osório (1989).

O efeito do trabalho educacional com consequente resultado de prevenção, realizado com metodologia participativa para adolescentes, é de difícil mensuração, já que envolve a influência de características regionais, religiosas e culturais, as quais devem ser consideradas ao se avaliar a eficácia de programas de educação sexual. Ao mesmo tempo, percebe-se as manifestações dos adolescentes, que se mostraram muito interessados e querendo saber mais, o que indica a conveniência da continuação do trabalho educacional envolvendo a coparticipação de profissionais da saúde e da educação. Mesmo que resultados do trabalho não se mostrem em curto prazo, é preciso acreditar e continuar para que as pessoas sejam mais saudáveis e felizes sexualmente, como diz Vitiello (1997). Pretende-se que este estudo possa instigar a busca por metodologias eficazes para a orientação dos adolescentes para uma vivência saudável da sexualidade.

Este projeto de extensão universitária mostra a importância do desenvolvimento do estudo da sexualidade no meio acadêmico por um melhor preparo dos profissionais em formação, ao lidar com assuntos relacionados ao tema. A

universidade pode e deve se tornar um instrumento de incentivo à utilização de recursos inovadores para a busca de uma atuação pedagógica eficiente na escola. Ao lado da formação dos acadêmicos, o projeto possibilita a ação na escola e a aplicação dinâmica dos conhecimentos no contato direto com os adolescentes. Concluindo, sabemos que a educação sexual exige capacitação com continuidade. Sem isso, todos os projetos estarão fadados ao insucesso.

Referências

- BOFF, A.; JUSTEN, A. P.; DEUFEL, C.; CAUDURO, P. B. Projeto de extensão Educação Sexual: formando redes de socialização. In: Menezes, A. L. T.; Helfer, C. L. L. (org.) *Ensino e extensão: formação e socialização do conhecimento*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2013. Disponível em: < <http://www.unisc.br/edunisc> > Ebook.
- BORGES, A. L. V.; SCHOR, N. Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo, Brasil, 2002, *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 499-507, mar.-abr. 2005.
- BORGES, A.L.V.; NICHATA, L.Y.I.; SCHOR, N. Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 14, n. 3, p. 422-427, maio-jun. 2006.
- CAMARGO, E.A.I.; FERRARI, R.A.P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3. maio-jun. 2009.
- CASTELO, R. R. History of sexual education in Latin America. The Journal of Sexual Medicine. In: Congresso of the World Association for Sexual Health, 21., Porto Alegre, 2013. *Anais*. Porto Alegre: World Association for Sexual Health, 2013. p. 277-297.
- GOMES, W.deA.; COSTA, M. C. O.; SOBRINHO, C. L. N.; SANTOS, C. A. S. T.; BACELAR, E. B. Nível de informação sobre adolescência, puberdade e sexualidade entre adolescentes. *Jornal de Pediatria*, Porto Alegre, v. 78, n. 4, p.302-308, maio 2002.
- GRANT, L. M.; DEMETRIOU, E. Adolescent sexuality. *Pediatr. Clin. North Am.*, 1988.
- GROSSMAN, J. M.; FRYE, A.; CHARMARAMAN, L.; ERKUT, S. Family homework and school-based sex education: delaying early adolescents' sexual behavior. *Journal of School Health*, 2013.
- GUBERT, D.; MADUREIRA, V.S.F. Iniciação sexual de homens adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, dez. 2008.
- JACOMELI, M. R. M. *PCNs e temas transversais: análise histórica das políticas educacionais brasileiras*. Campinas: Alínea, 2007.
- MACIEL, S. S. S. V.; MACIEL, W.V.; OLIVEIRA, A. G. de L.; SOBRAL, L.de V.; SOBRAL, H. de V.; CARVALHO, E. S. de; SILVA, A. K. de S. Epidemiologia da gravidez na adolescência no município de Caruaru, Pernambuco. *Revista da AMRIGS*, Porto Alegre, v. 56, n. 1, p. 46-50, jan.-mar. 2012.
- MAIA, A. C. B. Informações sobre temas relativos à sexualidade em um grupo de adolescentes de uma escola pública de Bauru-SP. *Revista Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 41-58, 1998.
- MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. *Revista da Escola de Enfermagem da Universidade de São*

Paulo, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 205-212, 2010.

NOGUEIRA, M.D.P. *Extensão universitária: diretrizes conceituais e políticas*. Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 2000. 194 p.

OSÓRIO, L. C. *Adolescência hoje*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

PAIVA, V.; CALAZANS, G.; VENTURI, G.; DIAS, R. Idade e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros. *Revista de Saúde Pública*. São Paulo, v. 42, n. 1, jun. 2008.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, maio-ago. 2007.

RODRIGUES, D. *O adolescente hoje*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

ROMERO, K. T.; MEDEIROS, É. H. G. R.; VITALE, M. S. S.; WEHBA, J. O conhecimento das adolescentes sobre questões relacionadas ao sexo. *Revista da Associação Médica Brasileira*, São Paulo, v. 53, n. 1 jan.-fev. 2007.

SOARES, J. dos S. F.; LOPES, M. J. M.; NJAINE, K. Violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: busca de ajuda e rede de apoio. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 6, jun. 2013.

THEOBALD, V. D.; NADER, S. S.; PEREIRA, D. N.; GERHARDT, C. R.; OLIVEIRA, F. J. M. A universidade inserida na comunidade: conhecimentos, atitudes e comportamentos de adolescentes de uma escola pública frente a doenças sexualmente transmissíveis. *Revista da AMRIGS*, Porto Alegre, v. 56, n. 1, p. 26-31, jan.-mar. 2012.

VITIELLO, N. *Sexualidade: quem educa o educador*. São Paulo: Iglu, 1997.

VONK, A. C. R. P.; BONAN, C.; SILVA, K. S. d. Sexualidade, reprodução e saúde: experiências de adolescentes que vivem em município do interior de pequeno porte. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 18, n. 6, p. 1795-1807, 2013.

Bibliografia consultada

CAVAZOS-REHG, P. A.; KRAUSS, M. J.; SPITZNAGEL, E. L.; IGUCHI, M.; SCHOOTMAN, M.; COTTLER, L.; GRUCZA, R. A.; BIERUT, L. J. Associations between sexuality education in schools and adolescent birthrates: a state-level longitudinal model. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, v. 166, n. 2, p. 134-140, 2012.

CERVANTES, G. V.; JORNADA, L. K.; TREVISOL, F. S. Perfil epidemiológico das vítimas de violência notificadas pela 20ª Gerência Regional de Saúde de Tubarão, Santa Catarina. *Revista da AMRIGS*, Porto Alegre, v. 56, n. 4, p. 325-229, out.-dez. 2012.

TORNIS, N. H. M.; LINO, A. I. de A.; SANTOS, M. A. M. dos; LOPES, C. L. R.; BARBOSA, M. A.; SIQUEIRA, K. M. Sexualidade e Anticoncepção: O Conhecimento do Escolar/Adolescente. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 7, n. 3, p. 344-350, 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/index.php/fen/article/view/898/1089>>. Acesso em: set. 2013.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO 1

Instrumento para avaliação sobre sexualidade na escola destinado aos ALUNOS

Entrevistador ou coletador: _____

Questionário n°: _____

Parte 1: Dados de identificação

1. Qual sua data de nascimento? ____/____/_____.
2. Qual seu sexo? (1) masculino (2) feminino
3. Em que série você está? _____
4. Marque quem mora com você?
() pais () irmão(s) () avós () outros, quem? _____
8. Qual a idade de seu pai? _____ anos
9. Quantos anos seu pai estudou? _____ anos
10. Em que o seu pai trabalha? _____
11. Qual é a idade de sua mãe? _____ anos
12. Quantos anos sua mãe estudou? _____ anos
13. Em que sua mãe trabalha? _____

Parte 2: Vamos conversar sobre seu corpo...

18. Você fala sobre sexo? (1) não (2) sim
19. Se sim, com quem você fala sobre sexo?
(1) amigo(a) (2) namorado(a) (3) professor(a) (4) pai (5) mãe (6) médico (7) outro: _____
20. Você sabe o que é puberdade? (1) não (2) sim
21. Você sabe quais as mudanças ocorrem no seu corpo? (1) não (2) sim
22. Se você é menina, já menstruou? (1) não (2) sim
23. Se você é menina e respondeu "sim", com que idade menstruou pela primeira vez? _____ anos.
24. Se você é menino, já eliminou sêmen (já teve ejaculação)? (1) não (2) sim
25. Se você é menino e respondeu "sim", com que idade isso aconteceu pela primeira vez? _____ anos.

Parte 4: Vamos ver se você sabe como seu corpo funciona...

25. Você sabe o que é masturbação? (1) não (2) sim (3) mais ou menos
26. Você se masturba? (1) não (2) sim, sempre (3) sim, às vezes
28. Quantas vezes: ____ semana ____ mês
29. Você sabe o que é ereção? (1) não (2) sim (3) mais ou menos
30. Você sabe o que é orgasmo? (1) não (2) sim (3) mais ou menos

Parte 5: Vamos falar de relacionamento sexual...

31. Você sabe o que é relação sexual? (1) não (2) sim
32. Você acha que precisa casar para fazer sexo? (1) não (2) sim

33. Você já teve relação sexual? (1) não (2) sim
34. Se você respondeu “sim”, com que idade você teve a primeira relação sexual? _____ anos.
36. Você sente prazer nas relações sexuais? (1) sempre (2) às vezes (3) nunca

Parte 6: Questões abertas: o que você tem curiosidade em saber?

Sobre quais desses assuntos, relacionados à sexualidade, você gostaria de saber mais? Marque apenas três!

- (1) anatomia humana (diferenças anatômicas no corpo de homens e mulheres)
(2) menstruação e ejaculação
(3) homossexualidade, diferença de gêneros
(4) gravidez e métodos anticoncepcionais
(5) alterações no corpo provocadas pela puberdade
(6) relação sexual
(7) doenças sexualmente transmissíveis
(8) “o ficar”, iniciação sexual
(9) namorar, o relacionamento afetivo
(10) projeto de vida
(11) outro: _____

QUESTIONÁRIO 2**Questionário de avaliação do projeto de educação sexual**

1) Conseguimos responder suas dúvidas?

SIM () NÃO () MAIS OU MENOS ()

2) Qual foi o tema que mais te interessou?

3) Restaram dúvidas? Quais?

4) Atividade foi

BOA () MEDIA () RUIM ()

5) Escreva sua crítica, elogio ou sugestão.

Muito obrigado.

Tabela 1: Você sabe...?

	%		
	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>Não sabia totalmente/ Não respondeu</i>
<i>... O que é puberdade?</i>	26,5	49,3	24,3
<i>...Quais mudanças que ocorrem no corpo?</i>	11,8	66,9	21,4
<i>...O que é masturbação?</i>	61,8	22,1	16,2
<i>...O que é ereção?</i>	38,2	44,9	16,9
<i>...O que é orgasmo?</i>	35,3	30,1	34,5
<i>...O que é relação sexual?</i>	93,4	4,4	2,2

Tabela 2: Iniciação sexual, prazer nas relações e o falar de sexo em relação ao gênero.

Gênero	Já teve relação sexual (%)		Prazer nas relações (%)			Fala de sexo (%)	
	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>Sempre</i>	<i>Às vezes</i>	<i>Nunca</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>
Masculino	8,08	43,31	36,36	31,81	4,54	28,67	22,05
Feminino	2,94	41,91	9,09	13,63	4,54	28,67	16,17

Tabela 3: Menarca e semenarca relacionadas à idade.

Idade	Menarca		Semenarca	
	<i>Sim (%)</i>	<i>Não (%)</i>	<i>Sim (%)</i>	<i>Não (%)</i>
11	1,5	13,8	1,58	25,32
12	13,8	7,61	9,58	3,16
13	24,6	3,07	17,38	6,32
14	26,1	3,07	17,38	7,9
15	3,07	1,53	6,34	1,58
16	3,07	0	3,16	0
17	1,53	0	0	0

TRABALHOS DE PESQUISAS

ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS SEXUAIS PARA ALÉM DA DOR NA VISÃO DE PRATICANTES DE BDSM

Adriana Ribeiro de Oliveira Santos¹

STUDY ON SEXUAL PRACTICES BEYOND THE PAIN IN THE VIEW OF PRACTITIONERS OF BDSM

Resumo: Este estudo resultou em trabalho de conclusão de curso orientado pela psicóloga Ms. Vera Lúcia Vaccari. O acrônimo BDSM é formado por: Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo. São muitos os olhares sobre esse universo, advindos da psicologia e da psiquiatria, que, com maior ou menor ênfase, em geral consideram as práticas sob a perspectiva da patologização. Objetivos: Levantar as concepções relacionadas a prazer e dor em praticantes de sadomasoquismo. Materiais e métodos: A pesquisa adotou uma perspectiva qualitativa, tendo como base uma revisão bibliográfica e um trabalho de campo que contou com a coleta de depoimentos de praticantes de sadomasoquismo, levantando as particularidades dos entrevistados considerando as opiniões, crenças e significantes nas palavras dos participantes da pesquisa por meio de análise de conteúdo. Discussão: Os resultados apontam para uma diferença entre a visão psicológica e psiquiátrica e a dos praticantes, que não encaram o SM por uma perspectiva patologizante, mas sim como uma subcultura. Considerações finais: A psicologia, ao atuar com as diversidades, tem o papel de escutar o sujeito, com base no argumento de que há relação saudável dos praticantes com seus desejos com ênfase na exploração dos diversos modos de expressão sexual. **Palavras-chave:** comportamento sexual; psicologia; diversidade sexual

Abstract: This study resulted in job completion course guided by psychologist Ms. Vera Lucia Vaccari. The acronym BDSM consists of: Bondage, Discipline, Domination, Submission, Sadism and Masochism. There are many views on this universe, arising from psychology and psychiatry, which, with greater or lesser emphasis, often consider the practice a pathological perspective. OBJECTIVES: Raise the concepts related to pleasure and pain in practitioners of sadomasochism. MATERIALS AND METHODS: The research adopted a qualitative approach, based on a literature review and a field of work which included the collection of testimonials BDSM practitioners, raising the particularities of respondents considering the opinions, beliefs and significant in the words of survey participants by content analysis. DISCUSSION: The results point to a difference between the psychological and psychiatric vision and practitioners, who do not see the MS in a pathologizing perspective, but as a subculture. CONCLUSIONS: The psychology, the work with diversity, has the role of listening to the subject, on the grounds that there is healthy relationship of practitioners to your wishes with emphasis on exploring the various modes of sexual expression. project shows the positive impact of university involvement in the sex education of adolescents in the community, by providing also the academics, the experience of this work as part of university educations.

Keywords: sexual behavior; psychology; sexual diversity

1. Psicóloga clínica, formada pelo Centro Universitário São Camilo. E-mail: adrianarospsi@gmail.com

Introdução

Este artigo refere-se a uma pesquisa que deu origem a um trabalho de conclusão de curso orientado pela psicóloga Ms. Vera Lucia Vaccari e apresentado ao Centro Universitário São Camilo, em São Paulo.

O acrônimo *BDSM* é abreviação de *Bondage*², Disciplina (dominação, submissão) Sadismo e Masoquismo, um grupo de padrões de comportamentos sexuais humanos.

Para Mota (2011), quando se fala em sadomasoquismo, o SM da sigla *BDSM*, é quase inevitável que se ouçam referências depreciativas e de rejeição. Essas ideias e atitudes, embora estereotipadas e preconceituosas, encontram fundamentação nas abordagens científicas ao fenômeno que se foram desenvolvendo desde o século XIX.

Embora a prática seja alvo de preconceito, o tema já começou a ser amplamente discutido, atingindo os meios de comunicação e espaços sociais. Cinema, teatro, novelas, revistas, passaram a tratar o assunto com mais frequência, a partir do lançamento da trilogia *Cinquenta tons de cinza*, da britânica Erika Leonard James, publicado em 2011, que se tornou um fenômeno editorial. Segundo reportagem publicada por Ackermann (2013), em pouco mais de seis meses desde seu lançamento no Brasil foram vendidos cerca de mais de 3,5 milhões de exemplares. No mundo, o número está na casa dos 70 milhões – mais gente, por exemplo, do que toda a população da Grã-Bretanha, segundo a revista.

De acordo com a mesma reportagem publicada por Zilberkan (2012) após esse lançamento, houve um aumento na procura por *sex shops*³, o que fez com que o mercado erótico tivesse 200% de crescimento na Grã-Bretanha,

também esperado no Brasil.

A publicação enfatiza que uma revendedora de produtos eróticos viu aumentar o interesse de casais por itens relacionados à prática do *BDSM*. Esse interesse parece apontar para uma aceitação social sobre essas práticas.

O SM, conforme Rodrigues Júnior (2012, p. 87)

Tem se tornado tão popular que lojas especializadas surgem em quase todas as grandes cidades ao redor do mundo, inclusive em São Paulo. Sex shops com sessões especializadas trazem roupas de couro preto com características sensuais e eróticas, correntes, máscaras, algemas especiais, “arreio do diabo”, mordanças e outras peças de metal e borracha para conter, amarrar e produzir dor, além dos costumeiros chicotes e chibatadas e aparelhos que lembram peças de museu de escravos.

Poucos estudos sobre o tema são encontrados no Brasil, no contexto das mudanças no comportamento sexual, evidenciadas pelas reportagens acima citadas, daí a importância desta pesquisa.

A pergunta norteadora da pesquisa foi: são encontradas na literatura visões de profissionais da psicologia e da psiquiatria, mas não de praticantes de *BDSM*. Como essas pessoas entendem sua prática?

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa adotou uma perspectiva qualitativa, tendo como base uma revisão bibliográfica e um trabalho de campo que contou com a coleta de depoimentos de praticantes de sadomasoquismo.

2. Bondage: É um tipo específico de fetiche, geralmente relacionado com o sadomasoquismo, onde a principal fonte de prazer consiste em amarrar e imobilizar seu parceiro ou pessoa envolvida ou ser amarrado e imobilizado por ele.

3. Sex shop: Loja destinada à venda de produtos eróticos.

Revisão bibliográfica

Segundo Gil (2010), a revisão bibliográfica utiliza-se fundamentalmente das contribuições de diversos autores sobre determinado assunto e é elaborada com base em material já publicado. Esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos, além de outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado na internet.

A revisão bibliográfica foi realizada em livros e artigos científicos nacionais e bases de dados como Scielo (Scientific Electronic Library Online), com a busca de descritores como: perversão, transtornos de sexualidade, parafilia, sadismo e masoquismo, buscando-se textos publicados desde 1990 até a atualidade.

Forma de estudo

O estudo foi de natureza qualitativa, levantando as particularidades dos entrevistados considerando as opiniões, crenças e significantes nas palavras dos participantes da pesquisa (VIEIRA, 2009). Este tipo de pesquisa foi uma ferramenta que auxiliou na exploração do grupo selecionado para o estudo, (VIEIRA, 2009) pois pretendeu-se explorar como os praticantes de SM compreendem a subcultura na qual estão inseridos, por meio da análise de conteúdo.

Pesquisa de campo

A pesquisa de campo contemplou entrevistas com praticantes de sadomasoquismo na cidade de São Paulo e Rio de Janeiro, que eventualmente reúnem-se informalmente em clubes privados destinados a performances eróticas e fetichistas. O contato inicial com os participantes da pesquisa foi feito pela internet, por meio de rede social.

Foram marcados encontros individuais com os interessados para explicação do objetivo do trabalho, e realização da assinatura do Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, sendo que uma via ficou em poder do entrevistado e outra via com a pesquisadora.

Questionário

Foram elaboradas as seguintes perguntas norteadoras:

1. Dentro do BDSM, em quais práticas está envolvido (a)?
2. Como e quando passou a se interessar por atividades sexuais consideradas “diferentes”?
3. Como se sente em relação a ter prazer com práticas consideradas não convencionais?
4. De que tipo de prática SM você é adepto (a)?
5. Quais as dificuldades encontradas em seu dia-a-dia por ser adepto ao BDSM?

Os participantes

Foram realizadas no total três entrevistas, sendo duas com participantes do sexo feminino e uma com participante do sexo masculino.

Os entrevistados têm idade compreendida entre 33 e 44 anos. As duas participantes moram na cidade do Rio de Janeiro e ele, em São Paulo. Uma delas e ele apresentam formação universitária.

Quanto ao estado civil, os três são divorciados. Em relação à orientação sexual, dois participantes afirmam ser heterossexuais e uma participante descreveu-se como bissexual. O homem é professor universitário, uma participante é empresária e a outra, autônoma. Dois dos participantes têm filhos.

Procedimento da entrevista

Avaliou-se que o processo de esclarecimento da pesquisa para os entrevistados foi parte primordial para condução do trabalho, pois, segundo Gil (1999), as pessoas não são motivadas diretamente a fornecer dados para pesquisas e neste momento é interessante realizar um contrato com objetivos e delimitar os papéis de todos envolvidos, para que se conquiste uma maior

transparência nos conteúdos expostos.

Anonimato

Os nomes dos participantes não foram revelados, apenas foi autorizada a divulgação de seus pseudônimos no meio BDSM, com finalidade de preservar a identidade dos indivíduos. O sigilo foi fundamental no desenvolvimento desta pesquisa.

Temas e análise

As entrevistas foram transcritas e buscados os temas que se repetiam e os temas únicos a cada fala.

Referencial teórico

Sadomasoquismo: de perversão a nova forma de viver a sexualidade – o cruzamento de diferentes visões

Diferentes olhares voltam-se para o universo BDSM e, portanto, para as práticas sadomasoquistas, desde os que caracterizam tais comportamentos como transtornos mentais, perversão sexual ou crime, corroborando os discursos da psiquiatria, até os que os consideram uma vertente da construção social, uma maneira de fazer parte de uma subcultura, possuir um sentimento de pertença, compartilhando gostos e preferências peculiares, passando pelos que buscam formas de viver experiências novas. Há também os que consideram que pertencer à subcultura BDSM, e ser respeitado pela escolha e por essa condição de ser e estar, nada mais é do que uma forma de amor. Tais práticas BDSM seriam mais uma forma de obter prazer, ao lado de tantas outras.

Os desdobramentos da perversão culminaram na adoção de referência para o diagnóstico e tratamento de comportamentos e atitudes nomeados como desviantes, não mais chamados de perversos, mas sim de parafilicos (PINTO, 2008).

Conforme Muribeca (2009), em 1987,

o termo perversão desaparece da terminologia psiquiátrica mundial, substituído pelo termo parafilia, para se evitar a conotação moral.

Parafilia vem da língua grega e significa “lado a lado” e “amor”; ou seja, uma forma de amor paralela às chamadas comuns. Mesmo assim, nas últimas décadas o termo passou a ser usado com o mesmo sentido moral de perversão ou desvio sexual. Pouco tem sido feito para distinguir as questões psicopatológicas das expressões sexuais comportamentais (RODRIGUES JÚNIOR, 2012).

Na American Psychiatric Association, (DSM IV, Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 2003), o termo parafilia (gosto pelo acessório) caracteriza-se por anseios, fantasias ou comportamentos sexuais recorrentes e intensos que envolvem objetos, atividades ou situações incomuns e causam sofrimento ou prejuízo na vida do indivíduo. Certas fantasias e comportamentos associados com parafilias podem ter início na infância ou nos primeiros anos da adolescência, mas tornam-se mais definidos e elaborados durante a adolescência e início da idade adulta.

Zilli (2009) considera que o DSM IV é o reconhecimento da comunidade terapêutica de que o SM pode ser praticado de uma maneira psicologicamente saudável.

De acordo com ele, quando o BDSM dialoga com a psiquiatria sobressai o argumento da relação saudável que os praticantes têm com seus desejos. Com a utilização do critério de bem-estar, o praticante de BDSM pode se distanciar das definições de transtorno sexual, pois ele não estaria sob estresse psíquico (excluindo o sofrimento causado pelo preconceito) e ainda manteria sua capacidade para o convívio social.

Ceccarelli (1999) acrescenta que, após Freud, diversos autores propuseram importantes ideias para se compreender a constituição do sujeito e sua sexualidade. De modo geral, os psicanalistas pós-freudianos seguem a perspectiva freudiana tanto em relação à perversão quanto à norma.

Segundo Rodrigues Júnior (2012), desde a

última década do século XX, grupos de ativistas BDSM tentam influenciar as discussões técnicas da psiquiatria e da psicologia para uma clara despatologização do sadomasoquismo.

Rubin (1984, apud. Freitas, 2011) utiliza a expressão sexualidades dissidentes para tratar das sexualidades que estavam à margem (fora do “círculo mágico”, fora do que é considerado legítimo, legal e aceitável): sexualidades não reprodutivas, homossexuais, fora do casamento, em lugares públicos, intergeracionais, pornográficas, sadomasoquistas.

De acordo com Barbosa e Parker (1999), talvez os direitos sexuais tenham sido introduzidos progressivamente, acabando por se infiltrar no dicionário dos direitos humanos tanto para que fossem reconhecidas as diversas orientações sexuais e sua legítima necessidade de expressão, quanto para ser uma espécie de código que, como os direitos reprodutivos, puderam assumir significados diversos para diferentes pessoas, dependendo da posição de poder que ocupam, da orientação sexual, do gênero, da nacionalidade, e assim por diante.

Resultados

Foram encontrados os seguintes temas que se repetiram nas entrevistas:

- **A inserção no meio BDSM**

A entrada no meio BDSM não ocorreu de forma muito diferente entre os entrevistados. Há pessoas que iniciaram por influência do parceiro com quem mantinham um relacionamento íntimo, outras iniciaram por intermédio de estudos e pesquisas.

Mas todos os praticantes foram unânimes em afirmar que sua inserção no meio ocorreu,

sobretudo, por meio de pesquisas, de maneira autodidata.

Com 28 anos conheci uma menina que me apresentou esse mundo. Então comecei a pesquisar, fui autodidata. Na época entrava em salas de bate-papo do Uol, conversava bastante com as pessoas envolvidas. Busquei muito a parte teórica e cerca de uns seis meses depois comecei a praticar. Ela me fez despertar esse desejo, não era praticante, mas conhecia esse meio. (Dom G. V, o dominador).

A partir da minha relação com um ex-parceiro, que era podólatra⁴. Fui convidada para uma festa fetichista e então passei a pesquisar e fui evoluindo. (L. D., a dominadora).

C. teve seu início com a ajuda de uma experiente Dominadora, que forneceu muitos materiais de pesquisa para seu conhecimento e crescimento pessoal.

De maneira geral, os entrevistados foram buscar informações por conta própria a partir de suas primeiras experiências e fizeram uso de meios como a internet, acessando redes sociais e salas de bate-papo.

Nessa descoberta, houve necessidade de se aperfeiçoar, estudar técnicas e dialogar, antes de se aventurar pela parte prática do universo BDSM. Todavia, essa descoberta teve como denominador comum o uso da internet, mesmo quando esta ainda não era tão acessível.

Na época, esse mundo era impenetrável. Fui pesquisar por conta própria em revistas, fóruns de revistas, lia histórias publicadas; a internet era do tempo jurássico, e normalmente em outro idioma. (C., a switcher.⁵)

4. Podólatra: pessoa que pratica adoração dos pés. É o fetiche que tem os pés como centro dos desejos. Ações comuns excitam e levam a ter prazer sexual e até orgasmos pelo simples fato de manipular, tocar, lambear, cheirar, beijar, massagear pés ou ser pisado e ter os órgãos genitais manipulados por pés.

5. Switcher: Pessoa que obtém prazer fazendo uso dos dois papéis: dominadora (o) e submissa (o).

Para MARTINS e CECCARELLI (2003 apud MOTA, 2011) esse meio de comunicação para os adeptos de práticas sexuais minoritárias contribui largamente para a formação de uma subcultura virtual de minorias sexuais.

Os autores sustentam, ainda, que a internet oferece a oportunidade para a formação de comunidades virtuais nas quais os indivíduos isolados e discriminados podem comunicar-se entre si sobre assuntos sexuais que sejam de interesse dessa comunidade.

• O cenário, as práticas e as sessões

De acordo com Mota (2011), as sessões⁶ no BDSM são uma fração da realidade delineada no tempo e no espaço onde as práticas vivem da teatralidade e fantasias dos que as praticam.

Em relação ao cenário, Dom G. V. referiu que gosta de realizar suas práticas ao ar livre e sente prazer quando é surpreendido em público por sua submissa.

Lembro também que, num jantar, a menina preparou tudo e me surpreendeu, ficou embaixo da mesa todo o tempo, isso foi muito prazeroso. (Dom G. V.)

Normalmente o cenário que envolve as práticas vai de acordo com o que mais estimula os adeptos.

Em relação às práticas mais utilizadas

foram citadas pelos três entrevistados: dominação psicológica, bondage (amarracão e imobilização), *spanking*⁷, utilização de velas e asfixia. Foi altamente valorizada nos discursos dos adeptos a fantasia de dominação, sendo que o domínio psicológico é visto como mais relevante do que o físico.

Os participantes também manifestaram restrição em relação a algumas práticas, como chuva marrom (*scat*)⁸, sangue, uso de agulhas, infantilismo⁹, bem como ao uso de acessórios, como vibradores.

No caso das Dominadoras, C. também demonstrou gostar de cuidar de “*sissys*”¹⁰ e L. D. citou técnicas específicas que realiza em suas sessões, como *trampling*¹¹, *ballbusting*¹², *poneyplay*¹³, *dogplay*¹⁴, torturas e participação em fetiches como podolatria, em que sente prazer na idolatria de seus pés.

Foram abordados também pelos participantes temas sobre as técnicas de dominação e seu “peso”, em que referiram ter a preocupação em oferecer cuidado, e estar atento aos limites do parceiro(a). Sobre limites, os praticantes entrevistados consideraram fora dos horizontes de suas possibilidades, práticas menos usuais, ou atividades que são rejeitadas por colocarem em risco a privacidade ou não estarem de acordo com o gosto pessoal de cada adepto, embora possam ser realizadas em algumas situações, conforme pode ser visto nas falas abaixo. De um lado, C.

6. Sessão: Tempo de duração de uma prática BDSM.

7. Spanking: dar palmadas ou socos, com as mãos ou objetos.

8. Chuva marrom/ scat: prática de “scat”, prazer obtido com as fezes, podendo ser próprias ou do parceiro (a).

9. Infantilismo: Desejo ou excitação do indivíduo em ser tratado como criança ou bebê, usando fraldas e outros acessórios infantis.

10. Sissy: homem que se caracteriza de mulher, obtendo prazer em fazer serviços domésticos. Segundo depoimentos das duas entrevistadas, grande parte deles é de homens casados na vida real, que apenas têm fantasia de se travestir de mulher.

11. Trampling: prática ligada à podolatria, que consiste em pisar o escravo(a), descalço ou com sapatos, podendo chegar até mesmo a caminhar sobre ele(a).

12. Ballbusting: consiste em a mulher chutar, pisar e apertar a genitália do homem por diversão.

13. Poneyplay: É a disciplina de treinamento para submissos agirem e se comportarem como pôneis ou cavalos/égua.

14. Dogplay: Consiste na obrigação de fazer o parceiro comportar-se como um cão, usando ornamentos como coleira, focinheira e tigela para fazer as refeições no chão e beber água.

afirma que:

Não gosto de chuva marrom, mas não significa que não viria a fazer. Não é meu interesse como sub. Mas, exercendo o papel de dominadora, precisaria ser bastante negociado. Teria que realmente valer o desejo, num momento em que eu tivesse abençoada; meu relógio biológico não funciona com hora marcada. Precisa haver uma confiança extrema. (C., a switcher).

Sobre esse mesmo tipo de técnica, a opinião de L. D. foi diferente: “Mesmo as práticas scat, muitas pessoas realizam, mesmo que não a assumam”.

Ainda no que concerne às práticas, C. e Dom G. V. foram concordantes sobre a sutileza de se preparar uma sessão, quanto aos detalhes, ao zelo e acessórios, ou ainda o uso de rosas que fazem com que haja um diferencial, uma espécie de ritual para a sessão.

- **A negociação, a safeword¹⁵ e os limites**

É importante ressaltar que os entrevistados destacaram a necessidade de negociação antes da realização das práticas, que devem seguir os conceitos de SSC: são, seguro e consensual. Neste aspecto, os entrevistados apresentaram muita responsabilidade com seus desejos e os do parceiro(a). Em geral, os participantes relataram gostar de explorar o corpo do parceiro e gradativamente intensificar suas práticas. Embora o uso da safeword possa acontecer, consideram necessário que a pessoa que está no controle evite que se chegue até essa palavra.

Essa tríade é fortemente promovida e praticada entre os adeptos de BDSM, o que parece apontar para a consciência que os praticantes possuem sobre seus comportamentos estarem associados a riscos.

Conforme Mota (2011), esta entrega, no

que diz respeito ao ato da confiança, materializa-se no respeito ao dominador/a, na honestidade, na humildade, no gostar do que faz e em satisfazer o prazer da pessoa a quem se entrega.

A autora ainda assinala que, em relação aos dominadores/as, a característica mais realçada, tanto por submissos/as quanto pelos próprios dominadores/as, é a responsabilidade, porque têm a segurança, o bem-estar e a vida da outra pessoa em suas mãos. Também são responsáveis pelos procedimentos e pela pessoa que é o/a submisso/a e pelos seus limites, pela safeword. (MOTA, 2011).

Quando interrogados sobre a utilização da palavra de segurança, os entrevistados demonstram preocupação em perceber os limites do parceiro:

Sou eu que determino antes os limites. Sou muito criteriosa. Eu preciso obter o máximo de informações. O meu limite é parar antes que ela chegue no limite dela. O corpo fala, e minha profissão ajuda a estar atenta aos sinais de que a submissa está no seu limite. (C., a switcher.)

Naquele momento em que ela pediu para eu parar de bater, eu entendi o medo dela. Também me proporcionou prazer porque ela sentiu medo e o medo também me atrai. Então eu parei a sessão e disse que não faríamos mais o spanking, e eu iria desenvolvê-la em outras práticas. Depois de alguns meses, nós fomos para uma sessão mais forte do que aquela, e ela passou, conseguiu. (Dom G. V., o dominador).

Pode-se observar, nesse relato, que existem um aprendizado e um nível esperado a ser alcançado, de maneira que o dominador é o responsável pelo adestramento da submissa, respeitando seus limites. De acordo com Rodrigues Jr. (2012, p. 95), um masoquista poderá, através de um check-list, apontar seus limites e interesses no jogo SM, o que pode ser uma maneira útil de

15. Safeword: palavra de segurança utilizada pelo submisso(a) para sinalizar o encerramento de uma prática.

manter no jogo os desejos, sem ultrapassar os limites e ações indesejáveis.

“A partir do momento em que há confiança, e quanto maior for essa confiança, essa palavra vai sendo menos usada. Vai de acordo com a convivência” (Dom. G. V, o dominador).

Segundo Mota (2011), a literatura indica que os limites são quase sempre determinados antes da sessão; porém as limitações não são imutáveis, podendo ser alteradas no tempo.

Dessa maneira, ela acrescenta que,

Em suma, na prática de BDSM a livre determinação das pessoas e o consentimento são pilares basilares, porque são eles que fazem a distinção entre BDSM e violência. Existem “ferramentas” para assegurar que o consentimento e, nesse aspecto, tanto a comunicação como o respeito pelos limites impostos são fundamentais. Determinar onde termina o consensual e onde começa o abuso é uma tarefa delicada que implica experiência de ambas as partes envolvidas no jogo. (Ibid, p. 39).

Na concepção de Zilli (2009), alguns dos fenômenos anteriormente vistos como perversões ou distúrbios do comportamento sexual – ou seja, definidos como de natureza exclusivamente sexual – passam a ser considerados como de natureza também política, isto é, como um estilo de vida, uma “opção sexual”, subcultura ou minoria.

Para o autor,

Permanece subjacente um elemento significativo: não há condenação moral ligada às práticas em si, o imoral é não levar em conta o desejo (ou o prazer), seu e do outro. E em relação ao consentimento, é imoral não respeitar o desejo do outro de não participar. O direito ao prazer é

garantido pela racionalização da atividade sexual através dos ideais de comunicação e expressão da vontade individual. (Ibid, p. 506).

Zilli (2009) ressalta que o consentimento aparece mais uma vez como uma ferramenta indispensável para articular essa moral. Não tanto como um elemento de legitimidade social, mas como um atributo ético individual que precisa ser indispensavelmente exercido para que se pratique o BDSM.

• A dor e o prazer

Para os entrevistados, as experiências são sentidas como intensas, positivas e prazerosas, intimamente relacionadas com a exploração erótico-sexual.

Eu acho que tudo o que é pulsão, e que as pessoas conseguem usar essa pulsão, como um caminho e extravasar, vale como prazer. As pessoas costumam dizer que o BDSM tem a porta de entrada, mas não tem a de saída. O prazer nas práticas é muito bom, e muito relativo. Ninguém deixa de ser Bdsmer¹⁶ por não praticar. Pode se passar um tempo sem praticar, mas não se fica em abstinência, é como o alçóolatra. (C., a switcher.)

Sobre a referência à dor, de acordo com Mota (2011), pode-se concluir que ela é altamente erótica em certos contextos, tendo um caráter biopsicossocial. A dor é afetada não apenas pela condição biológica e cognitiva, mas influenciada pelo ambiente social e cultural (ou subcultural). Dor e prazer envolvem reações químicas idênticas com a libertação de endorfinas provocando sensações de energia e bem-estar (AZEVEDO, 1998, apud MOTA, 2011).

Acrescenta ainda que,

Ora, se o papel do cérebro é considerado

16. Bdsmers: Praticantes de sadomasoquismo.

para o nosso comportamento sexual, tal significa que a percepção dos acontecimentos dolorosos pode ser alterada, em determinada situação e, assim, cada pessoa tem desejos, motivações e reações diferentes (Ibid. p. 41).

Neste sentido, um dos entrevistados, quando questionado sobre como se sente em relação a ter prazer com práticas consideradas não convencionais, responde: “Acho que existe uma parte no cérebro que estimula mais esse lado...” (Dom G.V., o dominador.)

Conforme Zilli (2009), se o indivíduo sente-se emocional e fisicamente confortável com o que realiza, então é legítimo. Contudo, diferentemente do consentimento, o bem-estar é um critério de autoavaliação, e sua importância assume um lugar secundário nas discussões sobre o tema e nos argumentos sobre a capacidade de legitimar as atividades.

- **Vida baunilha¹⁷ – a vida fora do meio**

Sobre a forma como os Bdsmers enxergam as pessoas que possuem um relacionamento convencional, C. e Dom. G. V. concordaram com a opinião de que muitos casais realizam práticas de BDSM entre quatro paredes, mas muitas vezes não querem assumir ou não sabem dar o nome a elas. Esse pensamento é recorrente entre os adeptos, como se as pessoas do “mundo baunilha” tivessem receio ou uma preocupação em preservar sua privacidade, restringindo-se ao sexo comum, sendo inconfessável o que “fuja à regra”.

Às vezes, você pergunta pra mulher, assim, se ela gosta de um cara que tem uma pegada carinhosa ou aquele que tem uma pegada forte, e ela te responde que gosta do que tem uma pegada forte, gosta de tomar uns tapas, de ser puxada pelos

cabelos, de sexo selvagem. Então, muitas vezes ela já pratica o BDSM, só não sabe denominar. Quantas meninas adoram um spanking, gostam de ser imobilizadas e não sabem nem nomear isso. Muita coisa acontece no mundo baunilha, mas talvez até por receio da sociedade, as pessoas tenham medo de assumir. (Dom G. V., o Dominador.)

Goffman (1963, apud, MOTA, 2011) aborda o “efeito espelho”, em que os estigmatizados criam mecanismos na ânsia de “discriminar” os que os reprovam. Um exemplo é os praticantes chamarem de “baunilha” as pessoas que não têm este tipo de práticas.

- **Como enxergam a própria sexualidade**

Os entrevistados definiram-se como bissexual (uma mulher) e heterossexuais (mulher e homem).

C. relata ser bissexual e em suas práticas tem preferência por dominar meninas quando está no papel de dominadora; mas, ao mesmo tempo, tem um Dono, com quem realiza práticas sendo submissa. Além disso, também gosta de syssies, apenas para cuidar, sem que haja relação sexual. O importante é o zelo pela feminilidade delas. L. D., por sua vez, se denomina heterossexual, mas em suas práticas também gosta de dominar mulheres.

Dom. G. V. se apresenta como heterossexual, e relata sobre pessoas transexuais que procuram o meio BDSM, porém negando a verdadeira identidade, passando-se por mulheres.

Há também aqueles que são transexuais e chegam ao meio, já teve casos em que eu vi fotos e, quando falei ao telefone com a pessoa, notei pela voz que se tratava de transexual. Não tenho nada contra, mas não se enquadra no meu perfil. Há quem aceite esse tipo de relação, mesmo que

17. Baunilha: Como se define o sexo convencional e seus praticantes.

não haja sexo, apenas as práticas. (Dom. G. V., o Dominador.)

Isso parece apontar para o fato de que não existem fronteiras quanto à questão de gênero e as práticas de BDSM.

Assim como ocorre com a orientação sexual, para Zilli (2009), nos argumentos apresentados em textos de redes sociais, a questão sobre a causa/origem do desejo erótico BDSM é abordada no sentido de que não se sabe ou não se pode definir claramente a origem de um determinado tipo de erotização. O desejo BDSM não estaria ligado necessariamente a abusos na infância.

A valorização da subjetividade dos praticantes e a comunicação entre eles são os valores positivos máximos de uma moral centrada justamente na capacidade de expressar a vontade individual, e para a qual o condenável é exatamente o indivíduo não se expressar/comunicar (ZILLI, 2009).

Neste aspecto, também podemos considerar que existe uma diversidade sexual, conforme assinala Parker (1999), ou pluralidade sexual, que implica a aceitação do princípio de que os diferentes tipos de expressão sexual (não apenas heterossexual ou conjugal) sejam não só tolerados, mas também encarados como um aspecto positivo em uma sociedade justa, humana e culturalmente pluralística.

- **A transição de papéis**

O praticante pode transitar entre dois papéis, de dominação e de submissão, embora nem todos façam esse percurso. C. distingue o que cabe dentro da relação de acordo com o tipo de papel que lhe causa prazer. Sua posição é apontada como dinâmica e depende dos contextos e da pessoa com quem está.

L. D. se diz uma experimentadora. Conta que seu início foi como submissa, mas, com o tempo, decidiu procurar por situações diferentes. Hoje em dia, se identifica apenas como Dominadora, e gosta

que o iniciante aprenda a atender suas vontades. Este aspecto está de acordo com a afirmação de que,

É um fato, ao que dizem, que uma mesma pessoa sente prazer nas dores que inflige e naquelas que sofre. Mais ainda: é um fato ao que dizem, que a pessoa que gosta de fazer sofrer sente, no mais profundo de si, a relação do prazer com o seu próprio sofrimento. (DELEUZE, 2009, p. 46.)

Para Freud (1996, p. 151) a particularidade mais notável do SM reside em que suas formas ativa e passiva costumam encontrar-se juntas em uma mesma pessoa. Ou seja, ele aponta que quem sente prazer em provocar dor no outro na relação sexual é também capaz de gozar, como prazer, de qualquer dor que possa extrair das relações sexuais. O sádico é sempre ao mesmo tempo um masoquista, ainda que o aspecto ativo ou passivo da perversão possa ter-se desenvolvido nele com maior intensidade e represente sua atividade sexual predominante.

Percebe-se pelo discurso de praticantes como C., por exemplo, que, de fato, pode haver uma transição nos papéis, uma vez que ela experimenta os dois lados desse universo (a dominação e a submissão). Por sua vez, L. D. iniciou-se no meio como adepta de apenas um lado (submissa) e hoje se dedica apenas às experiências no papel de dominadora).

- **A simbologia**

Para Mota (2011), a coleira é uma das imagens mais associadas ao BDSM, mas o seu significado vai muito além da componente estética que normalmente lhe está associada. Este é talvez um dos mais valorizados símbolos numa relação BDSM, segundo ela, e isso está presente no discurso de uma das entrevistadas. “Ela veio pro Rio e me ajudou muito quando eu perdi a coleira...” (C., a switcher.)

A participante relatou como foi importante receber suporte psicológico de sua experiente

“mentora”, ao lembrar sobre a traição que sofreu de seu ex-Dono, que era casado e não informou isso de início. Ao descobrir a traição, ela rompeu o relacionamento e abriu mão da coleira. Assim, o ato de perder a coleira pode ser traduzido como o rompimento da relação, uma vez que esse símbolo representa a aliança do casamento convencional.

Existe uma busca de símbolos próprios no meio, embora não tão diferente do mundo “baunilha”. No universo BDSM, a coleira possui a representação de um símbolo de união estável. Embora, entre seus adeptos, possa haver a opção em se colocar uma terceira pessoa na relação, como as irmãs de coleira¹⁸, esta relação pode ser vivenciada aos moldes de um casamento “baunilha”, o que se chama 24 por 7, em referência a união 24 horas por dia e 7 dias por semana.

Dessa maneira, Mota (2011) considera que, ao verem a coleira como uma aliança, o que os praticantes de BDSM pretendem é transpor os símbolos das relações normativas para o seu relacionamento BDSM.

- **O preconceito (dentro e fora) do meio BDSM.**
O preconceito no mundo baunilha

A percepção dos adeptos é de que seus comportamentos e práticas são vistos pelos demais como negativos. Por isso, demonstram um receio de revelar suas atividades porque acham que seriam rotulados e estigmatizados, discriminados.

As pessoas me olham torto, eu já perdi emprego por conta de ser praticante de BDSM. Algumas pessoas acreditam que eu esteja doente. As pessoas acham que é uma patologia incurável, acham que é uma aberração, uma doença. Dizem “aquele povo”, “os libertinos”, nos julgam sem valor, dizem que não deveríamos sequer ter a guarda dos próprios filhos. (C., a switcher.)

O BDSM pode ser entendido como uma

atividade sexual que visa a melhorar o bem-estar individual e aperfeiçoar o prazer. Levando em conta esses contextos, o discurso BDSM pode ser remetido aos padrões mais típicos das concepções sobre a sexualidade, em vez de ser entendido como uma anomalia (ZILLI, 2009)

Percebe-se que há uma busca de explicações pelos próprios praticantes.

As pessoas dizem ‘deve ter sido estuprada, deve ter sido violentada na infância, por isso são assim; deve meter a porrada em casa na mulher, e vão pra esse lugar com a justificativa de bater em todo mundo’. (C. a switcher.)

Ela ressalta que é mãe, profissional, estudante e possui um convívio social “normal”. Também conta que sua mãe aceita sua condição, tendo, inclusive, uma participação ativa nos eventos promovidos pela filha.

Em contrapartida, também percebe que o contato com um público também estigmatizado parece apontar para um sentimento de pertença e maior aceitação, como vemos na resposta de L. D.:

Eu trabalhava com acessórios, confecção e moda feminina, então no trabalho nunca tive problemas, trabalhava com uma bichérrima, dávamos muita risada. Sempre trabalhei com eventos, divulgações, como promotor na night, então acho que a questão foi mais com minha família mesmo. (L. D., a Dominadora.)

C. diz também que mensalmente há encontros num bar famoso da Lapa, onde há um espaço reservado para esse público, para que não sejam incomodados, embora eles ali não tratem exclusivamente de assuntos do meio. Mas, é o momento em que eles escolhem para descontrair e conversar sobre todo e qualquer tipo de assunto e

18. Irmãs de coleira: submissas pertencentes ao mesmo Dono.

desejam privacidade, pelo medo de preconceito.

Para L. D. essa questão está mais relacionada à família, às dificuldades de enfrentamento com a mãe e seu irmão mais velho, que não conhece esse universo. No meio profissional, ela relata não ter esse tipo de problema, por ter sempre trabalhado com pessoas mais abertas a essas práticas.

Para Zilli (2009), a relação com o campo científico não é de inteira cumplicidade. Entende-se que grande parte do preconceito e marginalização contra as práticas associadas ao BDSM tem base em análises tendenciosas ou são provenientes de estudos enviesados, que abordam apenas o lado patológico ou, antes, os indivíduos com patologias ligadas ao BDSM. Esse tradicional estigma da perversão sexual é, no fim das contas, o que o discurso de legitimação do BDSM tenta combater.

- **O estereótipo no próprio meio BDSM**

Já para Dom. G. V., o preconceito também se apresenta no próprio meio. Ele sente certa exclusão, devido ao seu perfil diferenciado.

Diz que normalmente se espera um determinado tipo de comportamento mais austero para um Dominador, e já sofreu discriminação devido a portar-se de maneira cortês e gentil em ambientes frequentados por esse público, vindo a evitá-los atualmente.

No meio, é comum que um “Dom” seja austero na sua abordagem, postura e maneira de conduzir sua submissa, e os que apresentam uma forma “romantizada” não são vistos de maneira favorável entre os adeptos.

Sob esse ponto de vista, o discurso do entrevistado permitiu perceber que significado atribui às relações dentro do meio BDSM, que podem ser romantizadas, sendo as características enunciadas, transversais a qualquer relacionamento saudável.

Assim, como assinala Mota (2011), percebe-se que existe um continuum entre uma relação dita “normal”, que aclama os sentimentos afetivos

como fatores indispensáveis, e uma relação que se caracteriza por este tipo de práticas de sadismo/masochismo ou de dominação/submissão, onde os requisitos de comunicação, honestidade, empatia e respeito, criam as bases para a confiança e para a profundidade da entrega (p. 44).

- **O lado negativo do BDSM**

Nem tudo é busca de prazer nesse meio. Há indivíduos que se aproveitam dessa busca desesperada de prazer, muitas vezes, impulsiva, seja por carência, fragilidade, como relata um dos entrevistados, e se utilizam disso a fim de obter vantagens.

Há muita distorção de valores no meio. Pessoas que se infiltram aqui para depois chantagear. Há Dominadores que trabalham como detetives, policiais, técnicos de informática, que fazem uso de suas profissões para ter acesso fácil à vida da menina, usam fotos de sessões para chantagear as submissas, e optam por abordar preferencialmente as casadas, isso é extorsão. Há grupos de Dominadores que usam sua profissão para entender isso e promover isso. É uma máfia infiltrada dentro do meio. Aqui como no baunilha, tem todo o tipo de gente. (Dom G. V., o dominador.)

Essa afirmação está em desacordo com o que aponta Rodrigues Jr. (2007), para quem o comportamento sexual responsável se expressa nos planos pessoal, interpessoal e comunitário. Caracteriza-se por autonomia, maturidade, honestidade, respeito, consentimento, proteção, busca de prazer e bem-estar.

O autor também ressalta que a pessoa que pratica um comportamento sexual responsável não pretende causar dano e se abstém da exploração, abuso, manipulação e discriminação.

Conclusão

Nas falas dos entrevistados, em seu encantamento pelo dolorido, observa-se que os

adeptos consideram o meio BDSM como uma subcultura que ainda necessita ser legitimada, desmistificada, como uma maneira de afirmação de uma identidade.

Como subcultura, esses grupos se organizam, constroem sua autonomia, possuem veículos próprios de comunicação e, aos poucos, tentam alcançar o público externo, leigo, tentando fazer valer sua voz.

Ao longo do tempo, mudanças vêm transformando a visão da sociedade externa ao meio sobre essas pessoas, antes vistas exclusivamente como bizarras, desviantes, doentes. Mas ainda parece predominar uma visão preconceituosa, um olhar “de cima”, que desconsidera as diferenças. Diferentemente do que fazem pensar as teorias psiquiátricas e psicológicas, não existe uma forma única de se vivenciar o SM. As vivências sadomasoquistas são muito abrangentes e se estendem além da dor e prazer. Envolvem dominação psicológica, a mais relevante na opinião dos participantes da pesquisa, e práticas de amarração (bondage) e submissão, todas elas envoltas em cenários nos quais os “personagens” negociam criteriosamente todos os cuidados, os limites, de maneira que também possa haver um aprendizado e desenvolvimento de técnicas.

Nesse universo BDSM vivem pessoas concretas, com identidades e uma vida. Não são personagens definidos apenas por uma prática socialmente ainda estigmatizada. São homens e mulheres, cidadãos, profissionais, pais/mães, detentores de “normalidade” em seu convívio social.

A comunidade BDSM busca seus próprios significados e sentidos, suas simbologias, como o é o caso do uso de coleira, que se assemelha ao uso de aliança nas relações estáveis normativas.

Os praticantes de sadomasoquismo entrevistados enfrentam em seu cotidiano não apenas os preconceitos da sociedade mais ampla, que ainda não entende essas formas de expressão da sexualidade e suas variações, mas também aqueles advindos do próprio meio. Os estereótipos

também se fazem presentes e causam uma espécie de exclusão (do meio) do excluído (adepto de práticas socialmente desvalorizadas).

Dois temas levantados pelos participantes fogem ao escopo da pesquisa e requerem estudos. Um deles refere-se a riscos sofridos pelos praticantes quando chantageados de alguma forma por pessoas que se infiltram no meio para obter vantagens. Outro, a fetiches obscuros. São temas de difícil acesso, pois se referem a práticas consideradas criminosas.

A psicologia, ao atuar com as diversidades, tem o papel de escutar o sujeito, para compreender o significado de seu comportamento em toda sua singularidade, com base no argumento de que há relação saudável dos praticantes com seus desejos com ênfase na exploração dos diversos modos de expressão sexual, descobrindo formas de sexualidade saudável e todo o potencial erótico humano.

Também cabe o livre exercício de quem pratica o sexo incomum, dentro dos preceitos da consensualidade, do respeito, da tríade “SSC” colocada por Bdsomers quando se referem ao São, Seguro e Consensual. E, sobretudo, cabe a responsabilidade pelo desejo. O que não cabe? A intolerância e a patologização da existência.

Pesquisas que tragam à tona essa subcultura precisam ser realizadas cada vez mais, com o intuito de a sociedade enxergar esse fenômeno e gradativamente possa haver menos marginalização de seus praticantes.

Por fim, observa-se que as práticas eróticas avançam, se multiplicam, as escolhas amorosas fazem parte dos direitos humanos e o que está em jogo, ou deveria estar, é o desejo humano.

Atualizar as teorias é necessário, tanto quanto ajustá-las e reordená-las às mutações da contemporaneidade.

Referências

- ACKERMANN, L. Seis tons de outra coisa. *Revista Veja*, 05 mai. 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tag/cinquenta-tons-de-cinza/>>. Acesso em: 30 jun. 2013.
- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-IV-TR*. 4. ed. São Paulo: Artmed, 2003. 880 p
- CECCARELLI, P. R. Sexualidade e preconceito. *Revista Latino americana de Psicopatologia Fundamental*, v. III, n. 3, p. 18-37, out. 1999. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/2330/233018184003.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2013.
- DELEUZE, G. *Sacher-Masoch: O frio e o cruel*. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. 133 p.
- FREITAS, F. R. A. de. *Sexualidades: prazeres, poderes e redes sociais*. II Seminário de Pesquisa da Faculdade de Ciências Sociais, UFG, Goiás, 2011. Disponível em: <http://anais.cienciasociais.ufg.br/uploads/253/original_Fatima_Regina_Almeida_Freitas.pdf> Acesso em: 05 maio 2012.
- FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. VII (1901-1905): Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 329 p.
- GIL, A. C. *Como elaborar projeto de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184 p.
- GOFFMAN, E. *Stigma. Notes on the management of spoiled identity*. Prentice Hall, 1963. Apud MOTA, Ana Mafalda Ventura. *Para além da dor: fantasias de prazer, poder e entrega*. Um estudo sobre *bondage* e disciplina, dominação e submissão e sadomasoquismo. Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia na Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Junho, 2011. Disponível em: <sigarra.up.pt/fpceup/pt/publs_pesquisa.show_public_file?pct_gdoc_id>. Acesso em: 11 out. 2012. 64 p.
- MARTINS; M. C. CECCARELLI, P. R. Práticas sexuais ditas “desviantes”: perversão ou direito à diferença? *Revista Terapia Sexual – Clínica, Pesquisa e Aspectos Psicossociais*, v. VI, n. 1, p. 34-52, mar. 2003, São Paulo. Disponível em:<http://ceccarelli.psc.br/pt/?page_id=203>. Acesso em: 05 jan. 2012.
- MOTA, A. M. V. *Para além da dor: fantasias de prazer, poder e entrega*. Um estudo sobre *bondage* e disciplina, dominação e submissão e sadomasoquismo. Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia na Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Junho, 2011. Disponível em: <sigarra.up.pt/fpceup/pt/publs_pesquisa.show_public_file?pct_gdoc_id>. Acesso em: 11 out. 2012. 64 p.
- MURIBECA, M. As diferenças que nos constituem e as perversões que nos diferenciam. *Revista PePsic: Periódicos Eletrônicos em Psicologia*, Belo Horizonte, n. 32. nov., 2009. Disponível em: <<http://www.cbp.org.br/perversoesdiferenciam.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2011.
- PARKER, R; BARBOSA, R. M. *Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder*. Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999. 271 p.
- PINTO, G. C. *Sexos a trama da vida: fronteiras da transgressão*. São Paulo: Duetto Editorial, v. 4,

2008. 82 p.

RODRIGUES JÚNIOR, O. M. Direitos Sexuais – *Revista Terapia Sexual*. Instituto Paulista de Sexualidade, São Paulo, v. X, n.1, 2007. 128 p.

RODRIGUES JÚNIOR, O. M. *Parafilias: das perversões às variações sexuais*. São Paulo: Zagodoni, 2012. 160 p.

VIEIRA, S. *Como elaborar questionários*. São Paulo: Atlas, 2009. 159 p.

ZILBERKAN, M. Lançamento de “50 tons de cinza” aquece mercado erótico. *Revista Veja*. 06 ago. 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/celebridade/lancamento>>. Acesso em: 30 ago. 2013.

ZILLI, B. D.C. BDSM de A a Z: A despatologização através do consentimento nos “manuais” da internet. In: DIAZ-BENITEZ, M. E.; FIGARI, C. E. *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. 600 p. 26.

NAS MARGENS DO AMOR

*Mahamoud Baydoun¹; Melissa Andrea Vieira de Medeiros²*ON THE BANKS OF LOVE

Resumo: O presente artigo baseia-se nos resultados da pesquisa “A Busca pelo Amor: Um Estudo com Jovens Casais de Porto Velho-RO”³ desenvolvida pelo Centro de Estudo e Pesquisas da Subjetividade na Amazônia (CEPSAM) entre Agosto de 2012 e Julho de 2013 com o intuito de abordar o que se espera do amor através da análise do discurso de casais, sejam eles: namorados ou casados tanto heteroafetivos quanto homoafetivos, compreendendo as idades entre 20 e 30 anos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter empírico, em interface com o arcabouço freud-lacaniano. Foram realizadas 28 entrevistas com 14 casais heteroafetivos e homoafetivos. Durante as entrevistas, adotou-se um roteiro semiaberto composto de consignas disparadoras, garantindo maior flexibilidade na relação pesquisador-colaborador. As informações obtidas foram categorizadas em temáticas a partir do método de análise de conteúdo, permitindo a compreensão das nuances subjetivas que regem os relacionamentos amorosos na região amazônica. Esta análise apontou para as interfaces do amor com a falta, com as fantasias e principalmente com aspectos narcísicos do sujeito desejante que, em geral, espera ser amado de forma recíproca, o que apareceu de forma evidente no discurso dos casais. Esses compartilham, além disso, do sonho de se completarem e consequentemente atingir a felicidade, o gozo, a jouissance. Não obstante, o gozo na psicanálise já é dito impossível, pois caso fosse atingido, representaria a morte do desejo, do amor, do sujeito per si.

Palavras-chaves: amor; psicanálise; desejo; relacionamentos

Abstract: The current article was based on the results of the research: “The Quest for Love: A Study with Young Couples of Porto Velho-RO”, developed by the Center of Studies and Researches of Subjectivity in the Amazons (CEPSAM) between August, 2012 and July, 2013. The research aimed to shed light on what people seek in love through the analysis of the discourse of both heteroafective and homoafective couples between 20 and 30 years. It is a qualitative empirical research with an interface with the freudo-lacanian theories. 28 interviews were carried on with 14 homoafective and heteroafective couples. During the interviews, a semi-open script was composed of key questions, ensuring greater flexibility in the researcher-interviewee

1. Acadêmico do 9o Período de Psicologia da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Membro do Centro de Estudos e Pesquisas da Subjetividade na Amazônia (CEPSAM). Bolsista de Iniciação Científica CNPq. E-mail: dodi_vib@hotmail.com

2. Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutorado em Psicanálise pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Professora Associada do curso de graduação e mestrado em Psicologia da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Coordenadora do Centro de Estudos e Pesquisas da Subjetividade na Amazônia (CEPSAM).

3. Essa pesquisa foi financiada pela Propesq/UNIR e pelo CNPq como parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

relation. The obtained information was divided in themes based on Content Analysis, which enable the comprehension of the subjective nuances that pervade love relationships in the Amazons. This analysis pointed out to the relation between love, lack of being, fantasies and especially the narcissistic dimensions of the desiring subject that usually expects to be loved reciprocally. This appeared evidently in the couples' discourse. Besides, they share the dream of being completed and consequently attain happiness, absolute satisfaction, jouissance. However, absolute satisfaction is impossible for psychoanalysis, because if it was attained, it would represent the death of desire, the death of love and the death of the subject himself/herself.

Keywords: models of family; role of women; affection

Introdução

Observa-se que a busca do sujeito pela completude e felicidade aumenta paulatinamente. Trata-se de uma plethora de formas através das quais o sujeito se apoia em busca de atingir o gozo, das quais se destaca: o amor, tema-pivô dessa discussão e que evidencia uma das formas mais reconhecidas de buscar tamponar a falta e o desamparo que são condições sine qua non para a edificação do sujeito, como já destacara Lacan (1962/2005). Para iniciar a discussão acerca do tema-pivô da pesquisa, optou-se como ponto de partida um saber longe das teorias científicas que se debruçam acerca do amor. Trata-se do Soneto 116 de William Shakespeare que se destaca a seguir:

De almas sinceras a união sincera
Nada há que impeça: amor não é amor
Se quando encontra obstáculos se altera
Ou se vacila ao mínimo temor.
Amor é um marco eterno, dominante,
Que encara a tempestade com bravura;
É astro que norteia a vela errante
Cujo valor se ignora, lá na altura.
Amor não teme o tempo, muito embora
Seu alfanje não poupe a mocidade;
Amor não se transforma de hora em hora,
Antes se afirma, para a eternidade.
Se isto é falso, e que é falso alguém provou,
Eu não sou poeta, e ninguém nunca amou.
(SHAKESPEARE, Soneto 116).

A partir da posição de iniciante científico, e intrigado pelas nuances e singularidades da subjetividade, tem-se o papel de questionar e abolir verdades já consolidadas, seja pela ciência ou pelo imaginário social que reflete sobre as produções literárias e artísticas. Percebe-se que o trecho Shakesperiano trata de uma construção mítica e idealizada do amor que forclui a dimensão solipsista e narcísica que rege os relacionamentos afetivos.

É muito comum a crença de que, no amor, temos que nos entregar, dar o que temos, fazer uma renúncia, inclusive um sacrifício pelo outro. Essa concepção idealizante e lírica forclui a dimensão narcísica em jogo no amor, sendo para isso, precisamente, que Lacan chama atenção. Devemos ter presente que amar é procurar ser amado; com efeito, fazemos essa volta para que o amor retorne para nós. Daí que ele vai dizer, sobre o amor, que este é sempre enganoso, porque, de fato, amar é procurar ser amado. (HARARI, 2006, p. 96.)

Pode-se supor que o soneto 116 ilustra a maneira que o amor talvez se manifeste na fantasia dos neuróticos⁴, esse canto seguro que revela o outro como perfeito, capaz de suprir as faltas e erradicar a angústia de serem seres marcados pela castração. Porém, onde os inconscientes se encontram e as fantasias se atropelam no princípio de realidade, o amor demonstra-se ser não só

4. É importante destacar a distinção que a psicanálise faz entre as estruturas clínicas, principalmente entre a neurose (neuróticos) e a psicose, pois os relacionamentos amorosos e as escolhas objetais se dão de forma diferente.

fonte de prazer e bem-estar, mas também fonte de sofrimento, angústia e dor psíquica. No entanto, mediante todas as dores que o relacionamento amoroso inflige ao sujeito, percebe-se que ainda há uma busca frenética pelo amor como um meio de sanar a falta. Freud (1930/2006) em “Mal-estar na civilização” já dizia que amar e ser amado é um dos meios que o sujeito busca para lidar com o desamparo originário e atingir a felicidade. Afinal, o que se espera desse amor que tanto se procura, mas muitas vezes nos decepciona?

Para a psicanálise, os antípodas amor e ódio se completam. Encontra-se prazer na dor, e dor no prazer caso este atinja um grau absoluto: o gozo, ou a jouissance. Nota-se que este gozo absoluto é dito impossível, pois caracterizaria um encontro com o Real, a completude, a satisfação completa e, portanto, a morte do desejo. Sabe-se, todavia, que o desejo, e sua ética de continuar desejando perpetuamente, é o único que mantém o aparelho psíquico em estado anímico (FREUD, 1900/2006). A lógica do inconsciente não condiz ao aforismo cartesiano Penso, logo existo, mas o modifica de maneira que se torne: “Estou insatisfeito, logo existo”, ou melhor “Desejo, logo existo”. Não há realidade intrassubjetiva ou intersubjetiva semelhante à outra, o que compôs o principal obstáculo frente a esta pesquisa haja vista a plurissignificação do signo e a multiplicidade infinita dos significantes que se reflete na impossibilidade de equidade entre as subjetividades.

Objetivos

Objetivos gerais:

- Abordar o que se espera do amor por meio da análise do discurso de casais, sejam eles namorados, parceiros fixos heteroafetivos ou homoafetivos, compreendendo a idade de 20-30 anos, fase em que, de acordo com o desenvolvimento humano, há a busca da intimidade e de relacionamentos amorosos mais estáveis.

- Analisar as principais características dos relacionamentos amorosos por meio de entrevistas com esses casais.

Objetivos específicos:

- Buscar, por meio das entrevistas com os casais colaboradores, a relação entre “falta” e “amor”.
- Investigar como o amante constrói uma imagem fantasiada do “outro”.
- Relacionar os principais problemas e angústias que surgem em relacionamentos com mais de um ano de duração.

Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa. Conforme Hermann e Lowenkron (2004), a pesquisa qualitativa em psicanálise se divide em três tipos: bibliográfica, empírica e clínica. A pesquisa realizada foi de caráter empírico e baseou-se em dois pilares:

a) A revisão bibliográfica do arcabouço teórico freudo-laciano sobre o amor. Adotamos, portanto, obras de Freud (1911/2006; 1914/2006; 1917/2006; 1930/2006), Lacan (1953/2009; 1959/1988; 1960/1992; 1962/2005; 1972/1985), Nasio (1997; 2007), Roudinesco e Plon (1998) e Harari (2005).

b) A realização de entrevistas com 14 casais, sendo 12 casais heteroafetivos e 2 homoafetivos, totalizando 28 sujeitos, entre 20 e 30 anos de idade, entrevistados individualmente, pois acreditava-se que por mais que o tema-pivô da pesquisa fosse os relacionamentos afetivos intersubjetivos, a intrassubjetividade sempre predominará sobre a intersubjetividade. Os casais colaboradores foram informados sobre a pesquisa e escolhidos através da divulgação na rede social Facebook, na qual foi ressaltado o tema, bem como uma breve descrição dos objetivos da pesquisa. Acredita-se que a pesquisa não pode, de maneira alguma, se desligar do *hic et nunc* (aqui e agora), pois uma das suas etapas mais importantes constituiu-se de um estudo empírico através de entrevistas com

casais que residem em Porto Velho. Portanto, foi necessário moldar a pesquisa às novas tecnologias e meios de comunicação contemporâneos. Acredita-se que cada casal trouxe consigo sua própria mistura de intra e intersubjetividades, então pouco nos importou, como estudiosos da psicanálise, o sexo dos colaboradores, pois a libido é amorfa e não tem objeto definido. As entrevistas foram semiestruturadas de maneira aberta, o que conforme Bleger (1984) propicia ampla liberdade para o entrevistador-pesquisador perguntar e/ou intervir. Em outras palavras, foi elaborado um roteiro de “consignas disparadoras” que concomitantemente manteve a liberdade dos sujeitos para se expressarem através da fala e os conduziu a falarem de assuntos relevantes ao tema da pesquisa. Os sujeitos foram entrevistados nas salas de atendimento do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Fundação Universidade Federal de Rondônia sem o uso de gravadores, o que foi assegurado perante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), propiciando, portanto as condições necessárias para um setting favorável à escuta e a criação e um bom rapport.

Para facilitar o entrelaçamento reflexivo entre o discurso dos casais entrevistados e a revisão da literatura psicanalítica que se debruça acerca de temas relacionados ao amor, os depoimentos dos casais foram transcritos em forma de histórias de amor que concomitantemente preservou o sigilo e promoveu a interpretação dos dados pelos pressupostos teóricos do método de análise de conteúdo apresentado por Bardin (1977).

Para este artigo, foram escolhidos alguns depoimentos com o objetivo de iniciar um diálogo reflexivo entre a literatura psicanalítica e o discurso dos sujeitos entrevistados.

Resultados e discussão

As teorias freudo-lacanianas enfatizam a importância da falta na constituição do sujeito. Essa falta o impulsiona a investir em objetos do mundo exterior a fim de preenchê-la. É justamente esta falta que levou Suelen⁵, 24 anos a relatar que costuma chamar seu namorado Luan de Solution Boy, ou seja, o homem das soluções, como se essa falta fosse um problema cuja solução está nas mãos de Luan, e, amando-o, a eliminaria. Todavia, será que o amor realmente erradica esta falta cuja existência, na realidade, é condição sine qua non para o sujeito desejante?

Luan, ao invés de ser um Solution Boy, é como todos os sujeitos, um Problem Boy, pois ele também possui uma falta. Tal colocação nos remete ao apotegma laciano (1972/1985): “Amar é dar o que não se tem”. Portanto, se pergunta: Por que, no amor, se dá o que não se tem? Dá-se o que não se tem porque o falo como significante marca sua impossibilidade de ser cedido (HARARI, 2006), justamente para que a relação sexual – metáfora do gozo absoluto – não se concretize.

Remete-se, portanto a outro apotegma laciano (1972/1985): “Não há relação sexual. Há algo que vem em suplência: O amor”. A relação sexual, metáfora desse encontro com a satisfação absoluta, não pode ser escrita. Sua impossibilidade é condição sine qua non para o psiquismo. O desejo é e continua sendo na medida em que não há relação sexual, não há encontro com o gozo, com o Real, com a plenitude. É justamente por isso, que o relacionamento amoroso mantém o sujeito em uma corda bamba entre o amor e o ódio, entre o horror vácuo (o vazio) e o horros plenis (a satisfação). O relacionamento amoroso gera um prazer parcial e, portanto, ilude a falta (vácuo) desse sujeito, mas ao mesmo tempo, evita o gozo (plenitude), pois a melhor maneira de evitar o gozo, conforme Nasio (1997), é simulando-o.

A subjetividade é regida pela ausência

5. Nome fictício. Todos os nomes de colaboradores utilizados neste artigo são fictícios.

da relação sexual⁶, para que o desejo continue desejando, e para que a fantasia da volta à onipotência pré-edípica, que muitos amantes constroem, tenha uma falha. Se os amantes fossem realmente *solution people*, se prostrariam eternamente a um gozo absoluto inexistente e mortífero: Não haveria mais desejo! Não haveria mais sociedade! Não haveria mais sequer o amor! Será possível amar sem desejar?

Essa busca no outro de um pedaço que falta em si mesmo apareceu no discurso de vários entrevistados direta ou indiretamente, como se houvesse uma tentativa de uma fusão utópica amante-amado, como se fossem duas partes de um mesmo quebra-cabeça que se encaixariam perfeitamente. Tal colocação nos remete às etapas pré-edípicas do desenvolvimento quando a criança costuma se perceber como extensão da mãe, tendo as suas necessidades ilusoriamente satisfeitas de forma plena e imediata. Essa tentativa de atingir a completude através de amar e ser amado pode ser compreendida a luz do Édipo, pois se configura como tentativa de fundir-se com o amante, formar o Um Platônico conforme denominação de Lacan (1972/1985) a fim de alcançar um gozo desmedido.

Por exemplo, Cláudia, 23 anos, mantém um relacionamento sério com Ivette, 26 anos, há mais de três anos. Cláudia relatou que queria implantar os óvulos de Ivette dentro do seu útero através da inseminação artificial. As fantasias de Cláudia de fundir-se com a amada podem ser ilusoriamente realizadas dentro do útero, através de outro ser. No entanto, dentro da subjetividade, tal fusão é impossível, pois o Um Platônico não existe, já defendia Lacan (1972/1985) no Seminário 20, pois se existisse, marcaria um encontro com o gozo, com a completude, a aniquilação da falta, e a morte do sujeito em vida.

Para que a falta se preserve e o desejo se proteja do perigo de um gozo desmedido que aniquilaria o sujeito e que não pode ser vivenciado a qualquer custo, surgem as falhas no relacionamento.

Raíssa, 25 anos, falou sobre seu relacionamento com Inaê, 30 anos, com tanta paixão, meticulosidade e ternura que lagrimou. Todavia, ao ser indagada sobre os momentos de menor companheirismo por parte da parceira, a paixão virou uma raiva aparente. Raíssa reclamou que Inaê não gostava de segurar seus cabelos quando queria escová-los, muito menos acompanhá-la ao salão.

Ao falar dos cabelos, remete-se ao que Lacan (1953/2009) propôs no Seminário 1: “Queremos ser amados por tudo – não somente pelo nosso eu, como o diz Descartes, mas pela cor dos nossos cabelos, pelas nossas mãos, pelas nossas fraquezas, por tudo” (p. 359). Em suma, parece, a partir do relato dos entrevistados, que querem ser amados incondicionalmente. Mas será que o sujeito é capaz de amar da mesma forma que deseja e fantasia ser amado?

Na impossibilidade de satisfazer o desejo de forma completa e de ter um relacionamento dito perfeito, por mais belo que pareça ser, surge a fantasia como uma cena imaginária e mítica que propicia consolo ao sujeito vivenciando-o como a forma de um prazer.

A fantasia, assim como a falta e o desejo, são condições *sine qua non* para a abordagem psicanalítica do amor. Quando Freud (1914/2006) escreveu acerca do inconsciente, o caracterizou pela atemporalidade, pelo regimento do processo primário através do qual a energia libidinal flui livremente podendo deslocar-se e condensar-se em diferentes representações mentais

6. Refere-se ao apotegma lacaniano “Não há relação sexual”. A relação sexual, nesse contexto, é uma metáfora para a satisfação completa do desejo. Como a insatisfação é condição indispensável para o estado anímico do inconsciente, esta relação sexual (no sentido lacaniano) não pode ser concretizada, ou seja não existe um estado de gozo absoluto, pois o maior desejo do desejo é de continuar desejando. Assim, nossa subjetividade é marcada por essa falta de relação sexual.

através de processos metonímicos e metafóricos respectivamente. Nesse universo interno marcado pelo inconsciente, as fantasias condensadas de libido reinam sobre a realidade externa. Trata-se de um mundo significativamente simbólico-imaginário. Para Roudinesco e Plon (1998, p. 223), a fantasia é “a parcela da atividade psíquica que se mantém independente do princípio de realidade e submetida unicamente ao princípio de prazer”.

Conforme Freud (1914/2006), a fantasia é um reino intermediário que construímos entre a vida conforme o princípio de prazer e a vida conforme o princípio de realidade. Em um primeiro momento, parece que a fantasia é puramente regida pelo princípio de prazer, pois no mundo fantasmagórico tudo pode ser verdade.

Paulo, 30 anos, fantasia se casar com roupas de basquete, ao passo, que Fabrício, 21 anos se fantasia como um bisavô com uma multidão de filhos, netos e bisnetos. Disse que queria ter cinco filhos para espalhá-los pelos cinco continentes. O interessante é que o sujeito é o personagem principal de suas fantasias, utilizando a representação mental do outro para alimentá-las, na esperança de tornar real aquilo que faz parte do nosso espectro simbólico-imaginário.

Observa-se que as fantasias com o ser amado surgem antes da consolidação do relacionamento, podendo ser destruídas após conhecer o outro mais intimamente, gerando certa decepção por parte do amante, até que possa reconstruir novas fantasias.

É importante salientar que é frequente surgirem angústias relacionadas a expectativas e fantasias sobrevalorizadas quando o casal passa a morar junto, ou seja, quando passam do estado de namoro para o estado de união civil. Tal fato foi perceptível no relacionamento entre Sharlene e Daniel. Ele destacou que se identificava mais com a Sharlene namorada, pois depois que se uniram, começaram a brigar por causa de diferentes motivos: falta de dinheiro, filhos, familiares, entre outros. Sharlene tornou-se outra pessoa. Há muitas

Sharlenes nessa história: uma antes da união, outra depois da união e uma terceira na cabeça de Daniel que reina sobre as primeiras.

A fantasia sobre o amor ideal era evidenciada nas expectativas de companheirismo absoluto, respeito, felicidade, completude que apareciam no início das entrevistas quando os colaboradores eram questionados sobre o significado do amor e o que dele esperavam. As falhas nas expectativas e a decepção geralmente apareciam no decorrer da entrevista quando os entrevistados tinham liberdade para falar sobre os momentos de menor companheirismo do amado. Alguns chegaram a chamar o outro de egoísta, ou egocêntrico. É justamente neste sentido que percebemos que as fantasias esbarram com a realidade. Trata-se de um furo na fantasia de um amor ideal e perfeito que preenche todas as faltas e satisfaz todos os desejos. Alguns entrevistados demonstraram-se cientes da exacerbada idealização das relações amorosas que é majoritariamente vivenciada.

Na teoria é lindo, e é isso que a gente busca. Mas na prática: o amor tem o outro lado. Eu acho que às vezes, eu espero muito. Acho que a gente coloca no outro nossa felicidade, como se fosse preencher tudo. Te leva pro paraíso, mas também te leva pro inferno. A gente espera. A gente se frustra. Por isso vou sempre mantendo os pés no chão. (Rosy, 22 anos.)

Rosy sente-se atraída pelo perfil de Kleber, mas de vez em quando se frustra. Disse que ele é muito autocentrado e egoísta, e chegou uma vez a deixá-la sozinha em uma festa. Apesar dos pesares, mantêm um relacionamento sério há cerca de 4 anos. Aquele que mais amamos é aquele que mais nos deixa sofrer. Aquele que mais nos deixa sofrer é aquele que mais amamos.

Segundo J. D. Nasio (2007), “A angústia é o avesso do prazer. Angústia e prazer são tão indissociáveis que os imagino como gêmeos paridos

pelo desejo” (p. 33). A análise do discurso dos entrevistados ressaltou o caráter indissociável da angústia e do prazer dentro de um relacionamento. Parece que os relacionamentos não são tão perfeitos conforme se costuma idealizar. Suelen, por exemplo, se entretém com as brigas do casal. O mais comum, todavia, é surgir uma angústia por medo de perder o ser amado e/ou seu amor, de forma específica. Muitos dos colaboradores descreveram uma sensação “estranha” e/ou “ruim” relacionada à possibilidade da perda do ser amado. Nasio (1997) chama essa sensação de angústia, que é um sentimento frente a uma possível perda, a uma possível dor psíquica. Ofélia, por exemplo, chorou quando lhe foi pedida que imaginasse como seria sua vida sem Vladimir. Em alguns casos, como por exemplo, no de Gregory e Lorena, que namoram há mais de seis anos, há relatos de dor psíquica, pois o casal chegou a pôr um ponto final no relacionamento várias vezes. É justamente essa dor e essa angústia que nos motivou a escrever o projeto: “Quando o amor se vai: um estudo com jovens de Porto Velho”, desenvolvido no ciclo 2013-2014 do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

Foi comum ouvirmos em relatos de apaixonados a seguinte frase: “Não me imagino mais sem ele” ou “Não me vejo mais sem ele”. Postula-se que esse tipo de frase ilustra o sentimento de angústia que muitos amantes sentem para com seus seres amados. Quando um sujeito diz “não me vejo mais sem ele”, é porque em algum momento do relacionamento se imaginou ou se viu sem o parceiro e isso incrementou o sentimento de angústia, gerou um simulacro de uma dor psíquica que não conseguiria suportar. Quando o sujeito diz que não imagina é porque já imaginou. É essa a lógica da subjetividade.

Tal angústia foi também destacada por Suelen, de uma forma até poética que se cita a seguir.

Eu evito falar de amor para não me magoar, mas

acho que amo ele, a gente totalmente se encaixa. As brigas acontecem, mas é incrível a capacidade que temos para respeitar o sentimento do outro. Meu amigo! Se a gente não brigasse, não teria graça. Ele me respeita, me escuta, me acompanha. Eu queria que durasse. Tenho medo que não dure. Tenho porque sou doída, tenho medo de ele acordar e dizer: ‘eu gosto da Suelen, mas não é a Suelen’. Fico com medo. Não posso criar muita expectativa e tento fazer com que isso dê certo para durar mais pra frente. (Suelen, 24 anos.)

O amor contemporâneo, além das nuances subjetivas, desperta um sentimento de insegurança quanto ao futuro, que possivelmente resulta da lógica da pós-modernidade na qual vivemos e na qual os relacionamentos se tornam cada vez mais líquidos e transitórios. Será que esta insegurança é própria do amor ou é relacionada às nuances subjetivas da pós-modernidade? Será que o sofrimento seria um dos pilares de um relacionamento amoroso, e sem o qual não haveria amor?

Freud (1930/2006) destacou que o sujeito nunca se encontra tão suscetível ao sofrimento como quando está amando. Ao mesmo tempo, o pai da psicanálise enfatizou a busca frenética do sujeito pela felicidade através de amar e ser amado. O discurso dos casais entrevistados leva a supor que o sujeito, em geral, ama para que seja amado de volta. Ou seja, os entrevistados esperam ser amados reciprocamente, o que já foi defendido por Freud (1914/2006) quando distinguiu entre os dois tipos de escolhas objetais: narcísica e anaclítica (por apoio). Nota-se que a escolha anaclítica é tão narcísica quanto a primeira, pois se procura no outro o pai que protege ou a mãe que alimenta, evidenciando, portanto, um retorno subjetivo para aquele que ama e investe sua libido na representação mental do outro. Daniel, 27 anos, relatou que almeja a reciprocidade no amor, se expressando através das seguintes palavras: “Espero ser retribuído. O amor que eu dou. Espero ser retribuído.” Esse discurso

apareceu de forma latente quando os entrevistados diziam que esperam respeito, companheirismo, felicidade e completude. Tais afirmações nos levam a reforçar as suposições de que se procura no outro aquilo que não se tem. Portanto, parece que os entrevistados amam por um fim. O amor não é filantrópico.

Considerações finais

A realização da pesquisa: “A busca pelo amor: um estudo com jovens e casais de Porto Velho-RO” permitiu desenvolver um diálogo entre o arcabouço freudo-lacaniano sobre o amor e o discurso de jovens casais de Porto Velho-RO, abrindo, portanto, novas conjecturas para a compreensão das nuances subjetivas que possivelmente regem os relacionamentos amorosos. Os resultados permitem apontar que os entrevistados esperam ser amados de forma recíproca. Esperam também alcançar a felicidade, o companheirismo e a completude. Embora os relacionamentos amorosos situam-se no campo da subjetividade, no qual reina a relatividade, foi possível salientar aspectos em comum entre a maioria dos relacionamentos abordados.

Os casais costumam fantasiar o relacionamento, uns mais que os outros, mas em suma todos fantasiam, cada um a partir de uma forma singular e única. Compartilham, além disso, do sonho de se completar e conseqüentemente atingir a felicidade, o gozo, a jouissance. Ora, esse gozo é dito impossível, pois caracteriza a morte do desejo.

É justamente por isso que surgem falhas no relacionamento. O Real bate à porta. O véu de fantasias e expectativas com o qual recobrimos a representação mental do ser amado se rasga. Os episódios de discórdia e sentimentos de angústia surgem. Alguns brigam, outros sentam para

conversar por diversos motivos: falta de atenção, futebol, sapatos, religião, ciúmes, um mero olhar que se desvia, a bunda de outra, uma maldita palavra mal dita. Briga-se às vezes pelo espaço na cama, pelo cabelo do outro. Em suma, a discórdia surge quando os planos de um não incluem o outro, ou quando as necessidades de um não coincidem com as do outro, quando os desejos não se casam, quando os inconscientes se atropelam. Ou seja, nas margens do amor, não há apenas mãos dadas. Não há apenas pôr do sol, contos de fada. Há também escuridão, há também discórdia. Tal discórdia é crucial para um relacionamento, pois se não houvesse falhas, o relacionamento seria completo, seria perfeito, e o sujeito cessaria de amar, já que é exatamente a completude e a perfeição que ele busca através de amar e ser amado de volta, já que não se busca mais aquilo que o sujeito já tem. E assim como Freud já havia salientado em pleno início do século XX, ainda em meados do século XXI presenciamos que o amor, ao mesmo tempo que causa extrema felicidade, sentimento de completude quando correspondido, também gera mais angústia, desconforto, ansiedade e sofrimento quando dá sinais de não correspondência ou quebra do contrato secreto de dedicação recíproca, o que nos leva a levantar novos questionamentos acerca dos relacionamentos amorosos, reforçando sempre a conspícua relatividade e subjetividade em prol do amor.

Supõe-se, portanto, que o que move o amor não é o sentimento de amor per si, mas a busca crônica pela felicidade e completude que geralmente une dois sujeitos para que juntos possam desejar e continuar desejando a ilusão de uma completude até que A MORTE⁷ os separe: a morte do desejo, a morte das ilusões que pode ser tão mortífera quanto a morte real do parceiro.

7. Deslizamento de significante entre as palavras: Amor e A morte. A completude, na psicanálise é sinônimo de morte subjetiva, pois o sujeito abstém-se de desejar. Entre um “Amo-te” e “A morte”, há apenas o R do Real.

Referências

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Persona, 1977.
- BLEGER, José. *Psico-higiene e psicologia institucional*. Porto Alegre: Artmed, 1984.
- FREUD, Sigmund (1900/2006) A interpretação dos sonhos. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 4.
- _____. (1911/2006) Observações sobre o amor transferencial. In: *Obras psicológicas completas de sigmund freud*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 12.
- _____. (1914/2006) Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Obras psicológicas completas de sigmund Freud*. Edição standard brasileira das obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 14.
- _____. (1917/2006) Luto e melancolia. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 14.
- _____. (1927/2006) O futuro de uma ilusão. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 21.
- _____. (1930/2006) O mal-estar na civilização. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 21.
- HARARI, Roberto. *Por que não há relação sexual?* Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.
- HERRMANN, Fabio; LOWENKRON, Theodor (org.). *Pesquisando com método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- LACAN, Jacques (1953/2009) *O Seminário, livro 1- Os escritos técnicos de Freud*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. Versão Brasileira de Betty Milan.
- _____. (1959/1988). *O Seminário, livro 7 - A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- _____. (1960/1992). *O Seminário, livro 8 - A Transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- _____. (1962/2005) *O Seminário, livro 10 - A Angústia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.
- _____. (1972/1985) *O Seminário, livro 20 - Mais, ainda*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.
- NASIO, Juan-David. *O livro da dor e do amor*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- _____. *O Édipo: O complexo do qual nenhuma criança escapa*. Trad. André Telles e Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SHAKESPEARE, William. *Sonnet 116*. Disponível em: <<http://www.shakespeare-online.com/sonnets/116.html>>. Acesso em 04 abr. 2014.

DIVERSIDADES SEXUAIS E EXPRESSÕES DE GÊNEROS: OS DIREITOS À CIDADANIA

*William Siqueira Peres¹; Rogério Amador de Melo²*SEXUAL DIVERSITY AND GENDER OF EXPRESSIONS: THE RIGHT TO CITIZENSHIP

Resumo: Este artigo se divide em três momentos: um panorama histórico-conceitual que dialoga com o ativismo político e emancipatório das lutas empreendidas pelo movimento LGBTTTI – Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e intersexos; um compilado teórico conceitual advindo de pesquisas e estudos acadêmicos; problematizações a respeito da emergência das homofobias, lesbofobias e transfobias.

Palavras-chaves: diversidades sexuais; gêneros; direitos humanos; cidadania

Abstract: This paper is divided into three stages: a historical and conceptual overview that dialogues with political and emancipatory activism of the struggles undertaken by LGBTTTI movement – Lesbian, gay, bisexual, transsexual, transgender and intersex; a conceptual theoretical compiled arising from academic research and studies; problematizations about the emergence of homophobia, lesbofobias and transfobias.

Keywords: sexual diversity; genders; human rights; citizenship

1. Professor do Departamento de Psicologia Clínica e Programa de Pós-graduação em Psicologia da UNESP/Assis; Doutor em Saúde Pública pelo IMS-UERJ e Pós-doutor em Psicologia e Estudos de Gênero pela Universidad de Buenos Aires.

2. Mestrando em Psicologia e Sociedade pela UNESP/Assis-SP. Psicólogo pela Universidade Paranaense – UNIPAR (2012) – Campus Sede Umuarama/PR.

História social, política e cultural de dissidências: do ativismo político à produção acadêmica.

As décadas de 1960 e 1970 podem ser consideradas como os mais importantes anos disparadores de acontecimentos sociais, políticos, intelectuais e culturais em diversas partes do mundo. O final da década de 1960 foi marcado como um período de muita contestação e rebeldia, sendo muito conhecida a referência ao maio de 1968 na França, mas também por diversas manifestações coletivas que eclodiam em outros países, tais como Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha, quando intelectuais, jovens estudantes, trabalhadores e trabalhadoras, negros e mulheres expressaram suas insatisfações diante dos conservadores arranjos sociais e políticos que se orientavam por teorias universalistas que, por sua vez, produziam um grande vazio acadêmico, colocando em discussão questões como segregação e discriminação que eram silenciadas pelo aparelho de Estado e seus seguidores. Surgiram, então, movimentos políticos e culturais que se solidarizaram com os grupos que eram colocados à margem ou desvalorizados por suas origens.

Em consequência dessas ações, alguns desdobramentos se efetivaram em acréscimo às preocupações sociais e políticas do movimento feminista que estavam em processo, tais como as lutas pela emancipação social e política de direitos de igualdades entre homens e mulheres, culminando em algumas construções teóricas e reflexivas emergidas pelas próprias mulheres que adentraram o universo acadêmico, ficando conhecido como a “segunda onda” do feminismo.

Foi, portanto, nesse contexto social e político que a emergência de livros, jornais e revistas fez surgir uma nova conjuntura discursiva para o universo acadêmico, demarcando o surgimento dos estudos sobre a mulher. Entre as mais evidentes publicações houve maior visibilidade para o célebre livro publicado na França por Simone de Beauvoir “O segundo sexo”, de 1949, sendo seguido nos Estados Unidos por “O feminino místico” de Betty

Friedman em 1963, e na Inglaterra por “Políticas sexuais” de Kate Millett, em 1969.

Em consonância com os estudos feministas, questões relacionadas aos estudos sobre as homossexualidades, avançarão em suas reflexões através do ensaio a respeito do papel do homossexual na Inglaterra, de Mary McIntosh (1968), promovendo o primeiro enfrentamento sobre as questões da identidade sexual. Este trabalho apenas obteve reconhecimento a partir da metade dos anos 1970, quando foi retomado por escritores que relacionavam questões do feminismo e da liberação gay. Esses estudiosos da história gay e lésbica deram início ao resgate de documentos e biografias invisíveis, negligenciados ou suprimidos por arquivistas e historiadores.

Jeffrey Weeks (1977) será reconhecido e considerado o primeiro historiador inglês a se interessar pelo estudo da sexualidade na Inglaterra. Recorrendo ao estudo de McIntosh sobre o papel da homossexualidade na Inglaterra, Weeks apresenta a distinção entre comportamento homossexual – universal – e identidade homossexual – desenvolvida histórica e culturalmente – pautado pela relação com a reorganização da família, gênero e do lar da Grã-Bretanha do século XIX. Em 1975, Gayle Rubin publica o celebre ensaio “Tráfico de mulheres”, criticando a visão essencialista de que sexualidade e reprodução estabeleciam os gêneros. Para ela, existe um aparelho social que toma as fêmeas como matérias-primas e molda as mulheres domesticadas como produto de troca. Neste ensaio a autora desenvolve o conceito de sistema sexo/gênero criticando o atrelamento desses termos entre si, evidenciando que nem sempre existem relações entre eles, muito embora esse sistema funcione como um dispositivo de organização das relações sociais e da sociedade como um todo.

Em 1984, Gayle Rubin apresenta o texto “Thinking sex” e sugere nova desconstrução do sistema sexo/gênero, dividindo-o em dois domínios, diferenciando sexualidade e gênero como sistemas distintos por requererem estruturas explicativas

próprias, mesmo que inter-relacionadas em circunstâncias históricas específicas. Em paralelo à vida acadêmica dessa época, os movimentos sociais caminhavam nas ruas e produziam o que irei denominar aqui de:

História dos enfrentamentos aos heterofascismos sexuais e de gêneros.

Em 28 de junho de 1969 ocorreu a revolta do Bar Stonewall, em Nova York – EUA, quando gays, lésbicas e travestis se aglutinaram e montaram barricadas na rua, enfrentando policiais que os perseguiram, espancavam e prendiam em nome da moral e dos bons costumes. Surgiu o movimento de contestação homossexual e três revistas foram criadas na ocasião: *Gay power*, *Come out e Gay*. Esse momento também é reconhecido como a data de origem das comemorações do “Dia Internacional do Orgulho LGBTTTTI (lésbicas, gays, travestis, transexuais, transgêneros e intersexuais)”, comemorado com marchas, paradas e outros eventos sociais, políticos e culturais que enobrecem as pessoas com orientação sexual e de gêneros não heterossexuais, quando na verdade o dia LGBTTTTI deve ser considerado todo dia, e não apenas somente um dia do ano.

Apesar da existência de iniciativas políticas de algumas organizações homossexuais antes da experiência do Bar de Nova York, tais como Comitê Científico Humanitário – fundado pelo alemão germano Magnus Hirschfeld em 1897 e fechado pelo nazismo –; e alguns grupos homossexuais americanos nos anos 1950 como *Mattachine Society* e *Daughters of Bilitis*, foi no final dos anos 1960 que se intensificou a politização e ocorreu uma transformação nos grupos homossexuais (quando diversos novos grupos começarão a surgir em diversas partes do mundo). Enquanto ocorria o enfrentamento do estigma e da discriminação no Bar Stonewall, em Nova York, no Brasil era experimentada a opressão da ditadura militar, que não só reprimia como prendia e matava as dissidências que não acatavam suas determinações

de ordem, respeito e submissão às ordens nacionalistas expedidas.

No ano de 1969, com o domínio da ditadura militar no Brasil, foi decretado o Ato Institucional n. 5, conhecido como AI-5, que estabelecia o fechamento do congresso, suspendia os direitos constitucionais, nomeando o general Emilio Garrastazu Médici como novo presidente do Brasil. Já nos anos 1980, com a eclosão da epidemia da AIDS, além dos estigmas e discriminações, novas formas de estigmatização recaíram sobre a comunidade homossexual brasileira, tendo os grupos LGBTTTTI que ampliar suas estratégias de lutas e acrescentar em suas agendas novas campanhas de conscientização na busca do enfrentamento da epidemia, que se processa por três vertentes: de esclarecimento sobre as formas de prevenção diante da infecção pelo HIV, do direito de acesso aos medicamentos e tratamentos da AIDS, e do enfrentamento dos estigmas vividos pelos portadores do vírus e doentes da AIDS, que na comunidade LGBTTTTI se somou aos já existentes em decorrência de suas orientações sexuais e expressões de gêneros não heterossexuais.

Paralelamente, os grupos específicos LGBTTTTI vêm privilegiando ações denominadas “políticas de visibilidades”, como modos estratégicos e críticos que permitam as pessoas de orientação não heterossexual a exercitar seus direitos de cidadania, tendo entre essas estratégias as chamadas “paradas” ou “marchas” que tornam públicas a existência dessas pessoas, através de reivindicações legítimas de direitos a ter direitos, ampliando a chamada inicial da insígnia *Gay*, para “*Marcha do orgulho lésbico-gay-travesti-transsexual e bissexual*”.

Após as vivências dos anos de repressão dos tempos da ditadura no Brasil, os grupos LGBTTTTI se esforçam atualmente para realizar acordos e projetos políticos emancipatórios com seus governantes, tendo organizado confederações amplas como ABGLT – Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transexuais, fundada em 1995

no Brasil e que congrega atualmente mais de 200 grupos homossexuais espalhados por todo o país, porém, ainda encontrando resistências conservadoras por parte de grupos políticos e outros setores da sociedade, marcadamente influenciados pela igreja católica e evangélica e outras agremiações elitistas. Como consequência da ação política emancipatória, hoje esse grupo pode contar com a legalidade da união civil estável e o reconhecimento oficial dessas uniões como casamento.

Em 1993 aconteceu o I ENTLAIDS – Encontro Nacional de Travestis e Liberados que trabalham com AIDS, ocorrido na cidade do Rio de Janeiro-RJ, contando com a presença de 65 participantes. Em 1994 aconteceu o II ENTLAIDS na cidade de Vitória-ES, contabilizando a participação de 40 travestis. Desde então os encontros foram acontecendo anualmente e persistem até os dias atuais, com uma média de 150 a 200 travestis e transexuais advindos das mais diversas localidades brasileiras.

No ano de 2000, o VIII ENTLAIDS foi organizado em Cabo Frio-RJ, com 200 participantes. Neste encontro foi criada a Rede Nacional das Travestis (RENATA), até então, reunião fechada para pessoas que não fossem travestis, que viria dois anos depois a ser transformada na Articulação Nacional das Travestis, Transexuais e Transgêneros (ANTRA). Em 2004, foi realizado o XI ENTRAIDS (no encontro anterior ficou decidido que seria retirado a letra “I” de liberados, passando a ser identificado como Encontro Nacional das Travestis, Transexuais e Transgêneros (ENTRAIDS). O evento aconteceu na cidade de Campo Grande-MS, contando com a presença de 200 travestis. Foram com esses encontros que tornou-se possível conhecer as grandes lideranças nacionais do movimento brasileiro de TTT, e que de certa forma permitiu aproximações de amizade, respeito e admiração entre os diversos grupos, por uma comunidade singular que luta por seus direitos e constrói sua cidadania, permitindo uma maior aproximação com

as colaboradoras de nossa pesquisa de doutorado (PERES, 2015).

Essa dimensão social e histórica, constitutiva das cartografias existenciais das travestis brasileiras, produtoras de pontos de resistências frente aos processos de estigmatização, se coaduna com apontamentos de Parker (2002) de que

Ao focalizarem as questões internas, do poder do gênero sexual, de raça e de etnia, classe social e assim por diante, essas abordagens estimularam assim compreensões mais dialéticas da relação entre contextos e culturas locais, por um lado, e dos processos sociais e históricos mais amplos, por outro. (PARKER, 2002, p. 27.)

A partir dessas novas considerações, passamos a encontrar análises que contemplam aspectos sociais, econômicos e culturais que até então não eram considerados nos estudos sobre as travestis, passando a priorizar com mais ênfase o coletivo em detrimento do individual. Os ENTRAIDS são realizados anualmente e seguem com suas lutas emancipatórias e de reivindicação de direitos e respeito às identidades de gêneros nos diversos setores públicos e privados da sociedade.

Dos Estudos de Gays e Lésbicos aos Estudos Queer: processos de subjetivação em ação

Demarcado pela multiplicidade contemporânea de expressões sexuais e de gêneros, os Estudos Gays e Lésbicos tradicionais que concentravam estudos identitários sobre a comunidade homossexual em geral, são problematizados e dão lugar a um novo paradigma teórico e metodológico, os chamados Estudos Queer. As teóricas e teóricos desta perspectiva partem do pressuposto que as identidades são sempre múltiplas e descontínuas, constituídas por variações infinitas de possibilidades, pois sua configuração trás elementos relacionados com sexualidades, orientação sexual, raças e etnias,

classes sociais, expressões de gêneros, posições geracionais, nacionalidades etc.

Neste sentido, todas as identidades são entendidas como construções instáveis, transitórias, arbitrárias e excludentes. Suas configurações dependem de um exterior constitutivo que se processam através de relações de saberes e poderes. Seguindo essa vertente, os estudos voltados para as identidades de gays e lésbicas tiveram inicialmente uma influência grande da crítica literária, assim como dos estudos culturais feministas, compondo o que viria a ser chamado de “queer theory”, possibilitando interfaces entre a produção das identidades, os processos de subjetivação, a comunidade e a ordem dos discursos.

Esses estudos se tornaram importantes a partir do momento que fomentaram novos insights, novas questões a respeito dos modos de vida gays e lésbicos, expressões de travestis e transexuais, intersexualidades e bissexualidades, considerando que as formas de abordagens teóricas e metodológicas existentes até então já não se mostravam satisfatórias.

O surgimento da “queer theory”, ou ainda de uma política queer, surge nos anos 1990, articulada pela produção de um grupo de intelectuais que, embora tivessem discordâncias em suas análises internas, apresentavam algumas aproximações significativas. Uma das contribuições mais importantes para a formulação de uma “queer theory” tem sido marcada pelo pensamento de Michel Foucault, mais precisamente pelos estudos sobre as sexualidades e suas implicações discursivas, as conexões possíveis entre saber e poder, no tocante às problematizações a respeito dos engendramentos pelos quais as práticas sexuais são autorizadas para o exercício dos prazeres, como as pessoas lidam com seus próprios corpos e expressões, forjando classificações das espécies e montando uma tipologia sexual.

Trata-se da metodologia de desconstrução dos mitos e dos preconceitos, de subversão dos

valores e normas, dando passagem para que a diferença e a singularidade tenham espaço de expressão. Uma das críticas mais contundentes da queer theory, ao repensar as referências teóricas que colocam em análise, diz respeito à perspectiva dos binarismos, buscando reverter valores e sentidos que são atribuídos às expressões sexuais e de gêneros de que uma pessoa deva se fixar a um modo identitário único e absoluto, propondo que ao invés da proposição “isso” OU “aquilo”, mudemos para “isso” E “aquilo”.

Judith Butler, em seu livro “Problemas de gênero” (2003), desenvolve problematizações críticas sobre o sistema sexo/gênero iniciado por Gayle Rubin, acrescentando a dimensão do desejo e as práticas sexuais, que se apresenta como ferramenta da heteronormatividade, que determina que uma pessoa, ao nascer com sexo macho, terá um gênero masculino, seu desejo seja heterossexual e sua prática sexual será ativa, enquanto que se nascer com sexo fêmea, seu gênero será feminino, seu desejo heterossexual e sua prática sexual passiva. Dentro dessa lógica não existe possibilidade de qualquer variação a essas formatações identitárias, e, se acaso a pessoa expressar alguma alteração dessas premissas, seu reconhecimento perde inteligibilidade e torna-se impossível a compreensão, aceitação e a valoração positiva. Tratam-se de lógicas normativas que não reconhecem o ser humano como múltiplo e diverso para centralizá-lo no formato do uno, absoluto e totalizado.

De modo crítico a essa determinação Michel Foucault (1988) nos adverte que

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os

discursos. (FOUCAULT, 2005, p. 30.)

Tomada por essa advertência, Eve Kosofsky Sedgwick em seu livro “A epistemologia do armário” (1998), dialoga com Foucault e coloca as sexualidades e os gêneros em análises, a partir da ideia de um dispositivo social e histórico de saber-poder em que os corpos são disciplinados e regulados nas relações que estabelecem com o mundo, com os outros e consigo mesmos. A perspectiva de Sedgwick será reconhecida por diversos autores como o ponto inicial da *queer theory*. Em suas críticas aos regimes binários de análises sobre as identidades, Eve Kosofsky Sedgwick pergunta se haveria sentido discutir se a identidade é uma essência ou uma construção social.

Para ela, este debate não seria mais do que uma nova armadilha do poder, pois, se tomamos a homossexualidade como essência, abrirá a possibilidade de uma política de extermínio sobre a qual até os sócios biólogos já alertaram a respeito, e se é uma construção a homossexualidade poderá ser considerada como uma escolha, por tanto, será criminalizada. Como alternativa Sedgwick faz a proposta de deslocar o plano de imanência da oposição, sem optar por uma ou outra e mudar o regime mesmo da sexualidade.

Nesta configuração, Gayle Rubin, em seu texto “Pensando o sexo” (1984), problematiza a respeito da existência de uma pirâmide erótica que determina normatizações e privilégios diante de posições padronizadas de sexo higienista, no qual o seu topo seria primeiro habitado por casais heterossexuais casados, monogâmicos e com filhos, decrescendo por casais heterossexuais não casados, e logo abaixo, se situariam os casais de gays e de lésbicas que convivem em matrimônio monogâmico. Conforme as pessoas vão se distanciando dessas demarcações apontadas elas passam a perder privilégios e respeitabilidade por praticarem atos e prazeres que escapam dos modelos reprodutivos e higienistas determinados

como padrão.

Seguindo essas determinações, as pessoas gays e lésbicas que frequentam boates, bares temáticos voltados para o público GLS, saunas e/ou parques para encontros sexuais são mal vistos não só pelos heterossexuais mais moralistas como por outros gays e lésbicas que ocupam lugares normativos e assépticos da moral vigente e que acreditam ser pessoas dotadas de regimes de verdades que os qualificam como certos e melhores do que os demais. Posto dessa forma, podemos demarcar diferenças de classes sociais, de raças/cor, de estéticas corporais, presentes nas relações entre pessoas LGBTTTI, e, que, diante desses marcadores sociais e sexuais de estigmas, se sentem autorizadas para estigmatizar, discriminar, violentar e excluir, amparadas pela lógica narcisista que delega poder para o exercício de arbitrariedades.

Mesmo nas análises iniciais realizadas por Eve Sedgwick na “Epistemologia do armário” as desigualdades sociais já se faziam presentes. As relações sociais, afetivas, sexuais e amorosas vividas pelas mulheres são construídas através da experiência da subordinação na relação com os homens, impossibilitadas de expressar desejos próprios e de serem reconhecidas em suas singularidades. Em suas análises defende que a homofobia, neste sentido, se associa à misoginia, exacerbando o machismo e que não se efetiva apenas nas relações de intimidade, mas se apresenta como elemento fundante das relações sociais e de poder.

Nesse panorama, conforme aponta Richard Miskolci (2009), esse primeiro estudo *queer* estremeceu as crenças conceituais a respeito da concepção usual da heterossexualidade ao mostrar a história de sua construção e demonstrar que não há nada de natural e/ou de essencial em sua formatação, mas que traz em si mesma uma determinação, logo, ninguém nasce heterossexual, mas torna-se assim em decorrência das imposições reguladoras e disciplinares feitas pela sociedade e

suas instituições de controle e regulação. Assim, em uma heterossexualidade compulsória, as práticas do poder podem ser vistas como modeladoras dos processos de socialização de modo a impor regimes de verdades para que as pessoas sejam reconhecidas, aceitas, respeitadas e inseridas nas principais instituições sociais, tais como, família, escola, igreja etc.

Para problematizar a respeito das dissidências sexuais e de gêneros que escapam das capturas do sistema heteronormativo Eve Sedgwick coloca em análise as condições de medo, vergonha e impotência pelas quais muitas pessoas se sentem tolhidas na expressão de seus desejos sexuais e de gêneros e se mantêm aprisionadas em decorrência de um forte dispositivo de regulação da vida social: o armário. Para ela, o armário funciona como modo de controle que atua sobre os corpos, os desejos e as paixões das pessoas que amam e se relacionam com pessoas do mesmo sexo, e, ao mesmo tempo, como modo de dar privilégios às pessoas que amam e se relacionam com pessoas do sexo oposto, dando manutenção à ordem heteronormativa e às instituições que lhe dão sustentação. Neste sentido, estar/viver no armário configura tanto os amores e práticas sexuais secretas, possíveis apenas de se expressarem nos espaços privados e intimistas dos guetos, quanto de reificar a crença de que somente os amores e práticas sexuais heterossexuais são autorizados a se expressarem livremente à luz do dia e em público.

Como analisa Miskolci (2009), o armário é uma forma de regulação da vida social presente na vida das pessoas que ousam amar os seus iguais, marcados pelo temor e as consequências advindas das esferas familiares, laborais e públicas. Ele se funda no segredo, na mentira, mas também, na farsa e na vida dupla.

Essas vivências, por sua vez, contribuem e incentivam a manutenção do segredo, a excessiva vigilância diante de vulnerabilidades de exposição, o fechamento em si mesmo e a condição do aprisionamento no armário, reificando as práticas

homofóbicas/lésbofóbicas/transfóbicas (expressão de ódio, nojo ou repulsa) externas aos sujeitos, e a efetivação da homofobia/lesbofobia/transfobia internalizada nos mesmos.

Para avançarmos em nossas análises a respeito das expressões das sexualidades e de gêneros na contemporaneidade, precisamos problematizar como o dispositivo de sexualidades e de gêneros interfere nos processos de subjetivação que compõe as diversidades sexuais e de gêneros.

Nessa perspectiva, tomando as sexualidades e os gêneros como ponto de partida de problematização sobre a emergência de novos arranjos-identidades sexuais e de gêneros na contemporaneidade, podemos perceber o surgimento de metodologias e de abordagens teóricas que rompem com as tradicionais leituras a respeito desses arranjos-identidades, antes associados a uma perspectiva binária e essencialista, mais precisamente sob orientação da biomedicina, para tomar as variadas formas de expressão das sexualidades e dos gêneros como sendo mediadas por determinações psicossociais, históricas e culturais (PARKER, 1991; 2002; WEEKS, 1999; VANCE, 1995; SCOTT, 1995; LOURO, 1999). Dentre as contribuições para problematizar as sexualidades, chamamos a atenção para os estudos realizados por Carole Vance (1995), que questionam a pesquisa antropológica e a pesquisa das sexualidades, confrontando duas abordagens principais: o essencialismo e o construcionismo social.

Carole Vance dialoga com Gayle Rubin e apresenta argumentação contra a visão essencialista, fundamentada na ideia de que as sexualidades e a reprodução seriam determinantes na diferenciação dos gêneros. Em contraposição, a autora investiga e denuncia todo um aparato social de domesticação das mulheres, ao serem transformadas em matérias-primas de trocas mercantilistas, forjando um sistema sexo-gênero, entendido como: “[...] o conjunto de medidas mediante o qual a sociedade transforma a sexualidade biológica em produto da

atividade humana e essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (RUBIN, 1993, p. 2).

Este sistema sexo-gênero apresentado por Gayle Rubin denuncia a tendência essencialista de naturalizar e igualar as relações de gêneros, assim como a própria sexualidade, como sendo meramente da ordem reprodutiva e instintiva. A autora nos adverte que esse sistema ainda é determinante nos modos de classificações usados sobre as expressões e práticas sexuais contemporâneas, propondo rompimento com essas abordagens, de modo a tomar as sexualidades e os gêneros como consequências das transformações sociais (RUBIN, 1993). Em suas análises, Rubin se apropria do disparador analítico que Foucault (1988) constrói a respeito da ideia de um “dispositivo da sexualidade”, o qual associa as práticas sexuais às práticas de saber poder que, por sua vez, toma o sexo como um dispositivo de controle dos corpos e de regulação das populações. Esse dispositivo da sexualidade, segundo Foucault (1993), é:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode manter entre esses elementos. (FOUCAULT, 1993, p. 244.)

O dispositivo da sexualidade toma o sexo como seu objeto, de modo que as práticas sexuais são orientadas pelo exercício do poder, que captura e disciplina os corpos, regula as populações e domestica o desejo, reificando-se através de sua disciplina mais violenta, o biopoder. Do lado das disciplinas as instituições como o exército e as escolas, preocupando-se com as questões táticas, da aprendizagem, da educação e a ordem da sociedade, produzem discursos, significados e sentidos determinantes para o controle dos corpos

e seus prazeres, instituindo identidades sexuais e de gêneros engessadas pelas imposições da fisiologia e da reprodução. Do lado da regulação das populações, a demografia, atendo-se a respeito da relação entre recursos e habitantes, as concentrações das riquezas e sua distribuição, a duração da vida, produz o dispositivo de segurança, que estará presente em todas as instâncias das sociedades modernas.

Como dimensão política do dispositivo de segurança a ação reguladora se incide sobre a economia (políticas econômicas) e sobre o desejo (políticas do desejo) produzindo controles e regulação que estabelecem políticas sobre a vida. Essas políticas determinam a circulação das pessoas pela cidade, os espaços autorizados para o comércio, habitação e/ou lazer, mas também, a regulação e a permissão sobre o que e como as pessoas podem desejar. Tal articulação da cultura econômica e política com os processos desejantes comporiam os modos de existência dos sujeitos, logo, de produção e delimitação de territórios geopolíticos existenciais.

Essas disposições articularão os agenciamentos concretos que constituirão a grande tecnologia do poder do século XIX e que persistirá até os dias atuais: o dispositivo da sexualidade e o dispositivo de segurança que, aliado ao dispositivo dos gêneros, impõe como modelo normativo e serializado o homem branco, classe média, heterossexual e produtivo, constituindo sujeitos restritos às normativas do sistema sexo/gênero/desejo/práticas sexuais que funciona dentro de uma perspectiva binária, reducionista e falocêntrica, cristalizando e fixando os determinantes de como deve ser e funcionar um homem e uma mulher através do modelo heteronormativo na contemporaneidade.

As reflexões sobre as tecnologias de poder nos permitem transpor essa ideia para tecnologias de sexo, engrenagens dos corpos que se efetivam por técnicas e posições determinantes de uma higiene asséptica moral que atribui ao sexo uma

lógica mecânica reprodutiva, aproximando-se de referências binárias que estabelecem uma saúde sexual, efetivada por uma medicina sexual, que tem como maior expoente a Sexologia.

A medicina sexual estabelecerá parceria com a educação sexual voltada para o adestramento dos corpos em função da procriação, todavia, uma pedagogia queer defendida por Débora Britzman (1999) criticará a ideia de educação sexual considerando que a educação estaria associada à ideia de disciplina, de regulação e controle das sexualidades.

Jeffrey Weeks (1999) tem problematizado o determinismo biológico, insistindo na visão da sexualidade como uma construção social e histórica, evidenciada por situações concretas. Coloca sob suspeita a visão essencialista, que reduz as sexualidades e os gêneros à uma determinação biológica, restrita à uma fisiologia reprodutiva e uma filosofia moral; adverte para o fato dos estudos e pesquisas sobre sexualidades sempre terem sido feitos por homens, deixando claro que os discursos sobre a sexualidade, especialmente a sexualidade feminina, sempre foram construídos por meio de uma linguagem masculina, evidenciadas por superposições de experiências masculinas, cuja metáfora mais comum está associada à ideia de penetração e de descarga sexual (WEEKS, 1999; LAQUEUR, 2001).

Neste sentido, problematizar a respeito das sexualidades e dos gêneros solicita diálogos intensos e fecundos com os movimentos sociais emancipatórios, dada a dimensão política em que se inserem tais categorias e as suas dimensões na produção da subjetividade contemporânea.

Apesar de múltiplos devires em ação que participam da construção das sexualidades e dos gêneros, ainda há a presença de uma visão reducionista amparada por uma concepção que toma o corpo e a sexualidade como expressão de uma verdade, regulada pela ação do biopoder, que estabelece o limite do aceitável. No entanto, uma orientação mais política tem estado presente nas

discussões e ações norteadoras dos movimentos sociais, entre eles os voltados para a defesa dos direitos humanos, em interface com as organizações não governamentais de orientação feminista e emancipatória, assim como com o movimento LGBTTTI – que reivindicam a inclusão dos direitos sexuais como direitos humanos –, além de emancipação psicossocial, política e cultural que promovem políticas inclusivas e participação cidadã.

Contudo, tão importante quanto o dispositivo da sexualidade, um dispositivo de gêneros, centrado na ordem dos discursos masculinizantes-feminilizantes, participa dos modos de subjetivação das pessoas, que ao serem atravessadas por valores, discursos e significados diversos, constituem-se e tornam-se constituintes de determinados modos de relação com o mundo, com si mesmo e com os outros, variando em intensidades de captura, normatização, cristalização e intensidades de devires outros em ação.

Uma possível conceituação sobre gênero é apontada por Louro (1999):

A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 1999, p. 11).

Na perspectiva feminista teórica queer, encontramos alguns estudos desenvolvidos por Butler (2003) a respeito da construção do sexo, da performatividade de gênero e da abjeção dos corpos. Orientada por Michael Foucault, resgata a metodologia genealógica de base nietzschiana e problematiza os saberes, de modo a mapear as dimensões éticas e políticas que engendram

práticas disciplinares e de controle dos corpos, das sexualidades e dos gêneros. Essas dimensões estão presentes nos processos normatizadores de subjetivação e são determinantes nos processos de captura dos corpos e cristalização dos desejos. Qualquer expressão sexual ou de gênero que escape das estratificações normativas corre o risco de experimentar processos de estigmatização, discriminação, violência e exclusão, gerados e geradores de intensos sofrimentos psicossociais, sendo transformados em abjeções. Essa é a ideia de corpo abjeto apresentado por Butler (2003).

Os movimentos sociais voltados para a comunidade LGBTTTI têm atuado em muitas frentes (saúde, educação, trabalho, segurança pública, direitos humanos), reivindicando direitos civis, econômicos, sociais e políticos, na busca da emancipação de seus pares e no resgate da dignidade humana, na busca da promoção de saúde global em uma perspectiva psicossocial e coletiva. Essas lutas mostram a necessidade urgente da criação de políticas inclusivas e emancipatórias que possam contribuir para a erradicação das violências, em destaque para a doméstica e sexual vivida por mulheres lésbicas e não lésbicas, no combate e a erradicação das homofobias, lesbofobias e transfobias, assim como diversas reivindicações de direitos, entre elas a legalização do aborto, jurisprudências e facilitação para mudança de documentos de travestis e transexuais, legalização da adoção de filhos por LGBTTTI e do reconhecimento do matrimônio entre pessoas do mesmo sexo por todas as instituições sociais.

Marcadas pelas crises dos paradigmas contemporâneos, todas as expressões sobre as sexualidades e os gêneros entraram em processos de desterritorialização, desequilibrando as identidades tidas, até então, como fixas e absolutas, desestabilizando as referências de gêneros. Assim, avançando em suas análises a partir da referência de tecnologias do sexo apresentado por Foucault (1988), Tereza de Lauretis (1994) cria o conceito de

tecnologias de gênero, em que ela afirma:

A constelação ou configuração de efeitos de significados que denomino experiência se altera e é continuamente reformada, para cada sujeito, através de seu contínuo engajamento na realidade social, uma realidade que inclui – e, para as mulheres, de forma capital – as relações sociais de gênero. [...] a subjetividade e a experiência femininas residem necessariamente numa relação específica com a sexualidade. (LAURETIS, 1994, p. 228.)

Se, por um lado, podemos refletir sobre as tecnologias de gêneros em seus aspectos significativos de captura e aprisionamento subjetivos, por outro, pode-se fazer referência às relações entre gêneros e identidades, porque o gênero é a nossa identidade primeira, é aquilo que atribui existência significável para os sujeitos, qualificando-os para a vida no interior da inteligibilidade cultural (BUTLER, 2003). Tanto as sexualidades quanto os gêneros são elementos fundantes e constitutivos da subjetividade, logo participa da feitura dos sujeitos, porém, Lauretis (1994) alerta que é preciso separar gênero da diferença sexual e passar a conceber o gênero como produto de várias tecnologias (efeito da linguagem, do imaginário, do desenvolvimento complexo de várias tecnologias políticas produzidos nos corpos).

Para Tereza de Lauretis somos todos interpelados pelo gênero, lembrando que a interpelação é “[...] o processo pelo qual uma representação social é aceita e absorvida por uma pessoa como sua própria representação, e assim se torna real para ela, embora seja de fato imaginária.” (LAURETIS, 1994, p. 220.)

Complementando e ampliando as reflexões de Tereza de Lauretis, Beatriz Preciado (2008) em seu livro “Testo Yonqui” aponta que o conceito de gênero está relacionado a uma série de maquinarias, de técnicas de normatização e de transformação dos seres humanos (fotografias

dos “desviados”, identificação celular, terapias hormonais, análises cromossômicas, mudanças estéticas, cirurgias transexual e intersexual), que por si mesmas nos levaria a falar de “tecnogênero”, dadas as suas relações com as técnicas fotográficas, biotecnológicas, cirúrgicas, farmacológicas, cinematográficas que constituem a materialidade dos sexos. Neste sentido podemos retornar às discussões feitas por Rubin (1999) ao propor o dismantelamento do sistema sexo-gênero, considerando as opressões experimentadas pelas mulheres e dissidências sexuais, diante das normatizações estabelecidas pelo patriarcado e pelo heterossexismo, e que são denunciados por diversas pesquisadoras feministas, a partir de Adrienne Rich (1986), como “heterossexualidade compulsória”.

Nessa linha de pensamento, as imagens e as práticas sociais, sexuais e de gêneros realizadas pelas travestis e transexuais se confrontam com as premissas de sexo e gênero tradicionais, dadas as suas categorias desordenadas, que borram os limites imagéticos e inteligíveis que tínhamos, até então, a respeito do que seria da ordem do masculino e do feminino. As travestis e transexuais apresentam, nesse sentido, uma desconstrução do que seria coerente e suportável, frente aos conceitos de sexo, gênero, sexualidade, prática sexual e desejo, iluminando definitivamente uma tendência “queer”.

Romper com o binarismo favorece outro modo de análise, que se orienta por modos de subjetivação nômades e vibráteis, que efetivam expressões sexuais e de gêneros como categorias em construção permanente, dentro de um continuum infinito de arranjos logo, em processos de desterritorialização e reterritorialização frequentes, que impedem qualquer ideia de fixidez, universalidade ou de verdade absoluta e acabada. Romper com os dualismos e os valores e conceitos universais também implica colocar em tela os efeitos que as identidades tomadas como acabadas produzem em todos nós e que limitam

as possibilidades de ampliação e de percepção das multiplicidades que compõe as diversidades sexuais e de gêneros.

Há uma padronização que define que identidades podem ser reconhecidas como boas respeitáveis e aceitáveis e quais seriam catalogadas como más perigosas e desprezíveis. Essas categorias na maioria das vezes vêm carregadas de preconceitos adquiridas através da ordem de discursos que Foucault (1999) desenvolveu em sua aula inaugural no *College de France*. Os discursos funcionam como dispositivos de regulação e controle dos corpos, produzindo regimes de verdade, ou vontade de verdades, para que nos aliemos às premissas do poder, para que sejamos reconhecidos como normais e como superiores às outras expressões da existência que escapam a essas mesmas regulações.

Esses sistemas discursivos têm por finalidade exacerbar os modelos normativos identitários e desprezar e interditar as expressões identitárias que resistem e enfrentam o poder fazendo uso do mecanismo disciplinar como estratégia regulatória. De modo complementar, Foucault (1999) esclarece que:

A disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites para o jogo de uma identidade que tem a forma para a reatualização permanente das regras. Tem-se o hábito de ver na fecundidade de um autor, na multiplicidade dos comentários, no desenvolvimento de uma disciplina, como que recursos infinitos para a criação dos discursos. Pode ser, mas não deixam de ser, princípios de coerção, e é provável que não se possa explicar seu papel positivo e multiplicador, se não se levar em consideração sua função restritiva e coercitiva. (FOUCAULT, 1999, p. 10.)

Essas determinações disciplinares prejudicam as tentativas ampliadas de convívio com as diferenças, com as expressões humanas

que destoam das crenças que fomos levados a acreditar enquanto modelo único, ascético e reducionista de sermos sujeitos; aí fica complicado pensarmos nos modos humanos de viver que se ampliam dentro das formatações que podemos chamar de diversidades sexuais e de gêneros para o humano.

Algumas problematizações possíveis a respeito da noção de identidade podem ser encontradas nas publicações advindas dos estudos queer, e neste sentido, seguindo os passos de Suzana Lopes Penedo (2008) podemos constatar que o carro chefe de problematizações feitas pelos teóricos queer dizem respeito aos usos e abusos da categoria identidade, pois entendem a mesma como excludente ao situar-se como marca individual em oposição a outros marcadores sociais da identidade, tornando-a restrita a um lugar no mundo que por si mesmo se mostra como opositora e fascista.

Nesta direção, David Córdoba Garcia (2005) aponta para a urgência de uma crítica a noção de identidade, de modo a definir uma posição antiessencialista que nega qualquer tentativa de naturalização, fixidez e totalização. A identidade sexual e de gênero neste sentido não pode ser tomada como expressão de um interior natural e/ou essencial, pois a ideia da existência de uma essência interior nada mais é que o efeito regulatório provindo da própria identidade que, por sua vez, é uma manifestação da exterioridade (PERES, 2013).

Aqui fica patente que o sujeito é construído por processos múltiplos e complexos que não antecedem a ele mesmo, o que por sua vez nos remete ao espaço político em que as negociações de ocupação de certos lugares no mundo se fundam, promovendo assim a subversão de valores, sentidos e discursos normativos que se pretendem universais e imutáveis. De acordo com Córdoba Garcia (2005) e Penedo (2008) a identidade apresenta em seu bojo uma dimensão de exclusão e de extermínio de toda e qualquer outra marcação

identitária, reificando o sistema sexo/gênero/desejo e suas determinações binárias e universalizantes. Demarcando essa dimensão de exclusão que habita a identidade, Córdoba Garcia (2005) parte da ideia de que o espaço discursivo que emerge a identidade não a determina de antemão, logo, sua afirmação se constrói diante da possibilidade de sua resignificação em espaço aberto e de sua interação, o que por sua vez denota que suas determinações de significados e de conteúdos por meio da exclusão e repressão de outras formas identitárias possíveis. Para Garcia, há que se ater aos processos identitários em sua produção, de modo a clarificar que para uma identidade se fixar ela precisa excluir diversas outras formas identitárias, porém, ao fazê-lo ela encobre esse processo de modo a dar a ideia de que a identidade seria uma essência, algo que as pessoas já nasceriam com ela, e, portanto, não permite sua problematização, pois aquilo que se mostra natural não pode ser transformado ou conectado com outros campos de possíveis.

Seguindo ainda os passos de Córdoba Garcia (2005), pensar sobre a identidade somente será possível se considerá-la como espaço político em que se possa intervir (e de fato se intervém) para modificar seus termos, para redesenhar seus limites, para incluir posições antes excluídas, para resignificar as posições existentes. Esses determinantes identitários abrem precedentes para que se possa problematizar a respeito dos processos de subjetivação que individualiza e aprisiona o sujeito em uma única dimensão identitária, e, neste sentido, Preciado (2008) propõe que todo esse engendramento dos discursos normativos determinantes das identidades sexuais e de gênero que se materializa nos corpos se daria através de tecnologias e programações de sexo e de gênero, sendo entendida como:

[...] tecnologia psicopolítica de modelização da subjetividade que permite produzir sujeitos que pensam e atuam como corpos individuais, que se

auto compreendem como espaços e propriedades privadas, com uma identidade de gênero e uma sexualidade fixa. A programação de gênero parte da seguinte premissa: um indivíduo = um corpo = um sexo = um gênero = uma sexualidade. Desmontar essas programações de gênero (...) implica “um conjunto de operações de desnaturalização e desidentificação”. (PRECIADO, 2008, p. 90.)

Na transcontemporaneidade podemos perceber a existência de diversos modelos de programação de sexo e de gênero, marcados pelo momento social e histórico, político e cultural que se atualizam de acordo com as negociações de saber poder prazer que aproximam e/ou distanciam suas atrizes e atores envolvidos nos processos sociais e políticos de emancipação. Serão por meio de tecnologias de sexo e de gênero que poderemos problematizar a respeito das configurações que comportam a produção das diversidades sexuais e de gêneros, partindo então, das dimensões sociais, políticas e culturais que as constituem.

Problematizações a respeito da emergência das homofobias, lesbofobias e transfobias.

Para a efetivação do respeito às expressões sexuais e de gêneros ainda temos alguns enfrentamentos que demandam ações específicas, desde direitos de circulação pelo mundo, como de composições afetivas e amorosas que possam ser reconhecidas e contempladas por políticas de afirmação dos desejos, o que fica claro que, para além de políticas de identidades, são necessárias políticas de solidariedade.

Como modo de problematização aos fascismos identitários, a primeira linha de resistência aos imperativos heteronormativos e falocêntricos nos remete ao enfrentamento das homofobias, das lesbofobias e das transfobias. A homofobia vem sendo definida por vários autores, tais como, Daniel Borrillo (2001), por Didier Eribon (2001), por Olga Viñuales (2002) como manifestação de repulsa, ódio e nojo de uma pessoa em relação a

homossexuais.

Para Daniel Borrillo (2001) a homofobia teria duas dimensões: uma dimensão afetiva/emocional que manifesta repulsa aos homossexuais, e uma dimensão cultural que rechaça a homossexualidade como fenômeno psicológico e social. Segundo Borrillo, essas dimensões (afetiva e cultural) clarificariam a respeito de situações bastante comum, em que algumas pessoas “toleram” conhecidos(as) e amigas(os) LGBTTTI, mas não concordam e/ou defendem políticas de equivalências de direitos.

De modo concomitante, a homofobia também pode acontecer entre os próprios homossexuais, considerando os discursos ouvidos durante a infância e a adolescência de que desejar pessoas do mesmo sexo seria pecado, doença ou crime, que seriam desviantes se não se conformassem com os heterossexismos; mas também devido à variação de estéticas e narrativas que compõem as homossexualidades, as diversas formas de expressar a homossexualidade, e que, quando associada a outra marca estigmatizante – classe, raça/cor, gênero, geração, estética, deficiência física e/ou sensorial etc. – intensifica a experiência da exclusão.

A homofobia quando interiorizada (no armário), se encarrega de produzir baixa auto-estima, sentimentos de insegurança, ansiedades, inibições intelectuais, afetivas e sexuais, dificuldades de socialização, fechamento em si mesmo, e como última consequência, tentativas e efetivação de suicídios. A esse respeito nos aponta a mexicana Marina Castañeda (1999):

A homofobia interiorizada não tem fim: ela ressurgue, sob diferentes formas, ao longo do ciclo vital. Complica a percepção que o homossexual tem de si mesmo e dos outros; colore todas as suas relações interpessoais assim como o seu projeto de vida e sua visão de mundo. Constitui provavelmente a diferença subjetiva mais importante entre homossexuais e heterossexuais.

A palavra “homofobia” significa medo ou rejeição da homossexualidade. Esse medo pode parecer instintivo, como o medo do fogo, mas não o é. Constitui mais um fenômeno cultural que está longe de ser universal, e que reveste diferentes formas e significações segundo o contexto. (CASTAÑEDA, 1999, p. 71.)

Ainda voltado para a terminologia, queremos esclarecer que a ideia de homofobia tem muito mais proximidade com as pessoas gays, marcadas por especificidades que produzem corporalidades, figurações e narrativas que dizem respeito a processos de subjetivação normatizadores que produzem sujeitos homens gays, enquanto no caso de mulheres lésbicas suas especificidades enquanto corporalidades, figurações, necessidades e discursos, propõem o uso da palavra lesbofobia, definido pelo Dicionário gay-lésbico de Félix Rodríguez (2008, p. 250) como posição que mostra fobia ou aversão às lésbicas por homens e mulheres heterossexuais; para as travestis e transexuais, pelo mesmo modo de especificidades que lhes são próprias, recomenda-se o uso da palavra transfobia, problematizada e definida por Louis-Georges Tin (2003), considerando suas especificidades corporais, emocionais e sociais, assim como suas reivindicações de respeito e positividade das expressões de gêneros, ao seu nome social e direitos comuns entre os pares de sua comunidade.

A pesquisa realizada por Fernando Silva Teixeira-Filho e Carina Rondini (2009) no Brasil, a respeito de tentativas de suicídios por adolescentes LGBTTTI (lesbo/trans/homo-suicídio) em situação escolar, em decorrência de vivências lesbofóbicas, homofóbicas, transfóbicas e/ou por homofobias e lesbofobias internalizadas, mostrou ter encontrado os mesmo resultados anteriormente apresentados por pesquisas internacionais, que apontam que em cada dez adolescentes entrevistados em situação escolar, três já havia pensado ou tentado suicídio em decorrência de sua orientação sexual ser

LGBTTTI.

Diante dessas demarcações e dos índices de assassinatos e suicídios resultados dos efeitos das homofobias, lesbofobias e transfobias fica evidente o quanto milhares de pessoas tem restringido o direito de ser, estar e circular no mundo, o direito à vida negado. Essas constatações abrem precedentes para falarmos da necessidade da urgência de políticas públicas viáveis e inclusivas daquelas e daqueles que ousam se expressarem como dissidentes sexuais e de gêneros diante do heterossexismo.

O direito a ter direitos para os LGBTTTI: a cidadania acessível para todas e todos.

Desde a década de 1990 vem sendo efetivado pelos movimentos sociais, em particular pelo movimento homossexual e das travestis e transexuais no Brasil, lutas e reivindicações pelo reconhecimento de direitos da população LGBTTTI. Muitas ações foram realizadas entre o movimento homossexual e de travestis e transexuais brasileiros e diversas esferas do poder público e privado, quer através de financiamentos de projetos advindos dos Ministérios da Saúde, da Educação, da Cultura, quer através de secretarias estaduais e municipais de diversos estados e cidades do país. De modo complementar aos financiamentos advindos dos ministérios ainda temos projetos financiados pela Secretaria Nacional de Direitos Humanos, ligada diretamente à presidência da república, que financiam projetos voltados para a defesa dos direitos humanos e de promoção da cidadania, promotores das campanhas “Brasil sem homofobia” e “Travesti e respeito”.

Entre as ações realizadas pelos estados e cidades podemos considerar diversas estratégias de combate às homofobias, lesbofobias e transfobias, através de leis sancionadas que punem pessoas e estabelecimentos públicos que discriminarem pessoas LGBTTTI; em uma primeira instancia essas pessoas e estabelecimentos públicos são alertados com uma advertência por escrito dos

atos discriminatórios exercidos; em uma primeira reincidência são multados financeiramente, que variam em valores de acordo com cada cidade, e, em segunda reincidência têm seu estabelecimento fechado. No caso específico das travestis, homens e mulheres transexuais além das leis punitivas que contemplam as discriminações por transfobias, temos decretos que visam garantir respeito às identidades de gêneros de modo que sejam tratadas de acordo com o gênero, ou seja, travestis e mulheres transexuais deverão ser reconhecidas e tratadas pela inflexão feminina, enquanto homens transexuais serão reconhecidos e tratados pela inflexão do masculino.

Esses decretos de respeito às identidades de gêneros se encontram em vigor dado através de portarias emitidas pelo Ministério da Saúde, da Educação, Ciência e Tecnologias e da Cultura. Também estão vigorando pelas portarias emitidas por Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde e Educação por diversos Estados e municípios da nação. Contudo, apesar de todos esses avanços em políticas de enfrentamento às discriminações homo-lesbo-transfóbicas e de respeito às identidades de gêneros, ainda nos deparamos com muitas cenas cotidianas de agressões, violências, assassinatos e torturas.

Dentro dessa perspectiva se faz necessário problematizar a respeito das composições que produzem as diversidades sexuais e de gêneros em suas dimensões plurais, ou seja, não existe apenas um modo de ser heterossexual, homossexual, bissexual, travesti, transexual ou intersexo, mas uma miríade de possibilidades de expressões humanas que variam de contexto para contexto, de acordo com seus marcadores sociais de classe, de raça/cor, de sexos, de gêneros, de estéticas corporais, de territórios geopolíticos, enfim, de estilos e modos de ser, estar e circular no mundo. Como a própria insígnia de composição da diversidade sexual indica falar de diversidades sexuais e de gêneros nos remete a pensar em um campo ampliado em que as diferentes cores do arco

íris possam ser consideradas fora de contradições e/ou de oposições em que um determinado modo de ser no mundo venha a ser catalogado como superior, e essa demanda não é nada fácil diante dos modos de subjetivação que se encontra em processo no mundo transcontemporâneo.

Muitos conceitos a respeito dos modos de ser hetero-homo-bissexuais precisam ser revistos e atualizados; isto implica em uma dimensão política e emancipatória de respeito às diferenças tomando como plano maior de análise o direito à vida.

Referências

- BEAUVOIR, S. *El segundo sexo: los hechos y los mitos*. v. I. Buenos Aires: Siglo Veinte, 1987.
- BORRILLO, D. *Homofobia*. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 2001.
- BRITZMAN, D. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASTAÑEDA, M. *A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas*. São Paulo: A Girafa, 2007.
- CÓRDOBA, D.G. Teoria queer: reflexiones sobre sexo, sexualidad y identidad: hacia una politización de la sexualidad. In: CÓRDOBA, D.G.; SÁEZ, J.; VIDARTE, P. (Orgs). *Teoría Queer: políticas bolleras, maricas, trans, mestizas*. Barcelona: Egales, 2005.
- ERIBON, D. *Reflexiones sobre la cuestión gay*. Barcelona: Anagrama, 2001.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2006.
- FRIEDMAN, B. *The feminine mystique*. Nova York: NYT Book, 1963.
- LAQUEUR, T. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. Trad. Suzana Funck. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). *Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- MCINTOSH, M. *Image of deviance*. Londres: Stanley Cohen, 1968.
- MILLETT, K. *Sexual politics*. Illinois: Illinois University, 1969.
- MISKOLCI, R. Comentário. In: MISKOLCI, R.; SIMÕES, J.A. (Orgs) Dossiê Sexualidades Disparatadas. *Cad. Pagu*, n. 28, Campinas, jan.-jun, 2009.
- PARKER, R. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Best Seller, 1991.
- PARKER, R. *Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- PENEDO, S. L. *El labirinto queer: la identidad en tiempos de neoliberalismo*. Barcelona: Egales, 2008.
- PERES, W. S. Psicologia e Políticas queer. In: TEIXEIRA-FILHO, F.S.; PERES, W.S.; RONDINI, C.; SOUZA, L.L. (Orgs). *Queering: problematizações e insurgências na Psicologia Contemporânea*. Cuiabá: EdUFMT, 2013.
- PERES, W. S. *Travestis brasileiras: dos estigmas à cidadania*. Curitiba: Juruá, 2015.

- PRECIADO, B. *Texto Yonqui*. Barcelona: Espasa, 2008.
- RICH, A. Heterossexualidad obligatoria y existencia lesbiana. Trad. María Soledad Sánchez Gómez. In: RICH, A. *Sangre, pan y poesía: prosa escogida: 1979-1985*. Icaria: Barcelona, 1986. pp. 41-86.
- RODRIGUÉZ, F.. *Diccionario gay-lésbico*. Vocabulario general y argot de la homosexualidad. Madrid: Gredos, 2008.
- RUBIN, G. (1975/1993). The Traffic in Women. In: REITTER, R. (Org.). *Toward anthropology of women*. Nova York: Monthly Review Press, 1975.
- RUBIN, G. (1984/1999). Thinking sex: notes for a radical theory of politics of sexuality. In: AGGLETON, P.; PARKER, R. (Org.). *Culture, society and sexuality: a reader*. Londres: UCL Press, 1999.
- RUBIN, G. Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad. Trad. Julio Velasco e Maria Angeles Toda. In: VANCE, C. S. (Comp.). *Placer y peligro: explorando la sexualidad femenina*. Madrid: Talasa Ediciones, 1989.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, 20, 2, jul.-dez. 1995.
- SEDGWICK, E. K. *Epistemología del armário*. Barcelona: La Tempestad Ediciones, 1998.
- TEIXEIRA-FILHO, F. S.; RONDINI, C. Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas. *Revista Saúde Sociedade*. v. 2, n. 3, São Paulo, jul.-set. 2012.
- TIN, L. G. *Dictionnaire de l' homophobie*. Paris: Presses Universitaires de France, 2003.
- VANCE, C. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. *PHYSYS - Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 1995.
- VIÑUALES, O. *Lesbofobia*. Barcelona: Bellaterra, 2002.
- WEEKS, J. *Coming out: homosexual politics in Britain, from the nineteenth century to the present*. Londres: Quartet Books, 1977.
- WEEKS, J. Corpo e Sexualidade. In: LOURO, G. L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

A NECA COMO DISPOSITIVO SOCIAL NA REPRESENTAÇÃO DO FALO

*Moisés de Figueiredo Guimarães¹*THE “NECA” AS DEVICE SOCIAL IN THE PHALLUS REPRESENTATION

Resumo: Este artigo aborda o conjunto de práticas discursivas de gays que, ao fazerem uso de um dialeto próprio, reclamam sua inserção e visibilidade em espaços sociais predominantemente machistas. Para tanto, o texto inicia-se traçando um breve percurso do corpo para se entender como a “neca” se insere como expressão de um universo gay constituído para além desse corpo, ressignificando e legitimando identidades marginalizadas. Apresentam-se, também, os processos que esses sujeitos operam sobre si mesmos de modo a exercitar certo estilo de vida e que implicações tomam essas novas práticas corporais. Por fim, assinala-se que a representação social da “neca” aponta para uma desordem de valor constituída pela ressignificação do símbolo fálico em uma sociedade falocentrista.

Palavras-chaves: corpo; falocentrismo; neca; dispositivo

Abstract: This article approaches the set of gay’s discursive practices who, when making use of their own dialect, requesting their inclusion and visibility in predominantly sexist social spaces. For both, the text begins by tracing a brief path to understanding the body how the neca fits as an expression of gay universe constituted beyond this body, giving new meaning and legitimizing the marginalized identities. Also presents the processes that operate on these subjects themselves to practice certain lifestyle and what implications it takes in these new bodily practices. Lastly, it is noted that the neca’s social representation points to a value’s disorder constituted by reframing the phallic symbol in a phallogocentric society.

Keywords: body; phallogocentrism; neca; device

1. Docente em Língua Portuguesa e especialista em Educação Sexual pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo.
e-mail: moiguibr@yahoo.com.br

Neste estudo pretendemos verificar em que dimensão uma performance de gênero estigmatizada reclama uma identidade e que conjunto de práticas discursivas a inscreve. Para isso, investigaremos como a 'neca'² atravessa o corpo numa sociedade falocêntrica e em que medida torna-se um dispositivo social, ressignificando e legitimando identidades marginalizadas.

Em um primeiro momento definiremos o corpo como construto implicado nos discursos que se inscrevem nele. Em seguida, como as representações de gênero disformes à norma estão fragilizadas, uma vez que a heteronormatividade colabora para torna-las invisíveis, reforçando a estigmatização e o esvaziamento de sentido.

O corpo e o seu discurso

Quando a fenomenologia existencial fala de mundo, ela se refere ao mundo de cada um. É por meio do contato com o outro que formamos a consciência da nossa condição. Compreender o mundo que se inscreve em nosso corpo através do discurso que atribuímos a este, é ter a consciência dos fenômenos que estão implicados em nosso modo de viver.

Através de Husserl³ começamos a compreender a realidade humana pela fenomenologia do conhecimento, é através da observação contínua que passamos a ter a consciência dos fenômenos pelos quais o corpo se inscreve. A consciência do homem não é vazia, sempre possui algum conteúdo, dizia Husserl. Isso significa que há uma adequação entre o dado e o algo colocado na consciência, adequação que não se descobre pela percepção nem ocorre pela sensibilidade. Essa adequação vem de algo dado, não identificável por qualquer teoria ou

hipótese consciente, mas presente como vivência fenomenológica.

A inscrição que o corpo tem em nosso discurso implica numa reordenação daquilo que pretendemos nos espelhar. Essa interface com o que nossa consciência prediz de nós mesmos e o meio social contribuem para que nos conheçamos melhor.

O pensamento é uma atividade que se elabora sobre a condição de existir e existir é mais do que pensar. Além disso, a consciência, por seu caráter intencional, reconhece em si algo que dela se distingue. Ao construir o seu mundo, o homem o faz se relacionando. E essa descoberta tem consequências. [...] O conhecimento principia na experiência, mas só é possível em função da anterioridade do existente. Essa experiência do fundamento é o campo das manifestações espontâneas naturais do viver comum que Husserl cognominou *Lebenswelt* ou mundo da vida. (CARVALHO, 1998, p. 12-13.)

A análise de Carvalho nos mostra que as consequências de uma inscrição identitária devem-se pela anterioridade do existente, o indivíduo passa a ter a consciência de seus atos e os atribui na dimensão do corpo. Ao reconhecer que esse indivíduo existe em um certo tempo e lugar, com um determinado tipo de experiência, a fenomenologia identifica o que há de único na existência humana. Essa construção nasce em um meio social, mas a vida é uma realização de escolhas, segundo Husserl.

Um jovem gay que se apropria de um discurso no qual a performance de gênero está demarcada, recria um novo locus de discurso para

2. Segundo VON MONFORT, neca é sinônimo de falo. Do vocabulário gay brasileiro (dialeto): aquilo que representa a genitália masculina. O mesmo que pênis.

3. Edmund Husserl, filósofo alemão de ascendência judaica fundador da fenomenologia. Ciência que busca identificar os aspectos invariáveis da percepção dos objetos e empurra os atributos da realidade para o papel de atributo do que é percebido (ou um pressuposto que perpassa o modo como percebemos os objetos).

“habitar” um meio e se inserir. Essa experiência transita por uma identificação e uma consciência ativa do que se estabelece para além do sistema sexo-gênero⁴.

Esse discurso que ora se inscreve sobre esse corpo e em outro momento, se desconstitui pela condição de impermanência da própria performance, mostra a capacidade criativa do homem em reinventar mecanismos comunicacionais que são apoderados por relações que Husserl define como “manifestações espontâneas naturais do viver comum”. A consciência tem um papel maior do que demonstrar a realidade, ela precede outros campos cognitivos que não permitem ao homem conhecê-la em si mesma, porque começa a se indagar a respeito do que lhe dá sustentação, na medida em que se abre para esta representação do ser. Descobre-se então, a autoconsciência.

Portanto, só através da experiência é que o indivíduo conseguirá atingir a autoconsciência e se inscrever na sociedade, como constituinte de uma identidade.

Tomando como ponto de partida o processo que os sujeitos operam sobre si mesmo de modo a exercitar certo estilo de vida – o cuidado de si⁵ – verificamos que os discursos levam a essência desses sujeitos que, em sua maneira de ser, orientam novas práticas corporais que se reconfiguram na coletividade. Essas práticas só terão imersão na sociedade se, e somente se, não forem silenciadas ou abafadas por qualquer corrente que possa interceptá-las, seja através dos eixos vinculantes familiares, por meio de instituições

de ensino, ou ainda em ambientes onde existem ideologias pragmáticas cunhadas por dogmas ou valores culturais que cerceiam manifestações conflitantes das que já são inteligíveis.

Retomando o objeto de práticas discursivas a que debruça esse estudo, percebemos que a neca – enquanto vocábulo que reestrutura um novo eixo discursivo na comunidade gay que o apropria – rompe com a norma hetero-hegemônica. A neca torna-se um dispositivo social de reinserção social, de revisão cultural de falares – no campo do discurso. Segundo Charaudeau⁶, as características dos discursos dependem essencialmente de suas condições de produção situacionais nas quais são definidas as coerções que determinam as características da organização discursiva e formal. Há, portanto, uma necessidade de se visibilizar, de autodeterminar o locus constituinte de uma cadeia social marginalizada por modos de vida e performances de gênero que estão fora do que a norma institui como modelo. Em uma sociedade predominantemente falocêntrica, a mulher, o homossexual, a transexual, e outras manifestações humanas de identidade de gênero disformes a norma hegemônica, segregarão e coexistirão à margem do que a consciência os emancipará.

Segundo Perucchi (2012, p. 88), é pelo sistema sexo/gênero que se estabelece a institucionalização das condutas corporais heteronormativas. Todas aquelas que atravessam essa essencialidade prescrita estão fadadas a conhecer as limitações que os corpos dominantes pretendem imputar. Sendo assim, reclamar uma

4. Segundo Butler, esse sistema configura uma matriz de significado que impede aos corpos uma formulação alternativa (contra-hegemônica) aos significados de “homem” e “mulher”, “masculino” e “feminino”.

5. FOUCAULT, M. O termo foi cunhado pelo autor para sua obra *História da Sexualidade 3*. O conceito de cuidado de si pressupõe processos pelos quais certas disposições sociais produzem sujeitos, forjando práticas corporais que passam a orientar outras práticas, de si sobre si próprio e sobre outros, criando estilo de vidas.

6. Patrick Charaudeau é um linguista francês que cunhou a ideia de Contrato de Comunicação. A noção de contrato é central na teoria discursiva de Charaudeau: para ele, cada vez que dirigimos a palavra a alguém, ou cada vez que tentamos nos comunicar com alguém — mesmo que através de gestos — o fazemos no intuito ou de cumprir ou de romper um contrato. O contrato pode ser definido como uma relação intersubjetiva que se baseia no status psicossocial que cada um dos parceiros assume para com o outro e reconhece no outro.

identidade é exercer um conjunto de práticas por meio das quais o sujeito se produz, ao mesmo tempo em que cuida de si. Essa produção é realizada, fundamentalmente, pelo corpo em relação a certas disposições sociais, no que se convencionou chamar de “sistema sexo/gênero”.

A neca – como dispositivo social que atravessa o discurso da heteronorma – reinscreve as fronteiras do corpo porque se configura elemento fundante de uma performance de gênero que não se enquadra ao sistema sexo/gênero dominante, porque a neca em si, não representa o falo na sua “real” dimensão: virilidade, masculinidade, dominação. Por esta razão, o gênero institui as fronteiras desse corpo a partir dos limites do socialmente hegemônico, uma vez concebido como um conjunto de gestos e inscrições desempenhados sob a superfície do corpo. Todavia, Foucault (2006) vai confirmar que o sexo será “materializado” pela performatividade dos agentes sociais, sobretudo por meio de práticas de uso dos prazeres que recepcionam ou expurgam essas superfícies à significação erótica.

Deve-se entender por esse princípio (de isomorfismo) que a relação sexual – sempre pensada a partir do ato modelo da penetração e de uma polaridade que opõe atividade e passividade – é percebida como do mesmo tipo que a relação entre superior e inferior, aquele que domina e aquele que é dominado, o que submete e o que é submetido, o que vence e o que é vencido.

As práticas de prazer são refletidas através das mesmas categorias que o campo das rivalidades e das hierarquias sociais: analogias na estrutura agonística, nas oposições e diferenciações, nos valores atribuídos aos respectivos papéis dos parceiros. E pode-se compreender, a

intrinsecamente honroso e que é valorizado de pleno direito: é o que consiste em ser ativo, em dominar, em penetrar e em exercer, assim, a sua superioridade. (p. 267.)

Sendo assim, percebemos que a construção das identidades sexuais e de gênero, corporalmente vivenciadas, processa essa capacidade performática de produção de diferentes sentidos que se inscrevem discursivamente nos modos de vida e que, em diferentes práticas de si, podem ou não serem aderentes a grupos ou “coletivos” familiarizantes.

A neca é um discurso apropriado, conjecturado, que ressignifica o falo para uma comunidade que o atribui com valor oposto – de atividade – a que a performance de gênero dominante o legitima. O dominado assume a passividade e redefine na díade superioridade e inferioridade o locus de valoração do gênero que na representação dominante é submetido: o feminino.

Se tomarmos como exemplos a literatura homoerótica de Jean Genet⁷ e de Caio Fernando Abreu⁸, respectivamente, nas obras *Nossa Senhora das Flores* e *O inventário do ir-remediável*, veremos que o falo é ressignificado através do gênero, ultrapassando os limites da masculinidade e feminilidade, reinscrevendo a homossexualidade como um corpo em trânsito. Em ambas as obras, veremos que o discurso atribuído ao falo reforça o domínio que a heterossexualidade exerce sobre as demais manifestações sexuais. A representação do feminino, a linguagem disposta, são elementos presentes na escrita desses dois autores.

Clément estava sentado na cama e deixava escapar pequenos gritos agudos. Os braços compridos se erguiam e tombavam, inertes, sobre

7. Jean Genet é um escritor, poeta e dramaturgo francês do séc. XX. Nasceu em Paris em 1910 e veio a falecer em 1986.

8. Caio Fernando Abreu é tido como um dos expoentes da literatura contemporânea brasileira, sua obra foi produzida entre as décadas de 1960 a 1990, de modo que o autor vivenciou um período de intensa repressão e autoritarismo político no país, que se iniciou com o golpe de estado em 1964.

os joelhos (do jeito que as mulheres fazem). Chorava. Os belos olhos estavam inchados das lágrimas que rolavam até a boca: “Ai! Ai!” Mas, eu aqui, só, não me lembro mais a não ser do músculo elástico que ele enterrou em mim sem usar a mão. Lembro-me daquele membro vivo em torno do qual gostaria de erigir um templo. Outros tomaram seu lugar. E Divina por Seck Gorgui, e outros por Diop, por N’Golo, por Smail, por Diague. Com Gorgui, Divina logo ficou baratinada. Ele brincava com ela como um gato com um rato. Era feroz. Com a face pousada sobre o peito negro – a peruca bem firme na cabeça –, Divina sonha com a língua dele tão dura quando a sua é mole. Tudo nela é mole. Maciez e firmeza são apenas uma questão de tecidos na qual o sangue é mais ou menos abundante e Divina é anêmica. Divina é de natureza mole. Isto é, de caráter mole, de bochechas moles, de língua mole e de pau macio. Tudo isso em Gorgui é duro. Divina se espanta que possa haver relação entre essas diversas coisas moles. Uma vez que rigidez equivale a virilidade... Se Gorgui tivesse uma só coisa dura... e já que é uma questão de tecido. A explicação foge a Divina que não sonha a não ser que “Sou a Mole-Mole”. (GENET, 1983, p. 197.)

Neste fragmento, temos as representações do feminino e do masculino conformadas pelo gênero sexual e pela construção social dominante que dispõem homem e mulher como ativo e passivo. Ao descrever a personagem travesti Divina como um ser “de natureza mole”, o autor reafirma o falocentrismo presente na sociedade francesa e a contrasta com a virilidade de Gorgui, um personagem gigolô da história. Em todo momento, o autor reforça que em tudo nele é viril e, a “ela” só caberia o seu oposto: “a língua dele tão dura” e “Tudo nela é mole”.

Percebemos, nesta construção dos personagens, a evidência de uma tentativa de ressignificar o falo através da “natureza mole” de Divina, entretanto, o próprio autor confirma o lugar

da marginalidade da travesti quando diz que o seu caráter é mole. A moral da heteronorma não coaduna com a “moleza” de uma representação humana que não possa ser enquadrada num modelo heterossexual. Logo, o falo mole, o papel sexual da travesti dispõe com um dispositivo na representação do falo na sociedade moderna.

Caio Fernando Abreu contribuiu muito para ressignificar o falo na literatura brasileira durante o período da ditadura militar, construindo uma narrativa coesa da homossexualidade como dispositivo social de reafirmação de direitos.

Perto da minha casa morava um soldado da brigada. A minha mãe era madrinha dele, a mãe dele era viúva. Quando crianças, nós brincávamos muito, mas era um guri esquisito como o diabo. Todo delicado, cheio de não-me-toques, loirinho, com uns olhos claros, uma cor que eu nunca mais consegui lembrar depois que ele se matou. Todos os sábados de manhã ele ia visitar mamãe, levava umas frutas ou um doce qualquer que a mãe dele tinha feito e ficava conversando na sala, feito moça. Logo que minha namorada casou, eu nem olhava pra ele, de tanto ódio. Depois comecei a armar uma vingança. Quando ele chegava eu ficava passando na sala sem camisa, às vezes até sem calças, só de cuecas. Ele ficava todo perturbado e desviava os olhos. Eu sentava perto, encostava a perna, piscava um olho pra ele na hora de apertar a mão. Um dia convidei-o para fazer uma pescaria comigo. Levamos uma barraca, cobertores, pinga, duas dessas camas de armar. E de noite eu comi ele. Com gosto. Como se estivesse com o pau na bunda de todos os soldados da brigada do mundo. Ele nunca mais foi lá em casa, a minha mãe reclamava, parava ele na rua para perguntar por quê. Até que ele tomou formicida e morreu. (ABREU, 1995, p. 84.)

Assim como Jean Genet, neste fragmento, o autor brasileiro Abreu apresenta o feminino na forma gestual do garoto “delicado, cheio de não-me-

toques” que antes de ser soldado da brigada sempre se comportou como uma mulher “conversando na sala, feito moça”. A confirmação da passividade do soldado – logo, sua homossexualidade – vem com a vingança do vizinho que, inconformado com o casamento de sua namorada, passou a assediá-lo até concretizar com o ato sexual. De forma rápida, o autor apresenta o desfecho após o assédio homossexual por um “hétero” que “comendo” um gay reafirmaria a sua virilidade: heterossexualidade.

Reinventando-se, portanto, um conceito que não cabe à “atividade” os falos moles, o corpo por si só denuncia através de estereótipos o que é homem ou mulher, falo ou neça, dominante ou dominado, viril e passivo, reforçando o preconceito e a marginalidade de gênero e orientação sexual.

A neça produz um conceito que atravessa a fronteira do falo, porque ela, por si só, é a margem resignificada de uma construção sexual que está sempre em transformação. Não seria este o modo de visibilidade que desconstrói o conceito de masculinidade e repensa o próprio processo performático que o discurso gay, inscritos nesses contextos sociais, estaria definindo?

Segundo Penteado e Gatti (2011), as masculinidades estão presentes nas mais variadas expressões e contextos sociais. As novas formas de resignificação de masculinidades com vivências pessoais permitem aferir a multiplicidade de expressões que se encontram no universo gay. Repensar definições de gênero, identidade e o lugar da cultura e das práticas sociais, é também ir de encontro a novos paradigmas que estão inscritos nesses atores sociais – aqui, representados por aqueles que tomam o discurso das necas – como um ativismo de lugar e representação social.

Referências

ABREU, C. F. *O inventário do ir-remediável*. Porto Alegre: Sulina, 1995.

BUTLER, J. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 153-172.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, J.M. *O homem e a filosofia, pequenas meditações sobre a existência e a cultura*. Coleção Filosofia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

CHARAUDEAU, P. *O contrato de comunicação em sala de aula*. Trad. Diléa Pires. São Paulo: Pratiques, 1999b. n. especial.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GENET, J. *Nossa Senhora das Flores*. Trad. Newton Goldman. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

HUSSERL, E. *A ideia da fenomenologia*. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.

PENTEADO, F. M.; GATTI, J. *Masculinidades: teoria, crítica e artes*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

PERUCCHI, J. Para uma análise sobre a incorporação de disposições normativas de prescrição dos corpos na contemporaneidade. *Bágoas: Revista de Estudos Gays*, v. 6, n. 7, p. 81-97, 2012.

VON MONFORT, D. Prefácio. In: GUIMARÃES, M. *Neca falônica*. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2012.

Bibliografia consultada

ABREU, C. F. *Caio 3D: o essencial da década de 1970*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

ADORNO, T. *Posição do narrador no romance contemporâneo*. In: Notas de Literatura I. São Paulo: 34, 2003.

BOURDIEU, P. Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe. In: MICELI, s. (Org.). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998. p. 183-202.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

PRECIADO, B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*. Campinas n. 28, p. 19-54, 2007.

JUIJPEN, W. A. M. *Introdução à fenomenologia existencial*. São Paulo: EPU, 1973.

A SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES EM ESCOLA ITINERANTE DO MST NO NORTE DO PARANÁ

Silvia Piedade de Moraes¹

ZANATTA, L. F. **A sexualidade de adolescentes em escola itinerante do MST no norte do Paraná.** 2013. 331 f. (Dissertação de Mestrado). Programa de Educação e Saúde na Infância e Adolescência. Universidade Federal de São Paulo, 2013.

A dissertação de mestrado “A sexualidade de adolescentes em escola itinerante do MST no norte do Paraná” defendida por Luiz Fabiano Zanatta pela Universidade Federal de São Paulo, aponta um paradoxo ideológico instigante: a luta pela liberdade, democracia e direitos nem sempre se concretiza dentro dos movimentos sociais organizados.

Em sua pesquisa, o autor explora por diversas vezes a relação que a palavra trajetória elucida em seu campo pessoal e de pesquisa. Pelos referenciais teóricos que escolhe, o que mais tarde reforça suas conclusões, vai paulatinamente mostrando que o trajeto feito pelos sujeitos em seus contextos (locais, sociais, econômicos, familiares, culturais, etc) são de fato constructo e construtor das diferentes formas de ser e viver.

Adotando referenciais teóricos pautados na linha da “construção sócio-histórica” o autor causa também um rompimento interessante quando discute a adolescência um pouco mais distante das teorias do desenvolvimento. Deixa claro que a especificidade de seus participantes – adolescentes de 12 a 18 anos que vivem em acampamentos do MST – têm aspectos diferenciais que merecem destaque. Sem perder de vista a adolescência como inquietação, problematiza as formas, impac-

tos e as (des)ordens dos acontecimentos neste período da vida.

O primeiro elemento que a pesquisa desconstrói é o de que no seio de um movimento hegemônico e altamente organizado como o MST, a liberdade e a igualdade possam ser pensadas também para suas relações interpessoais internas. Ao que a dissertação indica, a sexualidade não é reconhecida como política e as relações de gênero como poder. Ainda fundadas numa organização patriarcal, o Movimento atua em uma superfície rasa nestes aspectos, sobretudo aos voltados à sua tarefa de educação em sexualidade.

O rigor metodológico que o autor apresenta e sua opção por estar próximo de seus participantes, enfatiza sua imersão e entrega ao estudo. Ao destacar a Teoria das Representações Sociais como campo “guiador”, claramente opta por dar voz aos adolescentes de diferentes formas – ora ouvindo, ora observando, ora deixando falar, ora deixando surgir gestos e conteúdos afetivos subjetivos.

Quatro aspectos são fundantes de toda a pesquisa: 1. a adolescência e a sexualidade como construção social; 2. o peso das concepções de uma família patriarcal; 3. as assimetrias de gênero não problematizadas e; 4. a concepção organiza-

1. Doutoranda em Educação e Saúde na Infância e Adolescência – UNIFESP. E-mail: silviapmoraes@hotmail.com

cional do MST como geradora de vulnerabilidades.

O estudo divide-se em cinco capítulos em que as teorias, a metodologia e a análise dos resultados se entrelaçam de forma a dar corpo às conclusões. No primeiro, apresenta a concepção de adolescência problematizada a partir da Psicologia sócio-histórica. No segundo capítulo, amplia sua discussão de adolescência e seus desdobramentos sobre as construções de gênero, corpo e sexualidade. No terceiro, apresenta uma realidade quase invisível para grande parte da sociedade, a organização do MST e suas escolas itinerantes. Neste também, apresenta as inúmeras especificidades de seu contexto local. Em seguida, explora cada passo metodológico enfatizando o rigor científico e no último capítulo faz a integração das concepções e seus resultados.

A forma como organiza e relaciona as concepções referenciais e “seus achados” facilita a compreensão. Na apresentação de seus resultados e a discussão que propõe, demonstra de forma didática sua conclusão organizada em quatro blocos: o conceito de sexualidade para os adolescentes, os agentes da informação em sexualidade, os comportamentos afetivo-sexual dos adolescentes e as práticas sexuais e ainda destaca que as vulnerabilidades e as assimetrias de gênero perpassaram todas estas questões.

O autor enfatiza que as normas disciplinares ao comportamento dos adolescentes produzem mais vulnerabilidades que fatores de proteção. Imersos em uma concepção patriarcal, as relações de gênero são desiguais e fragilizam as adolescentes não só diante de sua sexualidade, mas na ocupação dos espaços de socialização.

A regulação da sexualidade se dá no campo da escola itinerante como historicamente se consolidou na educação brasileira: biologizada e fragmentada em abordagens pontuais.

Embora esta não seja de fato a intencionalidade do estudo, os paradoxos entre a constituição dos movimentos sociais no Brasil e a relação interna entre

seus membros surgiu repetidamente, apontando distanciamento entre a concepção global e midiática e seus desdobramentos internos.

A organização rígida fortalece o conjunto do movimento, mas fragiliza liberdades individuais; propõe-se estudos políticos-ideológicos, mas não vê a sexualidade como uma destas possibilidades; problematiza as relações de poder na sociedade, mas não no interior do movimento (adultos – adolescentes, homens–mulheres, etc.); critica a organização hierarquizada da sociedade, mas reproduz o sentidos da família patriarcal; exige direito ao acesso aos bens culturais, mas atua com a ausência da educação em sexualidade; fortalece a crítica social, mas fragiliza as críticas internas.

Considero estas questões apresentadas no estudo como paradoxais, porém as reconheço como historicamente marcadas no país. Não é o MST, assim como não são os centros urbanos marcadores destes paradoxos. Nesse sentido, retomo a opção do referencial teórico desta pesquisa como histórico-social para enfatizar que somos e estamos todos ainda engendrados na era vitoriana que enquadrou o sexo e a sexualidade em adjetivos um tanto quanto emaranhados de tabus, mitos e crenças.

Termino com um trecho do título que agora não tem mais pretensão de provocação, mas a de um pedido. “Liberdade (para pensar a sexualidade) ainda que tardia”!

Silvia Piedade de Moraes

Contatos com o autor da dissertação:
lfzanatta@uenp.edu.br; lfzanatta@hotmail.com

SEXUALIDADE DO PRAZER AO SOFRER.

Ana Cristina Canosa Gonçalves¹

DIEHL, Alessandra; VIEIRA, Denise Leite (Orgs). **Sexualidade do prazer ao sofrer**. São Paulo: Editora Roca/Grupo GEN, 2013. 1ª edição. ISBN: 8541201732. p.728

O título desta obra foi concebido pelas organizadoras Alessandra Diehl e Denise Leite Vieira com o intuito de retratar seu conteúdo ao focar a sexualidade humana em seus aspectos mais abrangentes e que englobam desde questões mais frequentes e contraditórias relacionadas ao desenvolvimento esperado para determinados ciclos da vida, assim como aqueles concernentes à saúde sexual e prazerosa do desenvolvimento psicosssexual humano até aquelas situações que envolvem os transtornos da sexualidade propriamente ditos e podem eventualmente causar sofrimento, prejuízo e dor à pessoa ou à parceria sexual.

O livro contou com a participação de vários experts nacionais em suas áreas de atuação e/ou pesquisa científica, englobando temas atuais relacionados à sexualidade humana, de forma a ampliar a discussão, compilar o conhecimento sobre o tema e atualizar o leitor sobre as novidades nesta área do saber de forma didática e, sobretudo, à luz da melhor evidência científica disponível atualmente.

Ao todo são 30 capítulos, com prefácio do grande mestre Dr. Ricardo Cavalcanti. A obra contempla inicialmente a história da sexualidade com os mais relevantes marcos do passado ao presen-

te. Nesta observação ao longo da história, observa-se a importante influência da cultura, da religião, da política e da economia a moldar certos comportamentos relacionados à sexualidade. Dentre eles a relação de poder dentro do papel de gênero e a figura secundária da mulher e do feminino ao homem ou o masculino ao longo da evolução das sociedades.

Os ciclos vitais ganharam importante destaque nesta obra, em quatro capítulos: infância, adolescência, adultez e a terceira idade. Em cada fase, tanto as vulnerabilidades quanto as particularidades e as vicissitudes de cada fase do desenvolvimento humano é explorada em profundidade dentro de visões psicanalíticas e comportamentais da sexualidade.

Outro tema que não deixa de ser atual, estando nas pautas dos movimentos sociais em vários locais do mundo são as questões que envolvem a orientação sexual enquanto direção do desejo amoroso e sexual de uma pessoa pela outra, dentro da perspectiva de um espectro de possibilidades como já havia sinalizado o biólogo Alfred Kinsey na década de 1950. Dentro deste cenário também são enfatizadas a homossexualidade dentro de uma perspectiva histórica, cultural e política no Brasil e

1. Psicóloga especialista em Educação e Terapia Sexual pela Faculdade de Medicina do ABC/Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana. Diretora-editora da SBRASH. e-mail: acanosa@uol.com.br

no mundo e as pesquisas recentes sobre transexualidade na infância e em adultos, a homofobia e o impacto das novas políticas de direitos sexuais.

O abuso de álcool e outras drogas e a sua relação com a sexualidade também é assunto abordado em um dos capítulos do livro. Cabe destacar a droga maconha, a qual vem sendo alvo de constantes polêmicas e disputas na atualidade pela legalização. No que se refere à participação dela na sexualidade muito se fala popularmente sobre os supostos “poderes afrodisíacos” da maconha na questão sexual. Parece existir “um mito” associado à capacidade da droga de aumentar a libido, prolongar o orgasmo e favorecer o encontro sexual. Não se sabe ao certo se estes efeitos seriam dose-dependentes ou não. Verdade, no entanto, é que pouca literatura científica tem sido produzida envolvendo a associação do uso/abuso e dependência de maconha com temas vinculados a sexualidade humana. Os autores discutem esta droga e muitas outras como a cocaína, a metanfetamina, álcool, tabaco e tantas outras nas questões que envolvem comportamentos sexuais.

Outro capítulo interessante é aquele que enfoca os medicamentos psicotrópicos e os seus efeitos colaterais na esfera sexual. Tal informação é bastante útil para profissionais que atuam na área da sexologia clínica, uma vez que a grande maioria desses medicamentos afeta uma ou mais fases do ciclo de resposta sexual. Nas últimas décadas as pesquisas avançaram seu conhecimento na relação entre medicação psicotrópica e efeitos colaterais nos ciclos de resposta sexual humana. Muito embora a grande maioria dos trabalhos enfatizem os estudos nos transtornos de depressão, alguma atenção também tem sido dada a portadores de esquizofrenia, principalmente desde a introdução dos antipsicóticos de segunda geração. Os principais mecanismos postulados pelos quais os psicotrópicos causam disfunção sexual são através da ação inespecífica no sistema nervoso central (SNC) como sedação, levando a desinteresse sexual; ação específica em neurotransmissores do

SNC, ocasionando diminuição do desejo, dificuldades na excitação e orgasmo (como o efeito na diminuição da dopamina que media a excitação sexual no hipotálamo); efeitos hormonais, como o aumento na secreção da prolactina secundário ao bloqueio dopaminérgico. A hiperprolactinemia é conhecida como causadora de hipogonadismo e diminuição dos níveis da testosterona, causando diminuição da libido e dificuldade de ereção.

Somam-se a este arsenal de capítulos outros tantos que enfocam as disfunções sexuais masculinas e femininas, a psicoterapia sexual, aspectos da sexualidade de portadores de necessidades especiais, pesquisa em sexualidade, direitos sexuais, incesto, reprodução assistida, Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), as mudanças de paradigmas dentro da sexualidade depois do advento da epidemia de HIV/AIDS na década de 1980, assim como a relação da mídia com a sexualidade.

Outro capítulo um tanto quanto polêmico, controverso por estar atrelado a questões morais dentro de diferentes culturas, é o capítulo intitulado “Sexo à venda”, o qual retrata o universo na prostituição feminina e masculina, da pornografia e do consumo de material erótico. Os autores levantam vários questionamentos, entre eles, citam-se: Quais seriam as consequências sociais, os danos individuais para os homens e mulheres jovens e o que eles pensam sobre a associação gênero, sexualidade e pornografia? Afinal, a pornografia é boa ou ruim para todos nós enquanto sociedade e enquanto indivíduos? Mas afinal, qual é a evidência científica disponível atualmente sobre a pornografia e o consumo desta? O fato é que esta questão ainda tem dividido opiniões tanto da sociedade quanto de pesquisadores. Os autores concluem que na mediação entre o “pânico moral” e a glamourização da pornografia devem estar os programas de educação em saúde sexual, incorporados aos conteúdos educacionais, ajudando principalmente os mais jovens na interpretação crítica e responsável de imagens pornográficas ofertadas em nosso meio. Esta

conclusão corrobora para o último capítulo da obra, que enfoca a necessidade de educação sexual e educação para a saúde em uma perspectiva atual de futuro para as juventudes.

Com o advento das novas versões do Manual Classificatório de Doenças Mentais da Organização Mundial da Saúde (OMS) e da Associação Americana de Psiquiatria (APA) algumas mudanças serão sugeridas e devem ser incorporada em novas edições desta obra.

Ana Canosa

SOMOS IGUAIS MESMO SENDO DIFERENTES!

Entrevista com Marcos Ribeiro

Por Sheila Reis

Marcos Ribeiro, professor, especialista em educação sexual e palestrante na área de educação sexual; coordenador geral do Centro de Orientação e Educação Sexual (CORES), no Rio de Janeiro. É também consultor de várias instituições públicas e privadas, como Fundação Roberto Marinho, Canal Futura e ministérios da Educação e da Saúde. Premiado pela Academia Brasileira de Letras, é autor de vários livros, entre eles: *Menino brinca de boneca?* (Moderna, 1990), *Conversando com seu filho sobre sexo* (Planeta, 2010), *Conversando com seu filho adolescente sobre sexo* (Planeta, 2011), *Tribo adolescente* (Planeta, 2012), *Somos iguais mesmo sendo diferentes!* (Moderna, 2012). Em 2015 lança o infantil *Quem disse que eu não vou conseguir?*, e a nova edição – atualizada e ampliada – do *Adolescente: um bate-papo sobre sexo* (ambos pela Moderna).

Já teve o livro *Mamãe, como eu nasci?* adaptado para uma peça infantil – com apresentações em diversas cidades brasileiras e do exterior – e outro, *Menino brinca de boneca?*, adaptado para um seriado de televisão em Cabo Verde, arquipélago do Oceano Atlântico a oeste da África, em cooperação com o governo de Luxemburgo (Ministério da Educação).

Marcos é Comendador, detentor da Medalha Tiradentes (2010) – maior comenda entregue a uma personalidade pelo Poder Legislativo do Estado do Rio de Janeiro.

1. Como educador, o que o motivou a se especializar em educação sexual?

Ao começar a ministrar palestras sobre sexualidade, ainda como acadêmico, após um trabalho sobre sexualidade na adolescência de enorme repercussão dentro da universidade, percebi a desinformação generalizada sobre sexo entre a garotada. Questões básicas, como conhecimento do corpo, pareciam distantes da realidade desses jovens. A partir daí comecei a realizar projetos – chegando depois a implantar um programa de educação sexual na Prefeitura do Rio de Janeiro, junto com um grupo – atingindo centenas de escolas. Daí, o trabalho ampliou-se para outras cidades brasileiras, por meio de consultoria, incluindo importantes instituições públicas e privadas.

2. Como surgiu a ideia de escrever livros sobre sexualidade, direcionados à infância e adolescência?

Diante dessa constatação, verifiquei que, no mercado, os livros voltados para esse público traziam a informação sob um prisma biológico. Faltava falar de prazer, das questões de gênero, contextualizar todo esse conteúdo com os aspectos culturais e históricos, tão determinantes para a vivência da sexualidade.

Além disso, a linguagem estava longe do universo dos jovens. Vale ressaltar que estou falando de uma realidade de há mais de vinte anos. Para a criança então, havia o “reinado da sementinha” ou do sexo como reprodução. Prazer? Orgasmo? Masturbação? Nem pensar!

Acreditando que deveria começar mais cedo, antes de chegar ao público adolescente – meus ouvintes em palestras e, depois, alunos de algumas escolas particulares em que trabalhei – resolvi começar pelas crianças. Ou seja, começar antes, na etapa anterior ao período em que muitos iniciam a vida sexual: a adolescência.

Daí, escrevi meu primeiro livro – Mamãe, como eu nasci? – com prefácio do Paulo Freire. Foi o primeiro livro sobre sexo para crianças a falar da sexualidade pelo prazer e não só pelo aspecto reprodutivo. O livro fala da masturbação, de orgasmo, do prazer que a mulher sente – sem atribuir apenas ao homem a iniciativa sexual. Um grande avanço!

Na sequência, além de continuar escrevendo para crianças, passei a escrever também para adolescentes, seus pais e professores. Hoje a minha obra, um total de 13 livros publicados, atinge basicamente esse público. Apesar de ter livros para a população em geral, como o Sexo sem mistério (Saraiva, 1996), que traz os artigos publicados na coluna sobre sexo que assinei durante quatro anos no jornal carioca O dia e abordados no meu quadro Sexo sem mistério – daí o nome do livro –, levado ao ar semanalmente durante sete anos pela Rádio Globo AM para um público superior a 200 mil ouvintes por minuto (segundo o Ibope).

3. Em suas palestras, ainda há reações preconceituosas nas instituições de ensino? Quais são os temas que você considera que causam maior repercussão entre os jovens? E quais temas devem ainda ser mais discutidos? Por quê?

Creio que estamos dando alguns passos para trás. Questões, que até então pareciam mais tranquilas, voltaram com uma força de preconceito muito grande. No meu histórico de trabalho não tenho muitos exemplos de “reações preconceituosas”. Mas dentre esses poucos casos, posso dar um recente para ilustrar.

Há poucos meses fui a uma escola no bairro do Méier (zona norte do Rio de Janeiro), falar do meu livro Somos iguais mesmo sendo diferentes!. Não podemos esquecer que o livro fala sobre preconceito.

Ao chegar à escola – particular, para um público de bom poder aquisitivo –, a coordenadora

me pediu para não falar das páginas 15 e 16. O trecho é o seguinte:

“Há famílias com uma porção de filhos e outras sem filho nenhum / Há famílias com dois pais que vivem juntos e resolvem adotar uma criança / Outras com duas mães / E nem por isso devem ser discriminadas / Todo mundo deve ser respeitado...”.

Ao responder que, se perguntado, eu responderia, ela disse que isso não seria o problema porque as páginas foram coladas.

Esse tipo de atraso, uma educação avestruz – que prefere esconder a realidade do seu aluno –, ainda é comum por este país afora. Mas como estamos falando sobre educação, é a ferramenta que pode mudar essa sociedade preconceituosa e desigual. É importante ressaltar que diferença não significa desigualdade!

A escola achou mais “tranquilo” resolver os possíveis questionamentos dos alunos, a pedido de muitos pais, colocando toda essa situação “no armário”. Isso é muito sério, principalmente porque estamos criando seres educados por aqueles – seja em casa ou na escola – que não conseguem viver e lidar com as diferenças e, mais tarde, achar que têm o direito de julgar, espancar e, quem sabe, matar o seu semelhante por ter uma sexualidade diferente da sua. Vale ressaltar que eu estava nessa escola porque houve a adoção da obra, era o “encontro com o autor”.

Dos temas de maior repercussão, sem dúvida a homossexualidade ainda é o que causa o maior desconforto. Os pais têm medo que seus filhos sejam gays. Os professores não sabem lidar com a diversidade. E dessa afirmação, que faço devido à minha experiência viajando por todo o país, escrevendo materiais educativos e artigos para alguns veículos de massa, se confirma em pesquisas, como a relatada recentemente pela

Fundação Perseu Abramo e Faculdade de Economia da Universidade de São Paulo (FEA-USP): 87% da comunidade escolar (alunos, pais e professores) tem algum grau de homofobia. E 35% dos pais entrevistados dizem que não gostariam que seu filho estudasse com um homossexual.

Esse tema precisa ser bem discutido, assim como as relações de gênero. Ah! É fundamental a abordagem da prevenção entre os jovens, que voltam a aumentar as estatísticas com o aumento da infecção pelo HIV (vírus da Aids) nessa faixa etária.

4. Ao longo desses 25 anos como educador sexual, palestrante e autor de diversos livros, quais desafios ainda precisam ser enfrentados?

É fundamental que tenhamos políticas públicas que contemplem o trabalho de educação sexual e prevenção. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – aliás, eu fui parecerista do material elaborado para o primeiro segmento – são insuficientes, apesar de importantes.

A sexualidade não pode ficar no “corredor” da escola. É preciso que os dirigentes percebam que os adolescentes precisam da informação; dos cuidados de prevenção e saúde; de um espaço sistemático para elaborar suas questões afetivas e trocar ideias nessa fase tão importante do desenvolvimento humano. O trabalho pedagógico tranquilamente dá conta dessa demanda, após o preparo do professor.

A educação sexual pode estar em todas as etapas do período escolar, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

5. O que fazer para tratarmos as sexualidades de forma mais abrangente?

Começa na linha de estudos. É preciso

ampliar a leitura e perceber que a sexualidade se relaciona com as mais diferentes áreas do conhecimento. É importante estar “atenado(a)” com as questões históricas, políticas e dos movimentos sociais. Além dos aspectos sociais e afetivos, conhecidos por todos nós.

Outra coisa: Um trabalho de educação sexual não está necessariamente dentro da escola ou da unidade de saúde. Isso amplia nossos horizontes e a atuação, quando sai do lugar comum e leva a discussão para os mais diferentes pontos da sociedade, com públicos diversos.

Na minha experiência profissional eu já realizei trabalhos de educação sexual e principalmente de prevenção – por causa da epidemia da Aids – com caminhoneiros, população do garimpo, travestis que fazem programas na estrada, índios, radialistas de [emissoras de] rádio comunitárias, em áreas de prostituição (com a famosa Vila Mimosa no centro do Rio de Janeiro) e com meninos de rua. Já elaborei: material educativo para crianças, adolescentes e professores, com tiragem superior a 1 milhão de exemplares, produzido pelo Departamento de DST/Aids do Ministério da Saúde para escolas de todo país; CDs com gravações feitas por artistas para a conscientização da importância do uso da camisinha; consultoria para peças de teatro e programas de TV. Coordenei curso de Educação a Distância – sobre educação sexual e prevenção – através do canal da TV Educativa em parceria com o Ministério da Educação, que somavam mais de 50 mil professores participantes, em polos de educação espalhados por todo país. E mais algumas coisas.

O que eu quero dizer com isso?

É possível realizar a ação nos mais diferentes lugares. E, com isso, a produção também vai ser diversificada, certamente com produções incríveis, de acordo com a realidade de cada um.

Pode ser uma camiseta com a mensagem estampada; um jogo temático; uma rádio comunitária dentro da escola ou comunidade “administrada” pelos próprios alunos/jovens; uma campanha para ser desenvolvida no local onde o projeto está sendo desenvolvido ou o que mais a criatividade permitir.

Precisamos pensar que o trabalho sobre sexualidade não se limita aos consultórios e bancos escolares. É muito maior que isso.

Os grandes eventos da área também precisam sair da mesmice e da “clínica” e chamar outros olhares para discutir os temas que estão tão presentes, mas esquecidos, quando só se fala em terapia e disfunções.

6. Você acredita que a mídia acaba causando uma antecipação na descoberta sexual? Pode comentar qual seria o grau dessa influência e quais são as consequências envolvidas?

Não saberia dizer se antecipa, mas há uma influência direta tanto positiva, quanto negativa. Neste último caso, há uma forte reprodução dos estereótipos sexuais construídos pela nossa sociedade, principalmente nos programas de humor. Nas novelas, as empregadas domésticas são em sua maioria negras e os homossexuais com traços afeminados. É preciso tirar o negro da senzala e [tirar] a visão do gay apenas com plumas e paetês.

Por outro lado, existem ganhos muito positivos quando se leva para o grande público debates importantes que inquietam e fazem pensar, como muitos abordados em novelas e minisséries. Mas vejo que ainda vivemos um contexto em construção.

Precisamos fazer um amplo debate sobre religião e sua relação com o comportamento sexual, principalmente em dias com tanta intolerância que estamos vivendo. Nesse sentido, os meios de comunicação podem contribuir muito positivamente.

Mas essas influências – positivas ou negativas – não podem fugir do nosso debate. Se o trabalho é realizado em sala de aula, por exemplo, podemos levar para a reflexão e avaliação dos alunos o que eles veem nas novelas ou ouvem nas músicas. Com isso, desenvolver um senso crítico, não ficando apenas como mero expectador do que está vendo, mas como um ser atuante, que pensa e tem condições para mudar a realidade a sua volta.

7. O que você pode dizer para aos novos profissionais que buscam a especialização em Educação Sexual?

Foco!

Defina o que quer, estabeleça as metas, qual é o público que deseja atingir e comece. O caminho só será conhecido ao caminhar.

Reveja a minha resposta à pergunta 5. Não há um só caminho, mas diversos e tantos outros a serem criados. Isso é que faz o diferencial de um profissional. Ao realizar o trabalho, saia do lugar comum, do blá blá blá e crie. É bacana quando levamos para o “nosso” público outro olhar que não seja limitado.

Não podemos ter a crença de que sexualidade é só corpo. É muito mais do que isso, apesar de [o corpo também ser] muito importante.

Converse com outros colegas da área que objetiva atuar e faça trabalhos em parceria. A troca e o “fazer junto” enriquece muito a nossa prática profissional.

Os eventos na área de sexualidade são importantes encontros para ampliar o conhecimento e estabelecer vínculos. Tem coisa melhor do que um bate-papo na hora do cafezinho?

Sheila Reis
Psicóloga e Mestre em Sexologia
Diretora de Relacionamento da SBRASH
- biênio
2012/13

MACHADO DE ASSIS E A TRANSEXUALIDADE

Paulo Roberto Bastos Canella

As pessoas em sua maioria exibem um comportamento heterossexual, muitos clara ou veladamente são, em variados graus, homossexuais. Outros se travestem, usam roupas ou fetiches do sexo diferente do seu e os exibe com prazer sem que necessariamente sejam homossexuais. O terceiro tipo de pessoas são os transexuais

Há diferenças importantes entre homossexualismo, travestismo e transexualismo.

O homossexualismo é tido como hábito, tendência, opção das pessoas para a prática sexual com indivíduos do mesmo sexo. Considerada uma doença desde o início da idade moderna, em 1974 o homossexualismo saiu do rol das psicopatias, posto que não existem medidas psicológicas e/ou outros traços de personalidade que pudessem distinguir os homossexuais dos heterossexuais.

O travestismo caracteriza-se pelo uso de roupas e acessórios culturalmente determinado ao sexo oposto, podendo estes indivíduos travestir-se completamente ou simplesmente utilizar-se de determinadas peças específicas. Tal uso tem como objetivo parecer pertencer ao outro sexo e obter ou proporcionar excitação sexual através do uso do traje. Assinale-se o transformismo, as apresentações em espetáculos de indivíduos do sexo, em geral, masculino, que se transformam em mulheres que podem se vistas como uma forma de arte. Há também os que se travestem com fins de vender prazeres sexuais.

A libido de pessoas homossexuais e travestis, na maioria dos casos, está em boa forma e elas utilizam os seus genitais como forma de obter prazer em contatos homossexuais ou bissexuais, variando de pessoa para pessoa, ou de época para

época, durante a vida.

O transexualismo caracteriza-se pelo sentimento de inadequação entre a realidade psíquica e o corpo físico. Na prática clínica, os chamados transexuais são indivíduos com corpo masculino e “cabeça” feminina, ou com um corpo feminino sentindo-se animicamente um homem.

Esses indivíduos necessitam de apoio psicológico, além de intervenção hormonal e cirúrgica, para “consertar” um corpo que creem anormal, em relação ao seu sentimento mais íntimo e subjetivo de “ser”. Sentem que seu sexo psicológico é inverso ao seu sexo genético, gonádico, hormonal, legal e de criação. Consideram-se normais e adequadamente vestidos de acordo com sua identidade sexual, percebendo-se como tendo uma orientação heterossexual.

Em certos casos, as linhas divisórias para uma diferenciação entre travestis e transexuais são bastante difíceis, sendo necessário ao terapeuta um tempo longo de observação. Caracterizar a transexualidade exige exame apurado, pois é ela considerada a única disforia de gênero em que há indicação para a operação de trasgenitalização, a mudança do sexo.

Mas os preconceitos não são extintos com normas, e assim a cultura continua a discriminar homossexuais, travestis e transexuais, e hoje vivemos uma intensa luta para integrar essas pessoas na sociedade.

No conto “As academias do Sião”, Machado aborda com uma espécie de premonição a grande polêmica sobre o entendimento do transexualismo, a alma é sexuada, feminina ou masculina, ou ela é neutra, todos os seres são machos e fêmeas,

masculinos e femininos em sua alma, em seus sentimentos?

É esse o tema da polêmica desastrosa e cruel entre as Academias do Sião.

Ainda uma palavra sobre o “científico” que tenta explicar o fenômeno já capaz de motivar nosso bruxo em 1884. O tema foi estudado seriamente por dois cientistas americanos nos anos 1950 e 1960. Um via o corpo dominando a alma neutra e o outro via a alma sexuada dominando o corpo dos seres.

A primazia da biologia, da morfologia somática, era expressada pelo endocrinologista Harry Benjamin em 1953 no seu trabalho “Transvestism and transsexualism”. Mas 15 anos depois a primazia da volição se revelou no sentimento de gênero, em acordo com as ideias do psicanalista Robert Stoller em 1968 no trabalho “Sex and gender”.

Em Machado o gênero era também dominante. O Rei Kalafangko, era um homem feminino e seu reino era femininamente conduzido, logo a concubina Kinnara, uma mulher com alma masculina, ocupa o corpo do rei e passa a conduzir o reino masculinamente. Essa é a percepção do leitor tomado pelo passivo como feminino e o ativo como masculino.

O conto “As academias do Sião” configura o fantástico estranho em Machado. Vejamos o que é esse fantástico que tomou nosso prosador maior.

O gênero fantástico

Segundo Todorov, o gênero fantástico antes parece se localizar no limite de dois gêneros, o maravilhoso e o estranho, do que ser um gênero autônomo.

De forma resumida, temos que no gênero maravilhoso “os elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular nem nas personagens, nem no leitor implícito. Não é uma atitude para com os acontecimentos narrados que caracteriza o maravilhoso, mas a própria natureza desses acontecimentos”

Já nas obras que pertencem ao gênero

estranho “relatam-se acontecimentos que podem perfeitamente ser explicados pelas leis da razão, mas que são, de uma maneira ou de outra, incríveis, extraordinários, chocantes, singulares, inquietantes, insólitos e que, por esta razão, provocam na personagem e no leitor reação semelhante àquela que os textos fantásticos nos tornaram familiar.”

O estranho não é um gênero bem delimitado; mais precisamente, só é limitado por um lado, o do fantástico; pelo outro, dissolve-se no campo geral da literatura (os romances de Dostoiévski, por exemplo, podem ser colocados na categoria do estranho).

Assim, ainda segundo Todorov, teríamos o gênero maravilhoso como o sobrenatural aceito e o gênero estranho como o sobrenatural explicado. Então, se o gênero fantástico se localiza no limite desses outros dois gêneros, ele ocorre na incerteza:

“Já o fantástico comporta inúmeras indicações a respeito do papel que o leitor irá representar, pois esse gênero “produz um efeito particular sobre o leitor – medo, ou horror, ou simplesmente curiosidade –, que os outros gêneros ou formas literárias não podem provocar”.

É o que ocorre com o leitor “escutando Machado” contar as peripécias de “As academias do Sião”.

Será essa “função” de leitor que fará se instaurar a percepção ambígua no texto, e a hesitação do leitor seria um elemento necessário à concepção do gênero fantástico.

O gênero fantástico em Machado

Cavalcante nos lembra que a primeira obra brasileira dentro desse modelo literário foram os contos de Noite na taverna, de Álvares de Azevedo (PIMENTEL, 2001). Também nos informa que Machado leu e apreciou esses contos, e que seu contato com esse tipo de gênero não se restringiu aos escritores locais, sendo leitor também de Ernst-Theodore-Amadeus Hoffmann (1776-1822), Edgar Allan Poe (1809-1849) e talvez de Gui de Maupas-

sant (1850-1893). Se Machado não conhecia Mau-passant ele conhecia o Brasil, em seu conto, “O Horta” o personagem é acometido por uma doença vinda do Brasil, do interior de São Paulo.

Machado de Assis “é um dos nomes maiores do conto fantástico nas literaturas em língua portuguesa e figura dentre os grandes nomes mundiais do gênero” (Contos completos de Machado de Assis, 2003, p. 60).

Livro organizado pelo crítico Raymundo Magalhães Júnior (1907- 1981) e originalmente publicado em 1973 e relançado pela Editora Bloch em 1998 com o seguinte título: Contos fantásticos: Machado de Assis. Nele estão organizados onze contos do escritor.

Na dissertação de mestrado escrita por Marcelo José Fonseca Fernandes, defendida em novembro de 1999 na Universidade Federal do Rio de Janeiro e intitulada “Quase-macabro: o fantástico nos contos de Machado de Assis”, o autor nos diz que há em Machado “a ocorrência de um fantástico mitigado, diferenciado, quase sempre ambientado em sonhos e, na maioria das vezes, explicável”.

Em 2003, o escritor e compositor Braulio Tavares organizou um livro intitulado Páginas de sombra: contos fantásticos brasileiros, onde estão inseridos dezesseis contos de dezesseis escritores brasileiros, e Machado de Assis figura entre os escritores com o conto “As academias de Sião” (1884).

Aceita-se dezesseis contos fantásticos machadianos. São eles:

“O imortal”,
 “A chinela turca”
 “Um esqueleto”
 “A segunda vida”
 “Marianna”
 “As academias de Sião”

Esses encontramos facilmente por estarem inseridos na Obra completa de Machado de Assis da Editora Nova Aguilar.

“O anjo Rafael”
 “O capitão Mendonça”
 “A vida eterna”
 “O país das quimeras”
 “O anjo das donzelas”

Esses, encontrados no livro organizado por Djalma Cavalcante: Contos completos de Machado de Assis.

“Os óculos de Pedro Antão”
 “A mulher pálida”

Estão, respectivamente, em Contos avulsos e Contos sem data.

“Decadência de dois grandes homens”,
 “Sem Olhos”
 “Um sonho e outro sonho”

Encontramos mais facilmente na internet, embora tenham sido publicados respectivamente em: Contos esquecidos, Relíquias da casa velha (segundo volume) e Relíquias da casa velha (primeiro volume).

A literatura fantástica surgiu para introduzir certos temas caros à sociedade da época, que proibia a abordagem de determinados assuntos. Machado de Assis, por exemplo, no conto “O anjo das donzelas” afirma decoroso: “Descanse leitor, não verá neste episódio fantástico nada do que não se pode ver à luz pública. Eu também acato a família e respeito o decoro (Contos completos de Machado de Assis, 2003, p. 66)”. O respeito do escritor pelo decoro o faz apresentar o “indecoroso” sob as vestes decorosas do fantástico. A opção pela vestimenta fantástica evita a condenação social.

O escritor contemporâneo, nesse caso, não precisa mais da vestimenta fantástica, já que agora a Psicanálise e a própria literatura passam a tratar disso tudo em termos indisfarçados: os temas da literatura fantástica do século XIX são retomados pelas investigações psicológicas do século XX.

A literatura fantástica tradicional “recebeu com isto um golpe fatal; mas desta morte, deste suicídio nasceu uma nova literatura” (TODOROV, 1975, p. 177): o fantástico moderno. Machado de Assis desenvolveu em suas narrativas curtas o fantástico tradicional. No entanto, foi além e desenvolveu também o fantástico moderno em tempos de fantástico tradicional em suas Memórias póstumas de Brás Cubas.

Memórias póstumas de Brás Cubas é sem dúvida o mais instigante romance de Machado de Assis e certamente o romance mais importante da nossa literatura. Mereceu livro de Patrik Pessoa que estuda com rara profundidade essa obra maravilhosa de Machado. Quando Pessoa assinala: (p. 50) “no caso de Machado de Assis e Brás Cubas... quem é o autor e quem é o personagem?” e ainda indaga o autor (p. 48) “Machado será o criador e Brás Cubas a criatura? Machado será a causa e Brás Cubas o efeito? Machado seria o manipulador e Brás Cubas a marionete?”. Se há margem para essas indagações, se o leitor é tocado, o fantástico estranho está presente? Essas perguntas nos fazem pensar que o leitor pode entender Brás Cubas pela razão mas acaba presa do incrível, do inquietante, do insólito.

As academias do Sião

Machado inicia o conto com uma suposição: “Conhecem as academias de Sião? Bem sei que em Sião nunca houve academias: mas suponhamos que sim, e que eram quatro, e escutem-me.”

O leitor deve aceitar o que vem da imaginação do autor, deve escutar o que vai ler:

As estrelas, quando viam subir, através da noite, muitos vaga-lumes cor de leite, costumavam dizer que eram os suspiros do rei de Sião, que se divertia com as suas trezentas concubinas. E, piscando o olho umas as outras, perguntavam:

- Reais suspiros, em que é que se ocupa esta noite o lindo Kalafangko?

Ao que os vaga-lumes respondiam com gravidade:

- Nós somos os pensamentos sublimes das quatro academias de Sião; trazemos conosco toda a sabedoria do universo.

Uma noite, foram em tal quantidade os vaga-lumes, que as estrelas, de medrosas, refugiaram-se nas alcovas, e eles tomaram conta de uma parte do espaço, onde se fixaram para sempre com o nome de Via-Láctea.

Elementos do fantástico, vaga-lumes, são pensamentos sublimes, de sabedoria, e formam a via láctea. Aqui, Machado remete o leitor aos primórdios da criação do universo: é daí que se partirá para o fantástico estranho. Acontecimentos que podem perfeitamente ser explicados pela razão, mas que são, de uma maneira ou de outra, incríveis, extraordinários, chocantes, singulares, inquietantes, insólitos, mergulhando o leitor na curiosidade. Machado o introduz no mito primordial do genesis “macho e fêmea os criou” e na questão platônica da transmigração das almas. Lá está o duplo humano macho/fêmea, a cisão da alma neutral divina e a verdade apodítica da “separação unida” ou da “união separada” da alma humana cuja razão é una.

Deu lugar a essa enorme ascensão de pensamentos o fato de quererem as quatro academias de Sião resolver este singular problema: - por que é que há homens femininos e mulheres masculinas? E o que as induziu a isso foi a índole do jovem rei. Kalafangko era virtualmente uma dama. Tudo nele respirava a mais esquisita feminilidade: tinha os olhos doces, a voz argentina, atitudes moles e obedientes e um cordial horror às armas. Os guerreiros siameses gemiam, mas a nação vivia alegre, tudo eram danças, comédias e cantigas, à maneira do rei que não cuidava de outra coisa. Daí a ilusão das estrelas.

Vai senão quando, uma das academias achou esta solução ao problema:

- Um as almas são masculinas, outras femininas. A anomalia que se observa é uma questão de corpos errados.

- Nego, bradaram as outras três; a alma é neutra; nada tem com o contraste exterior.

Mas dali em diante perderam a vergonha. A rivalidade desgrenhou-se, pôs as mãos na cintura, baixou à lama, à pedrada, ao murro, ao gesto vil, até que a academia sexual, exasperada, resolveu dar cabo das outras, e organizou um plano sinistro.

A academia sexuada deu cabo dos membros das outras três, trucidando-os cruelmente.

Ao todo, trinta e oito cadáveres. Cortaram uma orelha aos principais, e fizeram delas colares e braceletes para o presidente vencedor, o sublime U-Tong. Ébrios da vitória, celebraram o feito com um grande festim, no qual cantaram este hino magnífico: “Glória a nós, que somos o arroz da ciência e a luminária do universo.

Estava aberta a passagem com aval acadêmico (científico?) para a transmigração das almas.

Uma só pessoa aprovou tudo: foi a bela Kinnara, a flor das concubinas régias.

Molemente deitado aos pés da bela Kinnara, o jovem rei pedia-lhe uma cantiga.

- Não dou outra cantiga que não seja esta: creio na alma sexual.

- Crês no absurdo, Kinnara.

- Vossa Majestade crê então na alma neutra?

- Outro absurdo, Kinnara. Não, não creio na alma neutra, nem na alma sexual.

- Mas então em que é que Vossa Majestade crê, se não crê em nenhuma delas?

- Creio nos teus olhos Kinnara, que são o sol e a luz do universo.

- Mas cumpre-lhe escolher: - ou crer na alma neutra, e punir a academia viva, ou crer na alma sexual, e absolvê-la.

- Que deliciosa que é a tua boca, minha doce Kinnara! Creio na tua boca: é a fonte da sabedoria.

(creio nos teus olhos, o sol e a luz do universo e creio na tua boca; é a fonte da sabedoria)

Kinnara levantou-se agitada. Assim como o rei era o homem feminino, ela era a mulher máscula, - um búfalo com penas de cisne. Era o búfalo que andava agora no aposento, mas daí a pouco foi o cisne que parou, e, inclinando o pescoço, pediu e obteve do rei, entre duas carícias, um decreto em que a doutrina da alma sexual foi declarada legítima e ortodoxa, e a outra absurda e perversa. Nesse mesmo dia, foi o decreto mandado à academia triunfante, aos pagodes, mandarins, a todo o reino. A academia pôs luminárias; restabeleceu-se a paz pública.

E Kinnara providenciou o feitiço, o sortilégio, que retirou as almas dos corpos de um e outro e Kinnara recebeu a alma de Kalafangko e ele a da concubina. Adequados alma e corpos, no fantástico machadiano, como hoje se busca fazer pelos meios endócrinos e cirúrgicos que comandam a redesignação, a “busca da casa adequada”, e assim o reino passou a ter um rei homem e uma concubina mulher. O rei Kalafangko e a concubina Kinnara não trocam apenas de corpos, mas passaram a se comportar como machos homens e fêmeas mulheres. O homem, agora com o corpo de homem, age com o poder cruel e impõe a ordem que o feminino de Kalafangko não sabia impor.

(Seres que se comportam como se espera, culturalmente, quando há acordo alma/corpo.)

Mais do que original para a época: as Academias de Sião tentavam resolver um peculiar pro-

blema: “por que é que há homens femininos e mulheres masculinas? e o que as induziu a (discutir) isso foi a índole do jovem rei.

Machado pinta a violência que ainda hoje permeia as questões de gênero na luta entre as academias.

Eles acertaram que seis meses depois as almas seriam destrocadas.

“Um e outro estavam bem, como pessoas que acham finalmente uma casa adequada. Kalafangko espreguiçava-se todo nas curvas femininas de Kinnara. Esta inteiriçava-se no tronco rijo de Kalafangko. Sião tinha, finalmente, um rei.”

“A primeira ação de Kalafangko (daqui em diante entenda-se que é o corpo do rei com a alma de Kinnara, e Kinnara o corpo da bela siamesa com a alma do Kalafangko) foi nada menos que dar as maiores honrarias à academia sexual.”

“Faltava uma guerra. Kalafangko, com um pretexto mais ou menos diplomático, atacou a outro reino, e fez a campanha mais breve e gloriosa do século. Na volta a Bangkok, achou grandes festas esplêndidas.”

Mas a violência parece não abandonar a questão, é como se o homem precisasse matar a fêmea que existe dentro dele e a mulher seu macho interior. É incrível que Machado pudesse ter a sensibilidade de tocar nesses temas com o seu fantástico.

De noite, acabadas as festas, sussurrou-lhe ao ouvido a bela concubina:

- Meu jovem guerreiro, paga-me as saudades que curti na ausência; dize-me que a melhor das festas é a tua meiga Kinnara.

Kalafangko respondeu com um beijo.

- Os teus beijos têm o frio da morte ou do desdém, suspirou ela.

Era verdade, o rei estava distraído e preocupado;

meditava uma tragédia. Ia-se aproximando o termo do prazo em que deviam destrocar os corpos, e ele cuidava em iludir a cláusula, matando a linda siamesa. Hesitava por não saber se padeceria com a morte dela visto que o corpo era seu, ou mesmo se teria de sucumbir também. Era esta a dúvida de Kalafangko; mas a ideia da morte sombrea-lhe a frente, enquanto ele aflagava ao peito um frasquinho com veneno, imitado dos Bórgias.

Mas o rei queria apoio para suas ações e...

De repente, pensou na douta academia; podia consultá-la, não claramente, mas por hipótese Sabe-se que ele mandou chamar os outros acadêmicos, mas desta vez separadamente, a fim de não dar na vista, e para obter maior expansão. O primeiro que chegou, ignorando aliás a opinião de U-Tong, confirmou-a integralmente com a única emenda de serem doze os camelos, Ou treze, contando o próprio U-Tong. O segundo não teve opinião diferente, nem o terceiro, nem os restantes acadêmicos. Diferiam no estilo; uns diziam camelos, outros usavam circunlóquios e metáforas, que vinham a dar na mesma coisa. E, entretanto, nenhuma injúria ao caráter moral das pessoas. Kalafangko estava atônito.

E foi então que Kalafangko percebeu que a mentira e a hipocrisia – homossexualismo??? (talvez alegoria e sátira às academias literárias que Machado fundaria) dominava os acadêmicos, todos, prenes de individualidade, desprezavam seus pares mas eram orgulhosos de seu lema:

“Glória a nós, que somos o arroz da ciência e a claridade do mundo!”

Mas não foi esse o último espanto do rei. Não podendo consultar a academia, tratou de deliberar por si, no que gastou dois dias, até que a linda Kinnara lhe segredou que era mãe. Esta notícia fê-lo recuar do crime. Como destruir o vaso eleito da flor

que tinha de vir com a primavera próxima? Jurou ao Céu e à Terra que o filho havia de nascer e viver. Chegou ao fim do semestre; chegou o momento de destrocar os corpos.

Como da primeira vez, meteram-se no barco real, à noite, e deixaram-se ir águas abaixo, ambos de má vontade, saudosos do corpo que iam restituir um ao outro. Quando as vacas cintilantes da madrugada começaram de pisar vagarosamente o céu, proferiram eles a fórmula misteriosa, e cada alma foi devolvida ao corpo anterior. Kinnara, tornando ao seu, teve a comoção materna, como tivera a paterna, quando ocupava o corpo de Kalafangko. Parecia-lhe até que era ao mesmo tempo mãe e pai da criança.

- Pai e mãe? repetiu o príncipe restituído à forma anterior.

Kalaphangko planeja matá-la para não desfazer a troca, porém quando ela revela estar grávida e o rei sente-se incapaz de matar seu próprio filho, símbolo da virilidade que lhe restava e aval da continuidade da linhagem real. Ou seja, primeiro Kinnara consegue fazer a troca de corpos através de um beijo e depois logra não ser morta pela maternidade, todas armas femininas???? Ou será o feminino que planeja matar o masculino e é tomado pelo amor do filho?

O conto termina com um barco que passa pelo barco real onde estão os acadêmicos que cantam:

“Glória a nós, que somos o arroz da ciência e a claridade do mundo!”